

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DAS RELAÇÕES
POLÍTICAS**

FÁBIO TEIXEIRA OLIVER

**O LIBERTADOR ESTÁ VIVO: REINVENÇÃO E USO DO MITO BOLIVARIANO
NO GOVERNO DE HUGO CHÁVEZ**

Vitória

2015

FÁBIO TEIXEIRA OLIVER

**O LIBERTADOR ESTÁ VIVO: REINVENÇÃO E USO DO MITO BOLIVARIANO
NO GOVERNO DE HUGO CHÁVEZ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em História, na área de concentração em História Social das Relações Políticas.

Orientador: Prof. Dr. Fabio Muruci dos Santos

Vitória

2015

Fábio Teixeira Oliver

O Libertador está vivo: uso e reinvenção do mito bolivariano no governo de Hugo Chávez.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito final para a obtenção do título de mestre em História, na área de concentração em História Social das Relações Políticas.

Aprovada em _____ de _____ de 2015.

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Fabio Muruci dos Santos
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
Orientador

Prof. Pós-Dr. Ricardo Antonio Souza Mendes
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ
Examinador Externo

Prof. Pós-Dr. Antonio Carlos Amador Gil
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
Examinador Interno

Prof. Dr. Josemar Machado de Oliveira
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
Examinador Interno

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Oliver, Fábio Teixeira, 1984-

O481 O libertador está vivo: uso e reinvenção do mito bolivariano
no governo de Hugo Chávez / Fábio Teixeira Oliver. – 2015.
115 f.

Orientador: Fábio Muruci dos Santos.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal
do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Bolívar, Simón, 1783-1830. 2. Chávez Frías, Hugo, 1954-
2013. 3. Mito. 4. Venezuela. Presidente (1999-2013 : Chávez
Frías). I. Santos, Fábio Muruci dos. II. Universidade Federal do
Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III.
Título.

CDU: 93/99

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que de alguma forma me ajudaram a chegar ao final desse árduo e longo processo, seja incentivando, auxiliando nas pesquisas, nas revisões e nas ideias, ou simplesmente contribuindo para que tal fase de intensa correria e dedicação pudesse ser encarada com mais leveza e satisfação. À família sempre participativa, aos amigos que compreenderam minhas ausências e me alegraram em minhas presenças, aos colegas de turma e professores do PPGHIS pelas discussões sempre enriquecedoras, aos professores Tom Gil e Josemar Machado, que compuseram minha banca de qualificação e me direcionaram no sentido de melhorar minha dissertação, e aos colegas de trabalho por muitas vezes “quebrarem meu galho” em momentos no qual eu necessitava me focar nos estudos.

Agradeço especialmente ao meu orientador Fabio Muruci, pela presteza, pelos conselhos, pelas cobranças, mas principalmente pelo jeito fácil e prático de lidar: muito obrigado, professor! Dificilmente me aventuraria em tal empreitada sob a orientação de outra pessoa.

E meu agradecimento maior vai para minha esposa Ayala Pelegrine, companheira de todos os momentos, principal incentivadora dos meus estudos e responsável maior por me ajudar no combate ao desânimo e à procrastinação. Você me faz querer ser uma pessoa melhor a cada dia.

RESUMO

A presente dissertação visa analisar de que maneira o ex-presidente venezuelano Hugo Chávez procurou reconstruir a figura do maior herói de seu país, Simón Bolívar, e fazer uso dela como o principal estandarte de seu governo. O objetivo desta pesquisa é demonstrar de que forma Chávez se valeu de um elemento tradicional e recorrente na esfera política local (o mito bolivariano), se diferenciando, no entanto, ao defender que Bolívar seria detentor de ideais revolucionários e populares, e que, portanto, poderia ser usado como suporte teórico de um processo de ruptura na sociedade venezuelana (marcado pela opressão de uma minoria sobre a maior parte da população), enquanto a grande maioria dos governos o utilizou através de um viés agregador. Esse uso de Bolívar, inserido como mentor de um governo que se propunha como revolucionário, será demonstrado através da análise de discursos em que Chávez faz menção a tais características do Libertador e defende a pertinência dos ideais bolivarianos no atual contexto da Venezuela. Nesse ensejo, serão abordados o cenário histórico-político que marca a Venezuela pré-Chávez, as origens do culto a Bolívar e sua incorporação à esfera política venezuelana, assim como os diferentes usos do mito bolivariano pelos líderes políticos locais. Tal abordagem culminará na análise a respeito da construção do Bolívar chavista, suas estratégias de uso e a tentativa de se criar uma imagem mítica em torno do ex-presidente com base em tais referências.

Palavras-Chaves: Mito Político; Venezuela; Simón Bolívar; Hugo Chávez.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze how the former Venezuelan president Hugo Chavez sought to reconstruct the figure of the greatest hero of his country, Simón Bolívar, and to use it as the main standard of his government. The objective of this research is to demonstrate how Chavez took advantage of a traditional and recurring element in the local political sphere (the Bolivarian myth), differing, however, to argue that Bolivar would be holder of revolutionary and popular ideals, and therefore, it could be used as theoretical support of a breaking process in Venezuelan society (marked by oppression of a minority over the majority of the population), while the vast majority of governments used it through an aggregator bias. This use of Bolívar, entered as mentor of a government which proposed as revolutionary, will be demonstrated through the analysis of speeches in which Chavez makes mention of such features of the Liberator and defends the relevance of the Bolivarian ideals in the current context of Venezuela. In this occasion, will discuss the historical and political landscape that marks the pre-Chavez Venezuela, the origins of the cult of Bolívar and its incorporation into the sphere Venezuelan politics, as well as the different uses of the Bolivarian myth by local political leaders. Such an approach will culminate in the analysis concerning the construction of Chavez's Bolivar, their use of strategies and the attempt to create a mythic image around the former President based on such references.

Key Words: Political Myth; Venezuela; Simón Bolívar; Hugo Chavez.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1- DO PETRÓLEO AO CAOS: CENÁRIO HISTÓRICO DA VENEZUELA PRÉ-CHÁVEZ	24
2- BOLÍVAR E BOLÍVARES: O HERÓI, O CULTO E O MITO	40
2.1 O culto a Bolívar.....	41
2.2 Um herói multifacetado: o mito bolivariano e seus usos na política venezuelana....	60
3- REVOLUÇÃO BOLIVARIANA: O USO DE BOLÍVAR NO GOVERNO DE HUGO CHÁVEZ	71
3.1 O <i>staff</i> revolucionário.....	73
3.2 Os herdeiros da luta de Bolívar	83
3.3 Bolívar reencarnado?	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	110

INTRODUÇÃO

O dia 05 de março de 2013 foi marcante para a sociedade venezuelana. Se o curto espaço de tempo decorrido desde tal data impossibilita afirmar que o referido dia encerrou uma nova era política na Venezuela - cheia de propostas de mudanças no cenário nacional e com um papel ativo, e ao mesmo tempo polêmico, na comunidade internacional - é notório que marcou o término de um processo que culminou na elevação de um líder político a uma espécie de ente sobrenatural, quase uma santidade.

O episódio em questão é a morte do líder político Hugo Rafael Chávez Frias. Após sucumbir a um câncer que já o atormentava havia algum tempo, o ex-presidente foi velado durante sete dias, tendo seu corpo cortejado por milhares de venezuelanos e exposto na Academia Militar de Caracas em uma homenagem sem precedentes na história recente do país. Longas filas se formaram para que a população pudesse se despedir do principal condutor da Revolução Bolivariana, assim como fizeram os diversos líderes políticos presentes em tal cerimônia.

Em sua jornada como presidente da Venezuela, Chávez dividiu opiniões e criou polêmicas, colecionando adeptos e inimigos – tanto dentro quanto fora dos limites de seu território - sendo adorado e ridicularizado durante toda sua permanência no poder. Todavia, a grande diferença entre os admiradores e os opositores, principalmente dentro do próprio país, esteve na forma como sua imagem foi construída e absorvida pelos dois lados em questão. Enquanto os críticos enxergavam Chávez como um demagogo, um populista (no sentido mais pejorativo que o termo possa ter), seus seguidores foram parte essencial na construção de uma imagem quase divina, na qual o ex-presidente seria o novo redentor nacional, capaz de libertar o povo e interceder pelo futuro do país.

Durante o processo de construção dessa imagem sobrenatural, Chávez se valeu de alguns recursos presentes na identidade do povo venezuelano, especialmente de uma prática que é utilizada recorrentemente desde os primórdios da república pelos políticos locais para buscar o apoio popular: a manipulação em torno do mito de Simón Bolívar. Longe de ser uma inovação chavista, a utilização da simbologia que diz respeito ao líder militar e principal herói nacional sempre foi um fator constante na política da Venezuela desde os tempos da

independência, sendo que tal apropriação é feita de forma que os ideais do Libertador de Caracas pareçam estar sempre de acordo com o regime político, em voga ou proposto.

A história venezuelana nos apresenta registros de que Bolívar já foi utilizado para defender propostas de direita e esquerda, conservadoras e liberais, democráticas e autoritárias. A constante nesses casos é que o personagem em questão é moldado para que pareça estar sempre abençoando os regimes políticos nos quais ele é resgatado como fonte de legitimação de poder – por mais opostos que sejam. Como observou o historiador venezuelano Germán Carrera-Damas: “Imposible dar un paso por la vida venezolana sin tropezar con la presencia de Bolívar”.¹

No entanto, um ponto importante diferenciou tal prática no governo de Chávez. Rompendo com a forma tradicional de utilização das referências ao Libertador, Chávez defendeu um Bolívar revolucionário, detentor de ideais contemporâneos e adepto de valores como a justiça social e a participação popular na esfera política, enquanto a maioria dos líderes políticos venezuelanos adotou uma imagem agregadora de Bolívar, que funcionasse como um símbolo de integração nacional.

Ao pregar a adoção de Bolívar como teórico político de um governo tido como revolucionário, o ex-presidente defendeu que os ideais do militar poderiam ser de grande valia no contexto político venezuelano da época, justificando que o país passava no momento de sua ascensão ao poder por um embate que remetia ao período colonial. Chávez alertava sobre a ameaça de uma coligação formada por segmentos contrários às causas populares – englobando principalmente a oligarquia petrolífera e a elite midiática, aliados aos EUA – que deveria ser combatida da mesma forma que foram os colonizadores europeus.

Tal utilização fica clara ao observarmos a nova constituição venezuelana, aprovada no dia 15 de dezembro de 2009 por 71% da população, através de plebiscito, que começou a vigorar em 1º de janeiro de 2000. Já no preâmbulo da nova magna carta é evocado o exemplo histórico de Simón Bolívar, assim como declara o artigo primeiro, responsável pela inclusão do termo “bolivariana” ao título oficial da república da Venezuela: “Venezuela se declara República Bolivariana, irrevocablemente libre y Independiente, y fundamenta su patrimonio

¹ CARRERA-DAMAS, Germán. **El culto a Bolívar**. Caracas: Biblioteca de la Universidad Central de Venezuela, 1973. p. 19.

moral y sus valores de libertad, igualdad, justicia y paz internacional, en la doctrina de Simón Bolívar, el Libertador”.²

Assim, desde a primeira vez em que surgiu no cenário político venezuelano – em uma tentativa frustrada de golpe de Estado, em 04 de fevereiro de 1992³ – até os dias que marcaram o fim de seu governo, Chávez e sua equipe de apoio trabalharam no sentido de absorver toda a força simbólica que há em torno de Simón Bolívar e utilizá-la de modo a justificar suas ações políticas e embasar suas propostas de governo.

Tal intencionalidade fica evidente logo em seu primeiro discurso público, conhecido como “*Por Ahora*”, proferido justamente após o fracasso de seu levante. Desde o momento em que apareceu aos olhos da população venezuelana, Chávez já se valia das referências a Bolívar, de forma que ele próprio caracterizou sua ação como um movimento bolivariano, ou seja: sua tentativa de tomar o poder seria somente o início de um movimento que remetia aos ideais do Libertador rumo a uma Venezuela livre e autônoma. A própria denominação do movimento que tentou o golpe - Movimento Bolivariano Revolucionário-200 (MBR-200) – já revela um conhecimento sobre o poder simbólico de Bolívar. Disse Chávez após se entregar:

Companheiros: lamentavelmente, por enquanto, os objetivos que nos propusemos não foram alcançados na capital. Quero dizer, nós, aqui em Caracas, não conseguimos controlar o poder. Ouçam o comandante Chávez que lança esta mensagem para que, por favor, reflitam e deponham as armas. Companheiros: ouçam esta mensagem solidária. Agradeço-lhes sua lealdade, agradeço-lhes sua valentia, desprendimento e, diante do país e de vocês, assumo a responsabilidade por esse movimento militar bolivariano.⁴

Assim, desde quando se tornou figura pública até o dia de sua morte, Chávez fez uso recorrente das referências a Bolívar. Seja através de uma frase diária do Libertador no site oficial do governo venezuelano, seja na utilização de retratos de Bolívar velando grande parte de seus discursos oficiais, ou mesmo propondo uma espécie de revisão histórica – ao propor o debate acadêmico sobre os ideais de Bolívar, num esforço por recuperar algumas das ideias do Libertador que pudessem ter valor político no presente⁵ – Chávez soube trabalhar muito bem o mito bolivariano como recurso para buscar o apoio popular em seu governo. E a principal

² **Constitución de la República Bolivariana de Venezuela.** Disponível em:

<http://www.oas.org/juridico/mla/sp/ven/sp_ven-int-const.html>. Acesso em: 16/04/2014.

³ Desde a chegada de Chávez ao poder é comemorado anualmente nessa data o “Dia da Dignidade e da Rebelião Bolivariana”.

⁴ Discurso disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=VBUo-pYeVfQ>>. Acesso em: 16/04/2014.

⁵ GOTT, Richard. **À sombra do libertador: Hugo Chávez Frias e a transformação da Venezuela**, São Paulo: Expressão Popular, 2004. p. 136.

arma do ex-presidente para relacionar suas propostas de governo com a figura do Libertador foi a força de sua retórica: imponente, envolvente e, principalmente, muito bem assimilada pelos segmentos populares do país.

Partindo da ideia de que essa reconstrução da figura de Bolívar foi o pilar principal do discurso chavista, algumas questões podem ser levantadas, tais como: Chávez e sua equipe de governo tiveram intenção de trabalhar o mito bolivariano de forma que o ex-presidente fosse visto como um sucessor das lutas do Libertador? Que imagem Chávez buscou atribuir a Bolívar? Como as referências a Bolívar eram feitas de forma a evitar as problematizações e críticas em torno de seu papel de herói? Até que ponto o momento histórico vivenciado pela Venezuela beneficiou o sucesso de tal projeto?

Decorrente de tais questões, o presente trabalho se encaminhará no sentido de compreender como Chávez se valeu de um recurso que remete a um importante aspecto do imaginário venezuelano – e de conhecida eficiência na prática política do país – como fonte de respaldo político e adesão popular. Todavia, em um contexto de intensa insatisfação popular e descrença nas instituições políticas do país, Chávez oferece uma nova apropriação do personagem símbolo da identidade nacional, fazendo uso de um Bolívar revolucionário e antiimperialista.

O desenvolvimento desta pesquisa será norteado por alguns objetivos. O primeiro deles, e principal, é analisar de que forma Chávez e sua equipe de governo se apropriaram do mito bolivariano, de modo que a utilização das referências ao Libertador de Caracas fosse feita através de um viés popular e revolucionário, defendendo a ideia de Bolívar como um teórico que poderia dar contribuições concretas ao momento atual da sociedade venezuelana (marcado pela opressão de uma oligarquia sobre a grande parcela da população) e não como um personagem que deveria ser lembrado apenas por feitos passados.

Almeja-se demonstrar que Chávez se valeu de uma versão inédita de Bolívar, pelo menos no que diz respeito à visão do executivo. O ex-presidente venezuelano inaugurou na esfera governamental uma interpretação de Bolívar que até então não havia sido utilizada como discurso oficial, na qual o Libertador é visto como um personagem revolucionário, cujos ideais giram em torno da igualdade, da justiça e da liberdade, avesso, assim, a qualquer tipo de exploração e opressão ao povo venezuelano.

Dessa forma, o herói nacional que sempre foi utilizado como símbolo de unidade e coesão entre o povo venezuelano, foi resgatado no governo chavista como justificador de um embate nacional, necessário, segundo Chávez, em vista do cenário de exploração e privação de direitos que uma elite submissa ao capital estrangeiro, e, portanto, alheia aos interesses nacionais, estaria impondo à maior parte da população. Bolívar deveria, então, ser inspiração e tutor nesse novo processo de independência.

Tal construção em torno da figura de Bolívar, todavia, foi feita de forma que as discussões que contestam o caráter heróico do mesmo sejam evitadas. É fato que algumas questões como a igualdade racial (incluindo temas como o escravismo e o tratamento aos indígenas), a participação popular no processo político, a luta contra a ameaça de dominação estrangeira, o papel das forças armadas, e a própria noção de “povo venezuelano” podem divergir bastante ao confrontarmos passagens das cartas do Bolívar original com o repaginado Bolívar chavista, ou mesmo quando nos deparamos com algumas obras que não seguem tal lógica de adoração ao líder militar. No entanto, a apropriação e o uso de Simón Bolívar feitos por Chávez foram feitas no sentido de criar um personagem quase ideal.

Além disso, a defesa de Chávez de que o legado político de Bolívar poderia ter validade no novo contexto histórico venezuelano se choca, por muitas vezes, com a forma como o próprio ex-presidente se refere ao Libertador em grande parte de seus discursos. Ao mesmo tempo em que defende a pertinência dos ideais bolivarianos nessa “nova independência”, designando-o como o principal teórico político do processo revolucionário em curso, Chávez passa em diversos momentos de suas alocações públicas a ideia de Bolívar como sendo um ser sobre-humano, uma espécie de espírito onipresente que guiaria os passos do que lutam pela libertação do país.

Para chegar a tais metas, são necessários alguns passos preliminares. Antes de iniciar a abordagem sobre as particularidades do governo Chávez no que diz respeito à reinvenção do mito bolivariano, é imprescindível explicitar bem o momento histórico em questão e entender porque o resgate de Bolívar, que sempre foi uma estratégia eficaz na Venezuela, veio de novo a calhar em tal cenário.

Um fator importante na pesquisa é investigar de que forma Bolívar vem sendo resgatado ao longo da história venezuelana pelos líderes políticos como fator de respaldo

político e apoio popular. É necessário, para tal, abordar a força do mito bolivariano na Venezuela, além de um breve histórico da utilização deste na esfera política, identificando de que forma a figura de Bolívar é reformulada de acordo com o contexto histórico vivenciado e conforme as propostas e aspirações de quem se apropria de seu poder simbólico com fins de legitimação do poder político. Nesse contexto, serão apresentados brevemente aspectos como o papel do mito bolivariano na construção da identidade nacional venezuelana pós-independência, a incorporação do culto a Bolívar pelo Estado e a grande variedade de “Bolívares” que já foram reinventados e utilizados nas campanhas e discursos dos líderes políticos do país (os quais vão desde ditaduras militares à extrema esquerda).

No caso do governo Chávez, como já foi citado, Bolívar é resgatado por um viés revolucionário e antiimperialista. O próprio momento político e econômico em que o presidente ascendeu ao poder – marcado por uma crise na exportação do principal produto venezuelano, somada a uma forte insatisfação popular - além da óbvia formação de esquerda de Chávez ofereceram o terreno ideal para os moldes de tal reinvenção. Portanto, é interessante também apresentar o cenário histórico venezuelano na época em que Chávez surge como figura pública.

Estarão presentes nesse panorama alguns aspectos importantes, como a crise do petróleo, iniciada no final da década de 70, a qual despertou na população uma grande insatisfação em vista das desigualdades construídas com base nos lucros do ouro-negro. Tal ódio foi direcionado principalmente contra a elite petrolífera e contra os EUA, principal comprador do petróleo venezuelano.⁶

Somando-se ao momento econômico instável, será abordada também a crise política, fomentada pelas denúncias de corrupção no governo Andrés Perez e pelo surgimento de grupos rebeldes que se articulavam no sentido de aglutinar a grande massa contra o regime vigente na época. Tal clima de ebulição veio de fato a explodir em 27 de fevereiro de 1989, no episódio conhecido como *Caracazzo*.⁷

⁶ Vale ressaltar que tal sentimento contra o norte e sua política neoliberal também é um ponto recorrente nos discursos do ex-presidente venezuelano.

⁷ Episódio em que a população se revolta por conta de um aumento no preço das passagens do transporte público e sai às ruas em uma das maiores manifestações da história venezuelana. A polícia reage vorazmente e o episódio termina em um banho de sangue. Maiores informações estão presentes no capítulo I.

O cenário decorrente de tal episódio era propício para que a oposição, apoiada principalmente entre pelas classes menos favorecidas, agisse. E é exatamente dentro de tal contexto que surge a figura de Chávez, líder de uma tentativa de golpe fracassada que lhe rendeu a prisão. A mensagem de Chávez à população, informando sobre o fracasso de seu levante, não dura muito tempo. Mas os traços mestiços do coronel, sua boina vermelha e a energia de suas palavras se tornariam desde então presentes no imaginário do povo venezuelano.

O nome de Chávez passou a ser conhecido nacionalmente e as esperanças do surgimento de um líder que comandaria a insatisfação popular na Venezuela se tornavam concretas. O até então rebelde passa a ser tido como um novo herói, o homem que com sua atitude de enfrentamento, suas palavras fortes e sua coragem, teria condições de canalizar toda a fúria da população contra o governo Perez e, mais que isso, contra sua política econômica neoliberal. Tanto que, em 1998, Chávez vence as eleições e inicia um dos governos de maior embate político da história do país.

A problemática sugerida (a reinvenção de um herói nacional que exerce um poder mítico em determinada comunidade e sua utilização como estratégia política) requer a utilização de um referencial teórico que dê conta da complexidade de tal tema. A pesquisa, portanto, terá como suporte básico o conceito de mito político. A abordagem de tal conceito-chave, assim como o debate acadêmico sobre o mesmo, será feita no decorrer do texto, ao discutirem-se as origens do culto a Bolívar, seu processo de mitificação e seus usos políticos, culminando em sua utilização como mentor da revolução proposta por Chávez.

Ao utilizar tal conceito em um trabalho que visa abordar um processo político, é importante ressaltar que esta pesquisa encontra-se inserida num âmbito de renovação da História Política, aonde novos campos de conhecimento vêm ganhando força.

Por longos séculos, o estudo da História foi conduzido no sentido de simplesmente narrar alguns marcos principais e colocá-los em ordem cronológica. Tal abordagem se restringia a grandes feitos como guerras, conquistas e revoltas, sempre se concentrando em personagens políticos individuais. Tratava-se da chamada “História dos reis e príncipes”. Segundo o historiador brasileiro Francisco Falcon, esse tipo de história foi inaugurada com os

gregos e manteve-se como modelo predominante até meados do século XX, passando a ser designada durante esse período de hegemonia como *História Política*.⁸

As primeiras propostas significativas de combate à História Política tradicional começam a surgir somente no século XX, a partir da emergência de novas correntes teórico-metodológicas como a escola dos *Annales* e o marxismo. Tais correntes historiográficas inovaram principalmente no sentido de não se restringirem simplesmente a narrar os fatos históricos, buscando hipóteses explicativas que perpassassem a neblina dos eventos.

Considerando que o essencial da história estava muito além da esfera política, tais correntes focaram suas análises em campos diversos, como o econômico ou o social. Como bem exemplificou o historiador francês Jacques Julliard, o antigo modelo de História Política já se apresentava ultrapassado em vários aspectos:

A história política é psicológica e ignora os condicionamentos; é elitista, talvez biográfica e ignora a sociedade global e as massas que a compõem; é qualitativa e ignora as séries; seu objetivo é o particular e, portanto, ignora a comparação; é narrativa, e ignora a análise; é idealista e ignora o material; é ideológica e não tem consciência de sê-lo; é parcial e não o sabe; prende-se ao consciente e ignora o inconsciente; visa aos pontos precisos e ignora o longo prazo; em uma palavra, uma vez que essa palavra tudo resume na linguagem dos historiadores, é uma história factual.⁹

O marxismo passou a condenar a história política tradicional basicamente em três pontos principais: por ser uma presa fácil da ideologia ao se desvincular da totalidade histórica; por seu caráter elitista – baseando-se apenas nos grandes personagens políticos; e por sua ideia de continuidade, de progresso relacionado ao futuro.¹⁰

No caso dos *Annales*, as contribuições foram frutos de três gerações diferentes. Com a publicação da revista *Anais de História Econômica e Social* em 1920, Marc Bloch e Lucien Febvre inovaram principalmente ao propor a *história problema*, ou seja: um estudo histórico que fosse norteado por uma problemática a ser esclarecida. Em seu segundo momento, inaugurado quando Braudel assume a revista em 1959, observa-se uma forte tendência em se fazer uma história baseada na média e longa duração, procurando traços de continuidade e

⁸ FALCON, Francisco. História e poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da história**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 61.

⁹ JULLIARD, Jacques. A política. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). **História: novas abordagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 81.

¹⁰ FALCON, Francisco. História e poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da história**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 74.

ruptura para além dos grandes eventos políticos, condenando-os ao tempo curto, e dando maior ênfase a aspectos mais duradouros.¹¹

Contudo, muitas dessas novas vertentes passaram a condenar o próprio papel da política dentro dos estudos históricos. O campo político passou a ser visto como simples reflexo de outras determinantes, como por exemplo, a economia e a cultura. Paralelo a esse descrédito, alguns estudiosos defendiam que a política era sim um aspecto indispensável às análises históricas, mas concordavam que a forma como vinha sendo abordada em sua forma tradicional não contemplava análises mais profundas.

Dessa forma, foram propostas algumas inovações no modo de se fazer uma História Política. Novos métodos passaram a ser utilizados - englobando técnicas de outras áreas como, por exemplo, a própria ciência política¹² - assim como novos objetos de estudo foram considerados parte do campo político. Tal renovação ampliou até o mesmo o próprio conceito do que se entende por político. Observa-se que para além de uma “política” concentrada simplesmente nas ações do Estado, o foco de análise expandiu-se e hoje abrange os mais distintos elementos que compõe as relações de poder.

Acerca dessa renovação, o historiador Pierre Rosanvallon defende que o objeto político contemporâneo deve ser entendido como tudo que fornece sentido a um determinado grupo e contribui para criar um sentimento de pertencimento entre seus habitantes. Ou seja: o político qualifica o processo pelo qual um agrupamento humano adquire as características de uma comunidade.¹³

Em sua proposta de uma história filosófica do político, o autor defende que o objetivo desse novo enfoque é justamente ampliar o raio de análise para todos os aspectos responsáveis pela construção de uma determinada ordem e coesão social. O político, portanto, não deve ser enxergado como um campo restrito, a parte dos demais. Ele dialoga, e está implícito, com todo o sistema de representação que estabelece a ordem e o modo como as partes se relacionam em determinada comunidade. Sobre tal ampliação, Rosanvallon afirma que:

Devemos, de fato, nos mover na direção de uma história política total a fim de construir o sentido do político em toda sua complexidade. Hoje são muitas

¹¹ FERREIRA, Marieta de Moraes. A nova “velha história”: o retorno da história política. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, n. 10, 1992. p. 265.

¹² CARDOSO, Ciro Flamarion. História e poder: uma nova história política? In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Campus, 2012. p.45.

¹³ ROSANVALLON, Pierre. **Por uma história do político**. São Paulo: Alameda, 2010. p.72.

as vias pelas quais a história se renova... Nesse sentido, a história do político pode extrair conhecimentos da história cultural, da história social; da clássica história das instituições políticas e da história das ideias.¹⁴

O historiador francês René Rémond também defende essa flexibilidade do objeto político, afirmando que a política se relaciona com diversos outros setores - ora determinando, ora sendo determinada. Trata-se de um campo abstrato, assim como o econômico ou o social, que adquire concretude no cotidiano das relações, sendo o ponto para onde confluem todos os componentes da trama social. Segundo ele, “o político não tem fronteiras naturais. Ora ele se dilata até incluir toda e qualquer realidade... Ora ele se retrai ao extremo... Na verdade, o campo do político não tem fronteiras fixas, e as tentativas de fechá-lo dentro de limites traçados para todo o sempre são inúteis”.¹⁵

Dentro desse contexto de ampliação nota-se o crescente interesse por um campo de pesquisa que por muito tempo não foi explorado adequadamente pelos historiadores, apesar de englobar componentes há muito manipulados por políticos e grandes líderes como forma de obter respaldo para suas ações: o imaginário. A utilização de elementos que compõe tal campo como estratégia política já se mostrou eficaz nos mais variados modelos de governo, em diversas épocas, e visando também os mais distintos objetivos, contudo sua inserção nos estudos históricos é relativamente recente. Por muito tempo relegado à esfera da fantasia e do inconsciente, a análise de elementos do imaginário não era bem aceita nos estudos historiográficos, em especial devido a um paradigma que valorizava o pensamento pautado em aspectos racionais e científicos.

Ao tratar a respeito das novas perspectivas e objetos de estudo da História Política na obra *Domínios da história*, Francisco Falcon aponta uma tendência crescente em se utilizar componentes do imaginário nas análises políticas a partir de 1970, com a ascensão da Nova História Cultural. Em um momento em que as razões cartesianas e as “verdades incontestáveis” oriundas do processo científico e dos esquemas explicativos globais se mostravam insuficientes (o que veio acompanhado de uma ampliação dos objetos de análise do historiador e de uma busca incessante pela interdisciplinaridade), análises que contemplam

¹⁴ Ibidem, p.47.

¹⁵ RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996. p. 444.

as representações sociais e coletivas, os mitos, as memórias coletivas e as mentalidades ganharam maior atenção dos historiadores do político.¹⁶

Os elementos do imaginário de determinada comunidade podem oferecer um alicerce sólido para a legitimação do poder quando incorporados ao discurso político, como defende José Murilo de Carvalho em seu estudo sobre o imaginário republicano no Brasil. Ao se utilizar de elementos que despertem emoções, os líderes políticos buscam respaldar seus discursos em valores e ideias que estão arraigados a um determinado grupo social, como seus mártires, seus ancestrais, suas lutas, ou seja: traços marcantes de sua identidade. Tal estratégia apresenta êxito principalmente em momentos de crise ou de grande comoção social, haja vista que é no campo do imaginário que as sociedades definem seus medos, sua identidade, seus heróis, seus inimigos e organizam seu passado, presente e futuro.¹⁷

De acordo com Raoul Girardet, analisar o imaginário pode trazer indícios importantes para o entendimento dos processos políticos dentro de determinada sociedade. O autor francês defende que:

O imaginário político não se furta por isso a toda tentativa de reflexão geral. Para quem aceita reinseri-las na trama de uma história global de nossas sociedades contemporâneas, e interrogar-se tanto sobre as condições de sua gênese e de seu desenvolvimento quanto sobre as suas funções que elas são chamadas a cumprir, as manifestações desse imaginário tendem mesmo a adquirir o valor de um verdadeiro revelador.¹⁸

Considerar os aspectos ligados ao imaginário nos estudos históricos (em especial na História Política) pode ser, portanto, uma eficiente ferramenta. Todavia não se deve atribuir a tal campo a chave mestra para elucidar toda a complexidade do real. Ainda que o imaginário tenha sua importância ao sustentar “o que não está formulado, o que permanece aparentemente como não significante”¹⁹, faz-se necessária sua correlação com os contextos econômico, social e político do período histórico abordado. Reconhecer a importância do imaginário, portanto, não o desvincula da teia que envolve o conhecimento histórico.

A respeito de tal campo de conhecimento emergente, uma importante abordagem é a do polonês Bronislaw Baczko. Ao abordar o tema do imaginário em verbete escrito para a

¹⁶ FALCON, Francisco. História e poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Org.). **Domínios da história**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 85.

¹⁷ CARVALHO, José Murilo. **A formação das Almas**: o imaginário da república no Brasil. São Paulo: Schwarcz, 2005. p. 10.

¹⁸ GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das letras, 1987. p. 179.

¹⁹ VOLVELLE, Michel. **Ideologias e Mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1987. p.19.

Enciclopédia Einaudi, o filósofo e historiador polonês procurou definir e esclarecer esta nova ideia acadêmica que circulava nas Universidades da Europa e tratar de sua incorporação como objeto de análise na História Política.

Segundo o autor, o termo imaginário é marcado por uma forte polissemia, contudo pode ser entendido como um campo da vida social de determinada comunidade onde os sistemas simbólicos ganham significado e, dessa forma, atuam nas relações de poder de tal grupo. Para Backzo, qualquer forma de controle, sobretudo o político, se rodeia de representações coletivas e, portanto, o domínio do imaginário e do simbólico é essencial nas análises sobre a legitimação de poder.

Backzo não vê grandes atribuições no uso do adjetivo “social” (assim como outros autores, como, por exemplo, o francês Raoul Girardet, se referem ao imaginário “político”). Na verdade, tais complementos servem para mostrar como a imaginação - entendida na esfera individual - vai de encontro ao coletivo, somando-se a um tipo de pensamento em comum que engloba valores e características de uma determinada comunidade. Tal imaginário, por sua vez, se relaciona com questões que envolvem política e poder, tais como o papel das instituições e a imagem do chefe. Segundo Backzo:

É assim que, através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa a sua identidade; elabora certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças em comum; constrói uma espécie de código de bom comportamento designadamente através da instalação de modelos formadores, tais como o do “chefe”, o “bom súdito”, o “guerreiro corajoso”, etc.²⁰

Tal identidade é fortalecida pela produção de símbolos que representam tais aspectos do imaginário de uma comunidade. Esses sistemas simbólicos nutrem uma espécie de pensamento coletivo, no qual os indivíduos se enxergam como fazendo parte de um grupo que contém uma mesma história, uma noção semelhante de organização social, além de valores e características em comum. A utilização desses símbolos é indispensável à prática política, tendo em vista que tal manipulação pode facilitar em muito o estabelecimento do poder. Como bem observou Ciro Cardoso a esse respeito, “força e violência não explicam tudo... O poder não serve somente para reprimir, mas também para organizar a trama social mediante o

²⁰ BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Antropos, 1985. p. 309.

uso de saberes, o que é de grande relevância, já que tal poder não é atributo de alguém que o exerce, mas sim uma relação”.²¹

O imaginário, portanto, ao mesmo tempo em que oferece as pistas sobre a visão de mundo de cada sociedade - suas tradições, seus costumes e suas demandas - e noções acerca do modo de convivência e organização entre os indivíduos dentro de tal grupo, também funciona como uma espécie de modelo comportamental. Dessa maneira ele informa acerca da realidade ao mesmo tempo em que constitui um apelo a comportar-se de determinada maneira.

O segundo capítulo consistirá justamente em analisar a importância da figura de Bolívar no imaginário venezuelano. Para alcançar tal meta, será feita inicialmente uma exposição sobre o personagem analisado, ressaltando seus feitos, seus ideais e a discussão em torno das variadas interpretações acerca de seu pensamento. Para se fazer entender o papel de Bolívar no imaginário venezuelano, será também analisado brevemente o culto que se criou em torno do Libertador, assim como a apropriação de sua imagem pelo Estado venezuelano e sua utilização pelos líderes políticos locais.

No terceiro capítulo o enfoque será especificamente na abordagem que Hugo Chávez faz da figura e dos ideais de Bolívar. Pregando a implementação de um governo revolucionário na Venezuela, o ex-presidente defende a visão de Bolívar como um contestador, cujos ideais utilizados na luta contra o opressor metropolitano poderiam ser retomados no atual cenário.

Discutir-se-á, portanto, a visão de Chávez e sua equipe de apoio sobre o caráter revolucionário de seu governo e a validade dos ideais bolivarianos dentro de tal contexto, assim como a opinião de alguns críticos desse processo. Nesse ensejo busca-se também identificar a tentativa, a partir da análise de como as referências à Bolívar são feitas, de se criar em torno de Chávez uma imagem que remeta à figura mítica do Libertador, aumentando assim sua legitimidade junto à população.

E para comprovar as características de tal uso, nada mais eficiente do que recorrer às falas do próprio ex-presidente, que, a propósito, são muitas. Chávez sempre teve a

²¹ CARDOSO, Ciro Flamarion. História e poder: uma nova história política? In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Campus, 2012. p. 41.

característica de fazer muitos discursos, extensos em sua maioria, e nas mais diversas ocasiões. A oratória, marcada pela voz forte e imponente e pelas falas inflamadas e sem muitas restrições, era notoriamente um grande talento de Hugo Chávez e, por isso mesmo, foi utilizada à exaustão como forma de conseguir adeptos às suas propostas e denunciar e confrontar os inimigos da Venezuela e da América Latina.

A terceira parte da pesquisa, portanto, buscará comprovar a ideia proposta de que Chávez inaugura um novo uso de Bolívar no âmbito do Estado durante seu governo, passando a imagem de um teórico político de ideais revolucionários e antiimperialistas, mas, por outro lado, apresenta o Libertador em muitos de suas falas de forma muito mais mítica do que prática, apresentando o personagem em questão como um ser metafísico, um tipo de guia espiritual do destino venezuelano. Tal hipótese será sustentada pela análise das referências que o ex-presidente fazia ao general em suas alocações públicas. A metodologia utilizada para atingir tal fim será a análise dos discursos políticos chavistas.

Dentro de tal ótica, é importante frisar que o recorte temporal deste trabalho abarca um fenômeno histórico que ainda encontra-se em curso (apesar da recente morte de Chávez, o atual presidente, Nicolás Maduro, busca dar continuidade às propostas políticas do ex-presidente). Dessa forma a pesquisa será conduzida de forma que a análise de nosso objeto de estudo está inserida na História do Tempo Presente.

Partindo então da concepção de que o resgate ao passado pode estar diretamente relacionado com problemas da atualidade, deve-se dar total relevância ao estudo de um fenômeno que se encontra em curso e se utiliza de meios que, apesar de discutidos, questionados e já conhecidos amplamente pelos historiadores, originam sempre uma situação específica ao variar de época e região.

Apesar das várias críticas feitas à História do Tempo Presente – como a possível aproximação passional entre objeto e pesquisador - uma das preocupações mais pertinentes ao se analisar um período histórico contemporâneo de quem o estuda está na seleção das fontes. Para o historiador francês Pieter Lagrou, o principal desafio na História do Tempo Presente está muito mais em lidar com a riqueza e imensidade das fontes disponíveis do que propriamente se preocupar com uma inovação metodológica. De acordo com Rousso, as

análises históricas focadas no presente devem seguir as mesmas exigências procedimentais de qualquer outra prática historiográfica.²² A respeito de tal questão, Lagrou defende:

É a quantidade das fontes escritas convencionais (arquivos, imprensa, narrativas) disponíveis que constitui nosso principal desafio de ordem metodológica. Na utilização e natureza das fontes consultadas, a prática da história do tempo presente é, de preferência, mais convencional que aquela dos períodos anteriores, nos quais a falta de fonte conduz à inventividade e à inovação metodológica.²³

Dentro de tal contexto, é optado o uso de fontes selecionadas pelo governo para publicação, por entender-se que, tais documentos, revelam a intencionalidade de Chávez e seu *staff* político em passar a imagem de um Bolívar condizente com a realidade histórica da época. Para tanto, os principais objetos de análise serão os discursos oficiais do ex-presidente que foram publicados entre 1999 e 2002 pela Editora da Presidência da República, divididos em quatro livros, intitulados: *1999: Año de la Refundación de la Republica*; *2000: Año de la Relegitimación de Poderes*; *2001: Año de las leyes habilitantes*; *2002: Año de la resistencia anti-imperialista*.

Além destes será utilizado também o livro “*El golpe fascista contra Venezuela: “Aquí está en juego la vida de la Patria”*”, uma compilação lançada pela Ediciones Plaza de Havana, que abarca o período de dezembro de 2002 a janeiro de 2003, momento em que a Venezuela ainda se via atormentada por uma situação política instável (em decorrência de um golpe articulado pela oposição em abril de 2002) e convivia com rumores de uma nova investida contra o governo. Apesar de tal obra não ser da editora oficial do governo, Cuba sempre foi aliada e modelo para Chávez, fazendo com que tal seleção de discursos também passe pelo crivo governista.

Explicitados então a pertinência de tal trabalho, os objetivos desejados, os documentos abordados, assim como o referencial teórico utilizado e a forma como a esta pesquisa será conduzida, encaminhar-se-á o presente estudo.

²² ROUSSO, Henry. A História do Tempo Presente, vinte anos depois. In: PÔRTO JR., Gilson (org.). **História do Tempo Presente**. Bauru: EDUSC, 2007. p. 296.

²³ LAGROU, Pieter. Sobre a atualidade da História do Tempo Presente. In: PÔRTO JR., Gilson. **História do Tempo Presente**. Bauru: EDUSC, 2007. p. 32.

CAPÍTULO 1

DO PETRÓLEO AO CAOS: CENÁRIO HISTÓRICO DA VENEZUELA PRÉ-CHÁVEZ

Antes de apresentar o panorama histórico da sociedade venezuelana até a ascensão de Chávez ao poder, explicitando seu cenário político e econômico e as contradições e conflitos inerentes a tal conjuntura, é essencial ressaltar a importância de um elemento que sempre esteve presente – e geralmente como protagonista - tanto nos momentos de prosperidade, quanto nas crises do país: o petróleo. A maioria dos eventos marcantes na Venezuela a partir do início do século XX, além de sua própria organização social, está, direta ou indiretamente, relacionada ao ouro negro.

Opta-se, neste estudo, por uma análise focada em tal elemento em vista da importância que o início da exploração petrolífera na Venezuela teve nas primeiras décadas do século passado, fazendo com que o país deixasse para trás uma economia baseada nas atividades agropecuárias para se tornar um dos maiores exportadores do principal combustível do momento, o que acarretou em uma brusca mudança, tanto internamente quanto no que diz respeito à sua importância internacional. Já no final da década de 20 o país tornara-se o segundo maior produtor de petróleo do mundo, atrás apenas dos EUA. Segundo a socióloga Margarita López-Maya, se não fosse pelo ouro negro a Venezuela provavelmente seguiria sendo um país pobre e de escassa relevância na América Latina.²⁴

A riqueza proveniente de seu principal produto ofereceu os moldes ao Estado, às classes sociais e a forma como essas se relacionavam, à organização institucional, aos partidos políticos e à própria expectativa e modo de vida dos venezuelanos. A ilusão construída sobre os lucros astronômicos do petróleo anestesiou por um longo período os conflitos sociais. Era majoritária no país a ideia de que as altas cifras que brotavam dos poços transformariam aquela região do Caribe em uma ilha de prosperidade econômica dentro de uma América Latina em crises permanentes.

²⁴ MARINGONI, Gilberto. **A Venezuela que se inventa: poder, petróleo e intriga nos tempos de Chávez**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 84.

Todavia, com o decorrer do tempo foi ficando claro que o mundo de sonhos proporcionado pelo petróleo não era acessível à grande maioria da população. Além da evidente desigualdade decorrente da concentração de renda proveniente da exploração petrolífera, foi-se evidenciando as deficiências em torno da própria prosperidade econômica do país. A dependência da exportação petroleira inibia o surgimento de atividades alternativas e contribuía com o enfraquecimento da indústria de base. Decorrente de tal fato, a dependência da Venezuela aos EUA crescia assombrosamente, já que este era o principal consumidor do óleo venezuelano e também fornecedor de produtos básicos, que o país importava em decorrência de sua debilidade produtiva.

Essa dependência do petróleo é um ponto crucial para entender-se a dinâmica da sociedade venezuelana e, conseqüentemente, analisar melhor os acontecimentos que marcaram a história recente do país até o governo Chávez - já que a própria emergência do ex-presidente ao poder deu-se em um período de instabilidade econômica e política decorrente das tramas envolvendo a maior fonte de riqueza do país. Mais do que entender o papel do combustível na economia venezuelana, é preciso compreender a relação entre petróleo, poder, dinheiro e sociedade. E para ilustrar melhor o surgimento de tal teia é válido retroceder aos primórdios do século passado.

Como já foi ressaltado, a Venezuela inicia o século XX com um país essencialmente agrário - com uma economia baseada principalmente em café, cacau e na criação de gado - despovoado, empobrecido e com uma importância quase nula no cenário internacional.²⁵ O período de instabilidade política, vivenciado a partir da independência em 1811, agravado com a morte de Simón Bolívar em 1830, e que persistiu até o final do século XIX (época em que o governo ditatorial de Cipriano Castro superou as disputas caudilhistas com a centralização do poder), travou também o desenvolvimento econômico do país até a virada do século.

É a partir do governo de José Vicente Gómez, em 1908, que a Venezuela começa a investir mais na exploração petrolífera, mudando em pouco tempo seu status: de uma imensa área agropastoril para um país emergente, de importância estratégica para o mundo capitalista em ascensão. Nessa época cresce a disputa pelas riquezas do subsolo venezuelano por

²⁵ YERGUIN, Daniel. **O petróleo**: uma história de ganância, dinheiro e poder. São Paulo: Scritta, 1993. p. 230.

empresas estrangeiras, sendo que já em 1926 o petróleo assume a liderança na pauta de exportações do país.²⁶

Tal corrida exploratória era incentivada por uma legislação que garantia estabilidade política, administrativa e fiscal, além de condições favoráveis no que diz respeito a concessões, *royalties* e cobrança de impostos (as principais mudanças feitas no intuito de reverter parte dos lucros do petróleo ao país só vieram com a lei dos hidrocarbonetos em 1920).²⁷

Diante do cenário econômico altamente favorável e promissor, a Venezuela passa a se urbanizar cada vez mais e, decorrente de tais mudanças, a ter duas novas classes compondo sua realidade social: uma promissora burguesia envolvida com as atividades relacionadas à exploração e importação do óleo nacional, e, por outro lado, um proletariado petroleiro crescendo na mesma proporção em que novas bacias eram descobertas. Com essa reorganização social proporcionada pelo ouro negro, surge a necessidade desses novos grupos organizarem-se no intuito de conseguir espaço político para defender seus interesses.

Em decorrência dessa nova realidade, formam-se, no período de governo do general López Contreras (1935- 1941), os embriões dos primeiros partidos políticos venezuelanos - já que a maior parte deles agiam na clandestinidade devido à repressão governamental. Muitos destes só são legalizados em 1941, quando o país já se encontrava sob o comando de Isaías Medina Angarita. Dois exemplos expressivos são o Partido Comunista Venezuelano (PCV) e o Partido Democrático Nacional (PDN) – o qual mais tarde se converteria na Acción Democrática (AD), agremiação política que teve papel fundamental nas próximas décadas da vida política venezuelana.²⁸

Em um momento onde o mundo se polarizava entre a direita, representada pelo nazi-fascismo, e o comunismo soviético, a Venezuela vivenciava o fortalecimento de um grupo político de discurso moderado, que fazia questão de deixar claro seu distanciamento de ambos os polos. A Acción Democrática, liderada por Rómulo Gallegos e Rómulo Betancourt, defendia a adequação do cenário venezuelano às novas exigências do mercado internacional de maneira gradativa e responsável, sem se submeter à mão de ferro do Estado ou aos anseios

²⁶ NEVES, Rômulo Figueira. **Cultura política e elementos de análise da política venezuelana**. Brasília: FUNAG, 2010. p. 44.

²⁷ Dados disponíveis no site da PDV Brasil, segmento da PDVSA (Petróleos de Venezuela S.A). Disponível em: <<http://www.pdvdo brasil.com.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=38>>. Acesso em: 08/05/2014.

²⁸ NEVES, Rômulo Figueira. **Cultura política e elementos de análise da política venezuelana**. Brasília: FUNAG, 2010. p. 44.

revolucionários da esquerda. Tal proposta fica clara no discurso de fundação da AD, feito por Gallegos em 13 de setembro de 1941:

“A Ação Democrática vem trabalhar sem estridências, sem bandeiras tumultuárias, sem rancores de classe e nem fome de represálias, para que, em um amanhã não muito remoto, nossas instituições, coladas às exigências de um tempo em marcha, amparem formas de convivência decorosas e apetecíveis. [...] Repudiamos a marcha a saltos convulsivos dos procedimentos revolucionários e reclamamos para nós o qualificativo de homens de ordem, sempre – claro está – que com esta palavra não se queira dizer outra coisa, inconfessável”.²⁹

O discurso da AD se fortalecia em um momento onde o apogeu da exploração petrolífera contrastava com o descontentamento de vários setores da sociedade venezuelana. No início dos anos 40, os campos da região do lago de Maracaibo eram responsáveis pelo abastecimento de mais de 60% do petróleo destinado às forças aliadas na Segunda Guerra Mundial. Contudo, o governo Medina Angarita não era bem visto pelas companhias estrangeiras, por conta da forte intervenção estatal nas negociações sobre o produto, assim como não agradava a grande massa, em vista principalmente da perseguição aos movimentos populares e da extinção da maioria dos sindicatos.

Frente a tal ambiente de descontentamento, agravado pela não inserção do sufrágio universal para o cargo de presidente na reforma constitucional de 1945³⁰, a AD organiza, em conjunto com jovens membros das forças armadas, uma manifestação que sai às ruas de Caracas em 17 de outubro de 1945 com cerca de 20 mil pessoas. Apenas três dias depois, uma junta revolucionária composta por militares e dirigentes da AD depõe Medina e assume o governo. Ironicamente o primeiro ensaio democrático da história venezuelana se inicia com um golpe de Estado.³¹

Contudo, a real consolidação de um período democrático só viria a concretizar-se em 1958. Isso porque a vitória de Gallegos no primeiro processo eleitoral direto da Venezuela (1947) trouxe medidas que limitavam a participação de militares no primeiro escalão do governo, enfurecendo os membros das Forças Armadas que logo acusaram o novo modelo de oferecer riscos à segurança institucional do país. Em novembro de 1948, uma junta trina

²⁹ GALLEGOS, Rómulo. Discurso no ato de fundação da Ação Democrática, 1941, In: **Documentos fundamentales de la historia de Venezuela (1770-1993)**. Caracas: CEC, 1999. p. 147-152.

³⁰ **Constitución de Venezuela de 1945**. Disponível em: <<http://www.angelfire.com/va/derecho/1945.html>>. Acesso em: 16/10/2014.

³¹ NEVES, Rômulo Figueira. **Cultura política e elementos de análise da política venezuelana**. Brasília: FUNAG, 2010. p. 44.

formada pelos tenentes coronéis Marcos Pérez Jiménez, Luis Felipe Llovera Paez e Carlos Delgado Chalbaud empreende um novo golpe, sendo que o último assume o governo do país.

Somente a partir da derrubada de Marcos Pérez Jimenez (que assumiu o poder após o assassinato de Chalbaud em 1950) através de um novo golpe, e com a subsequente vitória de Rómulo Betancourt nas eleições de 1959, a Venezuela pode iniciar finalmente sua fase democrática, a qual ficou conhecida como Quarta República.

Chama a atenção o fato de que no período em que sangrentas ditaduras marcaram a maioria dos países latino-americanos, a Venezuela já vinha firmando as bases de um governo cívico e firmado em propostas democráticas, asseguradas principalmente pelo *Pacto de Punto Fijo*,³² firmado entre os partidos AD, COPEI (Comité de Organización Política Electoral Independiente) e URD (Unión Republicana Democrática) em 1958, antes mesmo da eleição de Bettancourt.

Tal pacto foi apresentado como uma espécie de acordo entre as elites para apaziguar o cenário político recente, marcado pelos sucessivos golpes, e governar o país por meio de diretrizes democráticas. Segundo Rafael Duarte Villa, “o pacto reconheceu que a existência de diversos partidos e as naturais divergências entre estes podiam ser canalizadas no marco das pautas de convivência e, no reconhecimento, de que existiam interesses comuns na sobrevivência do sistema”.³³

Na prática, contudo, tratou-se muito mais em se definir quem controlaria do que de que forma se comandaria o país. O que se pôde observar foi que tal convenção gerou uma alternância consensual de poder entre AD e COPEI, os dois principais partidos da época, contando também com a participação do alto comando das Forças Armadas – o qual foi beneficiado com uma autonomia administrativa considerável e a supressão dos partidos de extrema esquerda da legalidade.

O pacto de Punto Fijo, de saída, tinha a pretensão de reduzir as diferenças ideológicas e programáticas entre seus signatários e lançar as bases para uma convergência de interesses, tendo como ponto de apoio o domínio do aparelho de Estado. Na prática, ele se converteria mais tarde em um acerto entre AD e COPEI e um terceiro partido, de acordo com a conveniência eleitoral do momento. O pacto, na verdade, representou uma maneira de acomodar na partilha do poder as diversas frações da classe dominante, incluindo aí o capital financeiro, as empresas de

³² Documento disponível em: <www.analitica.com/bitbliblioteca/venezuela>. Acesso em: 16/10/2014.

³³ VILLA, Rafael Duarte. Venezuela: Mudanças políticas na era Chávez. In: **Estudos Avançados**. São Paulo: USP, v. 19, n. 55, 2005. p. 25.

petróleo, a cúpula do movimento sindical, a igreja e as Forças Armadas. Além disso, esforçava-se por definir uma democracia liberal pró - Estados Unidos.³⁴

Os petrodólares corrompiam a quase todos na Venezuela *puntofijista*, e consequentemente funcionavam como alicerce de um sistema que, além de abrigar os interesses das elites, subsidiava a letargia dos inimigos políticos e amortecia os conflitos sociais através de uma lenta melhoria na qualidade de vida da população. A posição de aparente estabilidade econômica do país passava também a imagem de uma harmonia social, fazendo da Venezuela uma vitrine perfeita do modelo democrático liberal norte americano.

A partir da validade e da influência desse acordo na sociedade venezuelana, sua política externa se deparou com um ambiente hostil frente os demais países da América Latina na época. Essa relação de distanciamento se deu por conta da grande diferença nos moldes de governo da Venezuela, se comparado a grande maioria do continente, explicitadas na doutrina *Betancourt*, que pregava o não reconhecimento de nenhum governo do continente que tivesse chegado ao poder por meio de um golpe de Estado.

De acordo com o artigo “*A Venezuela e Seus Vizinhos*”, do professor titular da Universidade de Brasília, Amado Luiz Cervo, o país caminhou para o isolacionismo nas décadas pós anos 50, a partir da vitória da democracia das elites no fim dessa década. A Venezuela, mantendo sua doutrina, criticava o regime cubano e os governos militares na América do Sul, rompendo relações mais estreitas com esses países. A economia venezuelana acabou por voltar-se quase que exclusivamente para os Estados Unidos, o grande consumidor de petróleo venezuelano, adotando um forte protecionismo, causando mal-estar com os vizinhos.³⁵

Todavia, o sentimento de superioridade venezuelana, e seu consequente instinto de autonomia frente aos demais países latino-americanos, não encontravam suas bases sólidas apenas na defesa do modelo democrático. Além do fator político, a prosperidade econômica proveniente do petróleo teve um papel essencial na construção desse sentimento de emergência e diferenciação na Venezuela.

³⁴ ARVELAIZ, Maximilien. **Utopia Rearmed, Chávez and the Venezuela Left**. London: MS in Latin American Policies, 2000. p.21.

³⁵ CERVO, Amado Luiz. A Venezuela e seus vizinhos. In: GUIMARÃES, Samuel Pinheiro; CARDIM, Carlos Henrique (Org.). **Venezuela: visões brasileiras**. Brasília: IPRI, 2003.

A riqueza proveniente do ouro negro contribuiu para a própria manutenção de uma sociedade democrática, já que condicionou a forma de intervenção do Estado na economia, e também a relação deste com o restante dos atores políticos, tais como partidos, sindicatos, forças armadas e setor privado. Todas essas esferas da sociedade foram, de certa forma, subsidiadas pelo Estado, fato este que inibiu qualquer possibilidade de crítica sobre as consequências futuras do modelo clientelista de conciliação então adotado.

É inegável que o combustível nacional fornecia bases fortes para a manutenção das aspirações econômicas emergentes e do modelo de governo venezuelano. Contudo é possível questionar, e mais à frente será demonstrado com maior clareza, até que ponto essa base fornecida pela renda petrolífera era de fato sólida. Isso porque a exploração e a exportação do petróleo venezuelano já se iniciaram com dois vícios preocupantes: a indústria venezuelana não procurou diversificar suas atividades e sua economia se sustentou, quase que especificamente, sobre um produto que, além de se tratar de um recurso esgotável, sofre de incontáveis oscilações no preço de mercado e exportando, quase que exclusivamente, para os EUA (cerca de 90% da produção total).

O gigante com os pés de barro começa a demonstrar sinais de fraqueza a partir do final dos anos 70, momento em que o petróleo começa a dar os primeiros sinais de que não era uma base invulnerável para o sonho venezuelano. Apesar dos altíssimos preços que a principal matéria prima do país alcançou no início da década, principalmente pelas tensões no Oriente Médio que ameaçavam diminuir a oferta do produto no mercado internacional, a economia não buscava rumos alternativos. O regime *puntofijista* se empenhou quase que exclusivamente na exploração do combustível e não procurou diversificar suas atividades, seguindo a lógica adotada desde o início da exploração petrolífera.

Um bom exemplo desse paradoxo é a balança comercial dos anos 77 e 78, que ficou no vermelho mesmo com os recordes de exportações. Apesar de a Venezuela ter muito petróleo e, conseqüentemente, muito dinheiro e um poder de consumo considerável, a falta de uma indústria de base forte implicou que a maior parte dos produtos essenciais presentes no comércio eram importados dos EUA. O país do Tio Sam comprava a matéria prima venezuelana e depois lucrava em cima de uma sociedade endinheirada, mas sem produtos nacionais para serem adquiridos.

Na consciência da população começou a ficar cada vez mais claro que o dinheiro proveniente da maior riqueza venezuelana não queria dizer melhorias concretas nas condições

de vida para a maior parte. Além do aspecto econômico da pobreza, passa-se a encarar o problema venezuelano como uma desigualdade política, onde a pequena elite do petróleo defendia seus interesses acima do bem comum.

Cada vez mais se construía a imagem de uma “Venezuela Saudita”, onde a renda petrolífera sustentava uma pequena classe enquanto a grande massa sofria com problemas como a miséria e a crescente violência – como nos países do Golfo Pérsico.³⁶ O golpe sofrido pela economia por conta da crise do petróleo veio acompanhado de uma grande instabilidade política no governo do então presidente Carlos Andrés Perez (1989 – 1993). Inúmeras denúncias de corrupção envolvendo Perez e a elite petrolífera surgiam nos meios de comunicação, principalmente internacionais. Além disso, Perez assumiu pela primeira vez que a Venezuela sofria com o problema das guerrilhas nos campos, que saqueavam propriedades dos ministros, sequestravam autoridades e desafiavam o Exército situacionista.

O estopim da crise ocorreu dia 27 de fevereiro de 1989. O que poderia parecer um fato sem muita importância (um aumento no preço das passagens do transporte público) deu origem a um episódio que, para muitos, marca um divisor de águas na história contemporânea venezuelana. A onda de vandalismo, saques e violência, que ficou conhecido como *Caracazzo*, foi, num âmbito maior, uma reação popular ao pacote de medidas econômicas neoliberais (fruto de um acordo com o FMI) adotadas pelo governo Andrés Perez, que incluíam o aumento no preço do combustível nacional, corte nos gastos e nos empregos públicos e um severo controle fiscal e econômico.

Por se tratar de uma manifestação de proporção nacional e com um alastramento relâmpago, a polícia convencional não conseguiu controlar a situação. A Guarda Nacional foi então chamada a enfrentar a invasão das favelas e subúrbios às ruas de toda a Venezuela. A repressão é extrema e o saldo da violência é de pelo menos três centenas de mortes só em Caracas – isso nos dados oficiais.

O período que vai de 1989 a 1993 é um dos mais conturbados da história contemporânea venezuelana. Os preços do petróleo vinham caindo continuamente desde 1986, o que agravou a situação da dívida interna e externa do país. A porcentagem da população abaixo da linha de pobreza nas áreas urbanas, entre 1980 e 1990, praticamente dobrou, assim como o aconteceu com o índice de desemprego no mesmo período. A

³⁶ UCHOA, Pablo. **Venezuela: a encruzilhada de Hugo Chavez**. São Paulo: Globo, 2000. p. 143.

concentração de renda também apresentou um aumento considerável nesses 10 anos e as taxas de criminalidade atingiram os maiores índices da história.³⁷

Era o momento oportuno para que os rebeldes e os que se opunham ao modelo neoliberal que o governo vinha adotando - recorrendo ao capital internacional com empréstimos em cima de empréstimos - encontraram para buscar o apoio da grande massa contra um sistema político e econômico que já apresentava sinais de esgotamento. É dentro desse contexto de insatisfação popular generalizada, que também contagiava muitos membros das Forças Armadas que se viram obrigados a atirar contra seus próprios compatriotas durante as manifestações, que surgiria o coronel Hugo Chávez e sua tentativa de golpe de Estado.

O golpe foi planejado para o dia 3 de fevereiro de 1992. Os planos iniciais eram surpreender e sequestrar o presidente Andrés Perez no aeroporto internacional de Maiquetía, enquanto um batalhão se encarregava de tomar algumas estações de rádio e televisão para convocar o povo à insurgência contra o regime *puntofijista*. Chávez, que comandava o movimento, coordenaria tudo pelo Museu Histórico Nacional. As expectativas dos rebeldes eram de que no dia 4 a alta cúpula do poder militar já estaria presa e, com um vazio no poder decorrente do sequestro de Perez, o palácio presidencial de Miraflores poderia ser tomado pelo novo regime.

Entretanto, a tentativa de golpe não obteve o êxito esperado. Com a provável delação de que um levante era planejado, a estrutura governamental venezuelana se preparou com antecedência para combater a sublevação. O sequestro do presidente foi frustrado, assim como a tentativa de usar os meios de comunicação para mobilizar a população civil. Chávez, vendo que a situação era totalmente desfavorável para os rebeldes, resolve se entregar e, para evitar mais derramamento de sangue, pede autorização para se manifestar em rede nacional anunciando o fracasso momentâneo do levante bolivariano. Esse discurso ficou conhecido como “*Por Ahora*”, deixando claro que a batalha havia sido perdida, mas a guerra continuava.

A partir de então, o líder rebelde que convocou o povo à luta ganha força na Venezuela, mesmo preso, torna-se a figura pública de maior expressão do momento. Enquanto nas ruas a população criava toda uma mística em torno da figura do líder golpista,

³⁷ NEVES, Rômulo Figueira. **Cultura política e elementos de análise da política venezuelana**. Brasília: FUNAG, 2010. p. 45.

no cárcere Chávez otimizava seu tempo ao utilizar sua cela como uma espécie de escritório político: lendo intensamente, recebendo visitas, debatendo e aprimorando seus projetos.

Chávez deixa a prisão em 1994 e apesar de ser um dos nomes mais cotados para as eleições (após a deposição do presidente Andrés Perez por conta das denúncias de corrupção o país estava sob o governo temporário de Rafael Caldera) não deixou clara a intenção de se candidatar. O anúncio desta só veio em 1997, quando, com a proposta da criação de uma nova constituição, que seria efetivada três anos mais tarde, Chávez decidiu por concorrer à presidência da República da Venezuela pela coalizão denominada de “*Pólo Patriótico*”.

Apesar da não participação de Chávez no processo eleitoral logo após sua saída da prisão, as urnas já demonstravam que a situação política da Venezuela estava prestes a mudar. A coligação *puntofijista*, representada por AD e COPEI, apresentou uma queda acentuada nos índices da eleição presidencial de 1993, assim como ocorreu na esfera legislativa, onde a aliança bipartidária conseguiu pouco mais de 50 % dos votos (em 1988 foram 81% das cadeiras). O índice de abstenção também foi alarmante, demonstrando a descrença da população na situação política vivenciada no país – 38,84 % dos eleitores não compareceram para votar, o que fez com que a taxa de ausentes superasse até mesmo a pontuação do candidato eleito (Rafael Caldera obteve 30,46 % dos votos).³⁸

Após a apuração das urnas em 1998, Chávez confirmava sua ampla preferência, alcançando 56% dos votos. O “*Pólo Patriótico*” era maioria também no congresso, dispondo de 53% das vagas. Com o apoio majoritário no legislativo, o atual presidente não vê dificuldades para implementar as medidas que foram sua pauta de campanha e que visavam uma modificação, senão total, bastante significativa nas instituições política do país. Como defendia Chávez, esse era o momento de instalar um modelo totalmente novo. Era o início da Quinta República.

Já em 25 de Abril de 1999 o povo ia novamente às urnas para opinar sobre o projeto do Executivo que almejava a convocação de uma Assembleia Constituinte para o país. A proposta é aprovada por ampla maioria (88% dos votos) e a eleição para os membros da nova

³⁸ MARINGONI, Gilberto. **A Venezuela que se inventa:** poder, petróleo e intriga nos tempos de Chávez. São Paulo: Perseu Abramo, 2004. p. 144-145.

casa é aprovada para 25 de julho. A nova Constituição foi aprovada no dia 15 de dezembro por 71% da população em um novo plebiscito e entrou em vigor dia 1º de janeiro de 2000.³⁹

Algumas das mudanças mais significativas em relação à Constituição de 1961 foram: a mudança do nome do país de *República da Venezuela* para *República Bolivariana da Venezuela*, a extensão do mandato presidencial de cinco para seis anos, com a possibilidade de reeleição imediata, além da dissolução do Congresso e da Corte Suprema. No campo econômico a nova Carta garantia a não privatização da PDVSA, assim como dos campos de petróleo. Já no âmbito social, a Constituição de 1999 foi a primeira a garantir terras em seus territórios de origem às populações indígenas. Além disso, várias medidas trabalhistas foram adotadas, como a institucionalização das quarenta horas de trabalho semanais.

Com a adoção de tantas medidas impactantes, era natural que Chávez fosse venerado por certa parcela da população e odiado por outros segmentos. Na lista dos opositores mais influentes do regime estavam principalmente membros das classes mais abastadas, em especial os antigos detentores do poder econômico e político propiciado pelo petróleo. Dentre estes podemos destacar antigos membros do primeiro escalão da PDVSA, os detentores dos meios de comunicação privados, entidades que representam o empresariado venezuelano - como a Fedecámaras (Federação de Câmaras e Associações de Comércio e Indústria) -, além de representantes do passado político *puntofijista*.

Se durante o período bi-partidarista a Venezuela encontrava-se adormecida no que diz respeito ao embate político, a eleição de Chávez desencadeou uma verdadeira guerra de opiniões e acusações – que por vezes tomava contornos extremos, como descreveu o deputado espanhol Emílio Del Valle:

O jornalismo condena literalmente Chávez à morte. Assim argumenta, em 26 de junho de 2002, no *Reporte*, o historiador Guillermo Morón: “É lícito matar um governante quando este descumpra as leis, comete injustiças e deixa de governar. Isto é o que seria pertinente aplicar hoje, na Venezuela”. Também Osmar Estácio, no *El Universal* (13 de janeiro de 2003): “Um governante corrupto, repressivo, empobrecedor de seu povo [...] devia ser remetido a outro mundo. Quanto antes, melhor, e sem perguntar muito”.⁴⁰

³⁹ UCHOA, Pablo. **Venezuela: a encruzilhada de Hugo Chavez**. São Paulo: Editora Globo, 2000. p. 179-183.

⁴⁰ MENENDÉZ DEL VALLE, Emílio. Dramática polarización en Venezuela. **El País**. Madrid: 26 de julho de 2003.

Com o cenário político em ponto de ebulição, era questão de tempo para que a guerra verbal partisse para as vias de fato. E foi em meados de 2002 que Chávez se viu diante da maior crise de seu governo.

Desde dezembro de 2001, a oposição – unida em torno da *Coordinadora Democrática de Acción Cívica* - organizava dezenas de protestos, que eram respondidos de imediato por manifestações pró-presidente. Em fevereiro de 2002, altos funcionários da PDVSA rejeitaram publicamente as nomeações de Chávez para a presidência e para o conselho da empresa. Tal descontentamento desencadeou, no início de abril, em uma greve na estatal, a qual culminou na demissão de sete diretores envolvidos com a paralisação. O então presidente da Fedecámaras, Pedro Carmona, passou a convocar os não concordantes com o governo a mostrarem sua insatisfação nas ruas. Da mesma forma faziam os partidários de Chávez, de modo que um confronto entre os dois grupos parecia iminente.

E o conflito de fato ocorreu em 11 de abril, quando uma marcha até a sede da PDVSA, liderada por Carmona, foi convencida a mudar o rumo para as imediações do Palácio de Miraflores, sede do governo federal, onde partidários de Chávez também se manifestavam. Quando os dois grupos se encontraram, a violência foi inevitável e alguns disparos causaram pânico na multidão presente. O saldo do chamado “Massacre de Caracas” foi de 19 mortos e dezenas de feridos.

Os dois lados (oposição e situação) sustentam versões diferentes para o episódio. Todavia, a cobertura totalmente parcial dos veículos de mídia privados – os quais convocavam o povo a se manifestar contra o governo - e o fato de que, logo após os confrontos de rua, um grupo do alto comando militar prendia Chávez e exigia sua renúncia, oferecem indícios significativos de que a iniciativa dos líderes opositores em migrar a marcha contra Chávez para as proximidades do palácio do governo não foi uma decisão de momento.

O documentário “*A revolução não será televisionada*” apresenta uma cobertura interessante dos bastidores políticos da Venezuela nos dias que antecederam o golpe contra Chávez. Por mais que não se trate de uma cobertura imparcial dos eventos, o documentário expõe o clima de guerra vivido pela população, em especial nas ruas de Caracas, e a batalha, midiática e de opinião, travada entre oposição e situação.

O filme apresenta, por exemplo, pontos que supostamente revelam o ato conspiratório dos opositoristas. Carmona e Ortega - presidente da Central dos Trabalhadores Venezuelanos (CTV) -, por exemplo, viajaram para Washington e se reuniram com membros do governo norte americano pouco antes do embate. Em 10 de abril, o general Néstor Gonzalez Gonzalez discursou em todos os canais particulares culpando o presidente pela situação delicada do país e defendendo que o Alto Comando Militar deveria assumir o poder.

Os cinegrafistas, que estavam no meio do fogo cruzado quando se iniciaram os tiros, relatam que a maioria das vítimas fatais foi alvejada na cabeça, passando a ideia de que haviam franco atiradores posicionados nas redondezas de Miraflores. O filme sugere ainda que os canais privados manipularam as imagens do tiroteio para forjar a impressão de que os disparos que acertaram os manifestantes partiram das armas dos chavistas (havia partidários do governo armados que passaram a revidar às balas), colocando, dessa forma, a culpa pelas mortes em Chávez.

Logo após a repercussão dos fatos, vários líderes militares foram aos meios de comunicação anunciar o não reconhecimento da autoridade política do presidente e convocar as Forças Armadas a tomarem a decisão correta pelo país. Outro fato que também sustenta a versão de um golpe premeditado, e aumenta as suspeitas sobre a participação de Washington na trama, foi o imediato reconhecimento do governo provisório de Carmona pelos EUA (além dos norte-americanos, a Espanha também reconheceu o governo de transição).

Horas após o confronto, um grupo de militares toma o único canal de televisão do governo e os canais privados passam a ter o monopólio da informação. A mensagem passada pela mídia opositorista era de que a situação estava sob controle e a tomada do palácio, cercado por tanques, era questão de tempo. Alertavam ainda para que os se refugiavam no interior da sede do governo se entregassem e evitassem um derramamento de sangue ainda maior. Diante da iminência de uma guerra civil, Chávez se entrega e é levado para um exílio extranacional secreto por militares golpistas.

Apesar de não assinar a renúncia, os meios de comunicação sustentavam a versão de que Chávez havia abdicado do comando da Venezuela. Segundo jornalista Maurice Lemoine, em artigo publicado pelo *Le Monde Diplomatique*:

"Nunca, mesmo na história latino-americana, a imprensa esteve envolvida tão diretamente em um golpe de estado [...] embora as tensões do país pudessem facilmente conduzir a uma guerra civil, a mídia ainda está encorajando diretamente

os dissidentes do governo a derrubar o presidente democraticamente eleito - se necessário, pela força".⁴¹

Assim que assumiu, o novo governante anunciou a demissão de todos os deputados e suplentes da Assembleia Nacional, assim como foram destituídos dos cargos os magistrados do Tribunal Supremo da Justiça. Nas ruas o clima era de caos, com militares por todos os cantos do país reprimindo as ininterruptas manifestações a favor do presidente deposto. Todavia, mesmo com toda a truculência da polícia e sabotagem aos meios de comunicação estatais, a multidão pró chavista resiste e, no dia 13 de abril, rumo novamente até Miraflores para apoiar Chávez e pedir a renúncia do presidente golpista.

Com o palácio presidencial ilhado em meio à multidão, a guarda de honra de Chávez (sob o comando de Carmona desde o golpe) decide agir. Unidos aos demais militares aliados do presidente constitucional do país, as tropas cercam a sede do governo e retomam o controle, prendendo alguns membros do novo governo – Carmona e os generais golpistas conseguem fugir. O comando de “*Carmona, o Breve*” não resistiu às pressões populares e durou apenas dois dias. Na madrugada de 14 de abril Chávez já estava em território venezuelano e discursava novamente como presidente da república.

Apesar de restituído o poder constitucional e dos apelos do presidente para que a paz fosse reestabelecida, os nervos continuavam a flor da pele no cenário político venezuelano. Os meses que sucederam ao golpe foram de extrema instabilidade. A oposição, mais uma vez representada pela CVT e pela alta cúpula da PDVSA, organizou uma greve geral que se iniciou em dezembro e seguiu até fevereiro de 2003, afetando seriamente a economia. Foi convocado também um referendo revocatório para decidir, dessa vez por vias legais, a permanência de Chávez no poder. Mais uma vez o presidente sai vitorioso das urnas, contando com a aprovação de 59 % dos votantes.

Margarita Maya López aponta alguns episódios que demonstram o turbilhão político pelo qual a Venezuela se encontrava nos meses que sucederam o golpe de 11 de abril. Segundo a socióloga, o tom mais moderado adotado por Chávez em relação às demandas de oposição - como uma maior comunicação com os setores empresariais e uma tentativa de reconciliação com a gerência maior da PDVSA –, aliada à absolvição concedida pelo Tribunal

⁴¹ LEMOINE, Maurice. Venezuela's press power. **Le Monde diplomatique**. Paris: 24 de julho de 2010.

Supremo de Justiça a respeito dos militares golpistas, mantiveram a organização e a força dos opositores do governo.

A partir del paro de octubre se suceden sin cesar una serie de hechos que van cargando con violencia la atmósfera del país: la toma de la Plaza Altamira por los militares, y señalada , al día siguiente de este paro; a inicios de noviembre, un encuentro violento en el de Caracas entre allegados del gobierno y de la oposición motivado por la solicitud de un referendo consultivo por parte de la CD; en esos días se devela también una conspiración al allanar la casa de un ex canciller de AD donde se encuentra material preparatorio de un gobierno transitorio; una balacera se produce a mediados de noviembre en el centro de la ciudad motivada por un conflicto policial, donde mueren tres personas; poco después el Ejecutivo nacional interviene la Policía Metropolitana (PM) y ordena la salida de la Guardia Nacional (GN) a la calle para patrullar la ciudad de Caracas; finalmente estalla una crisis en el Consejo Nacional Electoral que pone de relieve la politización de esa institución.⁴²

O fato é que, mesmo antes da movimentação que levou ao golpe e às subsequentes ações em 2002, Hugo Chávez sempre sofreu com as pressões de uma oposição facilmente identificável e com demandas e insatisfações bem definidas. Representada principalmente por membros das classes mais abastadas, a oposição na Venezuela é composta de organizações e indivíduos que seguem concepções liberais e individualistas que exaltam o âmbito privado, de forma que acusam a política chavista de assistencialista e populista. Nas palavras de Edgardo Lander, a atual oposição venezuelana prega “la defensa y preservación de derechos de los que ya tienen y no para la inclusión de los que no tienen”.⁴³

A divisão que se observou nos protestos de 2002 é a mesma que vigora desde a ascensão de Chávez ao poder. Apesar das divergências ideológicas estarem presentes em tal separação, a situação observada na Venezuela entre oposição e chavistas se apresenta em grande parte como uma diferença de caráter econômico. Enquanto os antigos detentores do poder econômico e político viam no presidente uma ameaça a seus interesses, as camadas populares enxergavam Chávez como um justiceiro social, o homem que lutava contra as desigualdades pregando medidas redistributivas e inclusivas.

Tal bipolarização criou uma verdadeira atmosfera de embate no período que Chávez governou o país. E ele soube se valer muito bem de tal cenário, tanto para chegar ao poder quanto para manter-se nele. O ex-presidente construiu seu discurso em torno de tal realidade dicotômica: enquanto uns concentravam os benefícios da riqueza venezuelana, outros

⁴² LÓPEZ MAYA, Margarita. Insurrecciones de 2002 en Venezuela: causa e implicaciones. In: SEOANE, José (Org.). **Movimientos sociales y conflictos en América Latina**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2003.

⁴³ LANDER, Edgardo. **Neoliberalismo, sociedad civil y democracia**: ensayos sobre Venezuela y América Latina. Caracas: Facultad de Ciencias Económicas y Sociales, Universidad Central de Venezuela, 1994.

padeciam na miséria. E para convocar o povo a se insurgir contra o domínio de uma elite adepta de valores neoliberais – que iriam contra os interesses nacionais – Chávez seguiu uma velha tradição política nacional, utilizando durante sua campanha o exemplo do principal herói nacional venezuelano: Simón Bolívar.

Assim como já foi feito pela maioria dos líderes políticos venezuelanos, Chávez também recorreu à mítica em torno do Libertador de Caracas para buscar o apoio popular. Aparecendo em um momento de grande instabilidade política no país, o ex-presidente procurou ressaltar em seus discursos justamente a imagem de um Bolívar revolucionário, que lutou contra as injustiças e pela libertação de seu povo e sua pátria. Dessa forma, Chávez se valeu de um recurso conhecido e recorrente, de eficiência comprovada, moldando a imagem do herói venezuelano conforme o momento histórico da época e de acordo com suas propostas de governo.

Talvez a utilização da simbologia referente ao maior herói nacional da Venezuela nunca tenha sido tão intensa e evidente quanto no governo Chávez. É possível também que o ex-presidente tenha inaugurado (ao menos no âmbito do Estado) uma abordagem até então inédita do Libertador. Todavia, a prática de se recorrer à força contida no mito de Bolívar não se trata de nenhuma novidade na tradição política do país. Mais antiga ainda é a adoração pelo líder independentista e a mística que tal personagem desperta no imaginário popular.

Por isso, para compreender melhor essa nova roupagem que Chávez oferece à Bolívar, faz-se necessário, inicialmente, conhecer o personagem em questão e suas ideias, para então abordar o processo de canonização vivido pelo mesmo, analisando assim as origens do culto em torno dele e sua posterior mitificação. É essencial também discorrer sobre as mudanças que sua imagem vem sofrendo ao longo da história, conforme a realidade da época e os objetivos de quem se utiliza de suas referências. Tais objetivos serão contemplados no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2

BOLÍVAR E BOLÍVARES: O HERÓI, O CULTO E O MITO

Antes de expor sobre Bolívar, é essencial ressaltar que sua obra é extremamente vasta, abarcando mais de 10 mil documentos publicados. Tais escritos, em sua maioria cartas, só encontram-se disponíveis para análise por conta da desobediência a seu testamento, o qual ordenava, em sua nona cláusula, a queima de todos os papéis por ele escritos.⁴⁴

Tais textos estão compilados em grande parte nos livros *Papeles de Bolívar* (1917) e *Cartas del Libertador* (1948), ambos organizados e editados por Vicente Lecuna.⁴⁵ Debruçar-se, portanto, sobre a totalidade da obra de Bolívar, além de não se tratar do foco de tal estudo, é de uma complexidade elevada. Além do grande volume, as divergências de opinião decorrentes de elementos como os destinatários, o contexto, ou a própria experiência política de Bolívar (que varia entre momentos de idealismo e frustração) dificultam consideravelmente uma síntese a respeito de seus ideais.

Dessa forma, parece pertinente conduzir a análise sobre o pensamento de Bolívar guiado pela ótica do presente objeto de estudo: o governo de Hugo Chávez. É essencial, portanto, observar os principais pontos do bolivarianismo chavista, de modo a identificar as questões que geralmente suscitam o uso das referências ao Libertador e as obras mais utilizadas como suporte dos discursos do ex-presidente.

As referências a Bolívar estão presentes em praticamente todos os discursos de Chávez, no entanto as mesmas são utilizadas, na maioria das vezes, mais como forma de incentivo e comoção do que propriamente como uma exposição de seus ideais. Apesar de alguns temas serem relacionados com o legado do Libertador - como a integração latino-americana, o papel das forças armadas na política e a soberania nacional – em sua maior parte o discurso chavista apresenta trechos filosóficos e proféticos em detrimento de passagens que ressaltem seus ideais políticos.

⁴⁴ MENDOZA, Cristóbal Lorenzo. Prologo. In: MENDOZA, Cristóbal Lorenzo; TROCONIS, Gabriel Porras. **Escritos del Libertador**. Caracas: Sociedad Bolivariana de Venezuela, 1967. p. 5.

⁴⁵ Natural de Caracas, o educador, político e historiador venezuelano foi responsável por restaurar e organizar grande parte do arquivo de Simón Bolívar.

Chávez utiliza mais frequentemente como fontes de suas citações, assim como pilares de seu projeto de governo, as obras mais conhecidas de Bolívar, em especial o *Manifesto de Cartagena* (1812), a *Carta da Jamaica* (1815), o *Discurso de Angostura* (1819) e a *Mensagem ao Congresso da Bolívia* (1826), além de seu *Decreto de Guerra a Muerte*, escrito em 1813, no contexto da independência. Tais documentos discutem a construção das novas nações americanas - sua hegemonia, suas instituições, sua identidade, sua composição política e a possibilidade de um fortalecimento dado pela integração.

2.1 O culto a Bolívar

Boa parte dos elementos que dizem respeito às identidades latino-americanas até os dias atuais estão atrelados às guerras e revoluções em prol da independência. Anteriormente dominados pelo jugo europeu, os países americanos começam a criar suas bases identitárias e seu espírito nacional justamente com o início das lutas independentistas.

A construção de uma identidade própria e de um sentimento de comunidade se dá exatamente em um momento onde os antigos valores impostos pelos colonizadores deveriam ser extirpados para dar lugar a uma nova gama de aspectos que valorizassem as características particulares de tais nações emergentes. Dessa forma, passam a ter total importância na construção de tal sentimento de pertença aspectos que remetam a tais processos emancipatórios, como, por exemplo, os heróis nacionais.

Dentre os vários personagens envolvidos com as guerras de independência que são venerados na América Latina, um merece destaque especial: Simón Bolívar. Exaltado como o maior confrontador do domínio espanhol e idealizador de um projeto unificador na América hispânica, Bolívar seja talvez o nome de maior impacto no imaginário latino-americano, particularmente quando falamos dos territórios andinos e, em especial, da Venezuela, terra natal e local onde a veneração pelo general toma proporções que por vezes ultrapassam a simples admiração, tornando-se um culto.

Aonde quer que se vá, na Venezuela e, aliás, em boa parte da América Latina, pode-se encontrar uma efígie de Simón Bolívar, libertador do país (e de grande parte do

continente) do domínio espanhol. Pode ser uma estátua na praça principal, um retrato em um gabinete ministerial, ou um grafite numa parede.⁴⁶

Simón José Antonio de la Santísima Trinidad Bolívar y Palacios Ponte-Andrade y Blanco nasceu em Caracas no dia 24 de julho de 1783 no seio de uma família aristocrática e tradicional, proprietária de minas de ouro e prata. Perdendo os pais muito cedo (ele faleceu em 1786 e ela em 1792), Bolívar passou grande parte de sua adolescência sob a tutela do pedagogo Simón Rodríguez – o qual também viria a fazer parte do panteão de heróis nacionais venezuelanos. Em 1797, aos 14 anos, ingressou como cadete na escola militar do Batalhão de Milícias de Blancos de los Valles de Aragua. Dois anos depois viajou à Europa para aprofundar seus estudos e lá entrou em contato com as obras de vários autores iluministas, os quais influenciaram tanto a Revolução Francesa quanto a Independência dos Estados Unidos.

De volta ao continente americano, em 1807, Bolívar passa a utilizar os conhecimentos políticos e os ideais republicanos de liberdade, igualdade e fraternidade adquiridos durante sua estada no velho continente para tomar a frente nas batalhas contra o colonizador europeu. Empenhado em tal empreitada, o militar comandou, além da independência da Venezuela, as batalhas que culminaram na criação de outros quatro países livres: Nova Granada (Colômbia), Peru, Equador e Bolívia.

Aclamado em 1813 como “*Salvador de la Patria, Libertador de Venezuela*” pelo Conselho de Caracas,⁴⁷ Bolívar tornou-se presidente em seu país de origem em 1819 e, logo depois, de toda a Grã-Colômbia até 1830. Apesar de seu idealismo e engajamento político, Bolívar termina a vida vendo seu sonho de unificação latino-americana ser dissipado pelo interesse de caudilhos regionais. O herói venezuelano morreu em 17 de dezembro de 1830, aos 47 anos de idade, vítima de tuberculose. Seu fim trágico, frustrado e solitário foi ficcionado no livro *O general em seu labirinto*, do escritor mexicano Gabriel García Márquez.

Culto, sonhador e atuante, Bolívar teve como primeiro escrito de grande influência o *Manifesto de Cartagena*, escrito na Colômbia em 1812, no contexto da queda da Primeira

⁴⁶ GOTT, Richard. **À sombra do libertador:** Hugo Chávez Frias e a transformação da Venezuela, São Paulo: Expressão Popular, 2004, p. 135.

⁴⁷ MARINGONI, Gilberto, **A Venezuela que se inventa:** poder, petróleo e intriga nos tempos de Chávez. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 200.

República venezuelana.⁴⁸ Em tal documento, o líder militar envolvido nas batalhas pela independência, expõe basicamente a necessidade da América Latina em construir um sistema político original, condizente com suas peculiaridades históricas e culturais, criticando, por exemplo, a implementação do regime federalista, inspirado no modelo norte americano, em um momento onde as “virtudes republicanas” ainda não haviam se desenvolvido em tais sociedades.

Por outro lado, que país do mundo por morigerado e republicano que seja, poderá, no meio das facções intestinas e de uma guerra exterior, reger-se por um governo tão complicado e débil como o federal? Não, não é possível conservá-lo no tumulto dos combates e dos partidos. É preciso que o Governo se identifique, por assim dizer, com o caráter das circunstâncias dos tempos e dos homens que o rodearam. Se estes são prósperos e serenos, ele deve ser doce e protetor; mas se são calamitosos e turbulentos, ele deve mostrar-se terrível e armar-se de uma firmeza igual aos perigos, sem atender a leis nem constituições, enquanto a felicidade e a paz não se restabeleçam.⁴⁹

Bolívar deixou a maioria de suas ideias registradas em cartas, sendo a mais famosa a *Carta da Jamaica*, escrita em Kingston, em 1815, durante um breve período de exílio imposto em decorrência de seu embate contra o controle espanhol. Tal escrito denuncia que as barbáries do colonizador ibérico contra as populações nativas americanas se voltavam agora contra os *Patriotas*⁵⁰ e expõe as guerras de independência como um processo legítimo e natural, e que, por isso, não deveria ser dificultado pela Coroa Espanhola.

Dessa forma, suplica através de tal documento o apoio da Europa e do que chama de “demais nações cultas” (em especial os americanos do norte) a condenação da reação colonial contra os independentistas. Bolívar expõe que o cenário europeu vivia um novo momento e que a Espanha estaria caminhando na contramão de tal processo ao insistir nas colônias americanas, tendo em vista que abrindo mão do controle de tais territórios “economizaria os gastos que expende e o sangue que derrama, a fim de, fixando sua atenção em seus próprios recintos fundar sua prosperidade e poder em bases mais sólidas do que as de incertas

⁴⁸ Em 05 de julho de 1810 o congresso venezuelano declarou a independência total de seus territórios. Todavia, algumas cidades permaneciam leais à Coroa Espanhola, o que facilitou a implementação de uma contra-revolução e a reversão do primeiro ensaio independentista no ano seguinte.

⁴⁹ BOLÍVAR, Simón. **Manifesto de Cartagena**. Disponível em: <http://www.pco.org.br/conoticias/imprimir_materia.php?mat=677>. Acesso em: 18/10/2014.

⁵⁰ Designação dada aos que lutavam nas batalhas independentistas contra a Coroa hispânica.

conquistas, um comércio precário e exações violentas sobre povos distantes, inimigos e poderosos”.⁵¹

Ainda em tal carta, Bolívar afirma que o Novo Mundo possuía gente competente para governar tais terras, mas que, por conta da supressão de seus direitos políticos e econômicos por parte da elite europeia, encontravam-se numa situação extremamente passiva até então: reduzidos às extremidades de servos produtivos ou meros consumidores, não desfrutando assim dos lucros provenientes da balança comercial e muito menos atuando no processo político local.

Em sua visão, impedir que terras tão ricas e prósperas tivessem sua população ativa por conta das restrições de produção e comércio impostas pelas Coroa e, conseqüentemente, impossibilitar tais habitantes de administrarem seus territórios eram os piores exemplos de violação dos direitos da humanidade. Defendia, portanto, que os *criollos*⁵² deveriam ser os verdadeiros proprietários e gestores políticos da América Latina, devendo, os mesmos, construir as bases de seu sistema de governo e instituições políticas próprias.

Estávamos, como acabo de expor, isolados e, digamos assim, ausentes do universo no que diz respeito à ciência do governo e à administração do Estado. Jamais éramos vice-reis, nem governadores, apenas muito excepcionalmente; arcebispos e bispos, poucas vezes; diplomatas, nunca; militares, apenas na qualidade de subalternos; nobres, sem privilégios reais; não éramos, finalmente, nem magistrados, nem financistas e quase que nem ainda comerciantes; tudo em contravenção direta de nossas instituições.⁵³

Apesar do conhecido ideal de Bolívar em unificar os territórios latino-americanos, o qual sempre apresentou como seu grande sonho, a ideia expressa na carta é justamente que, por ora, a possibilidade de integração não era ideal. Alertava, por exemplo, para as grandes diferenças de clima, tradição e cultura em cada uma das províncias que lutavam pela emancipação. Expressava ainda que os ideais de um governo popular e democrático ainda não eram compatíveis com a realidade americana do momento, principalmente pelos entraves decorrentes da subserviência imposta ao continente, e exemplifica seu pensamento com uma citação de Montesquieu, na qual diz ser “mais difícil tirar um povo da escravidão do que

⁵¹ BOLÍVAR, Simón. **Carta da Jamaica**. Disponível em: <http://www.pco.org.br/conoticias/imprimir_materia.php?mat=677>. Acesso em: 18/10/2014.

⁵² Filhos de europeus nascidos na América.

⁵³ BOLÍVAR, Simón. **Carta da Jamaica**. Disponível em: <http://www.pco.org.br/conoticias/imprimir_materia.php?mat=677>. Acesso em: 18/10/2014.

subjugar um livre”.⁵⁴ Sobre o não amadurecimento da sociedade americana para desfrutar de um sistema democrático, Bolívar escreveu:

Os acontecimentos da Terra Firme nos provaram que as instituições perfeitamente representativas não são adequadas a nosso caráter, costumes e luzes atuais. Por que nossos compatriotas não adquiriram os talentos e as virtudes políticas que distinguem nossos irmãos do Norte, os sistemas inteiramente populares, longe de ser-nos favoráveis, temo muito que venham a ser nossa ruína. Desgraçadamente, estas qualidades parecem estar muito distantes de nós no grau que se requer; e pelo contrário, estamos dominados pelos vícios que se contraem sob a direção de uma nação como a espanhola, que só se sobressaiu em ferocidade, ambição, vingança e cobiça.⁵⁵

Uma exposição mais sistemática de suas ideias políticas, todavia, aparece somente no seu Discurso de Angostura, proferido, em 1819, ao Congresso Constituinte Venezuelano. Episódio este no qual renuncia oficialmente seu poder de ditador e chefe supremo da república, atribuindo assim maior poder aos legisladores.

Em tal discurso, Bolívar ensaia uma análise sociológica dos venezuelanos, defendendo que a população carregava mais traços dos nativos americanos e dos povos africanos do que propriamente dos europeus, pronuncia-se contra a escravidão e pela democracia, mas mantém sua preferência pela centralização política e administrativa, propondo, por exemplo, a manutenção de um poder moral para prevenir a corrupção administrativa.

Na visão de Bolívar, o presidente não deveria abrir mão do poder simbólico atribuído originalmente aos reis, defendendo que tal respeito supersticioso era essencial para a manutenção da ordem. Visando ainda um maior controle, solicitava a criação de uma espécie de senado hereditário, cujos membros (chefes revolucionários, proprietários de terras e funcionários públicos) seriam guardiões da alma e essência da República. Tal colegiado teria o papel de “temperar a democracia absoluta... porque já é um princípio conhecido na política que o governo democrático absoluto é tão tirano quanto um déspota”.⁵⁶

Pode-se notar, portanto, que, apesar de sua imagem ser frequentemente vinculada por Chávez à liberdade e à democracia, Bolívar deixa claro em várias passagens de seus escritos

⁵⁴ BRADING, David. **Orbe Indiano**: de la monarquía católica a la república criolla. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1991. p.658.

⁵⁵ BOLÍVAR, Simón. **Carta da Jamaica**. Disponível em: <http://www.pco.org.br/conoticias/imprimir_materia.php?mat=677>. Acesso em: 18/10/2014.

⁵⁶ BRADING, David. **Orbe Indiano**: de la monarquía católica a la república criolla. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1991. p.660.

um temor muito maior às revoltas populares do que propriamente ao controle metropolitano. Temia, por exemplo, uma possível rebelião dos pardos (mestiços de negros, livres, mas com pouca influência na sociedade), liderados principalmente pelo General Manuel Carlos Piar. Em termos numéricos os pardos superavam os *criollos* e, dessa forma, existia o medo de que eclodisse na Venezuela um confronto racial nos moldes do Haiti.⁵⁷

Grande parte dos que condenam a imagem de herói e libertário atribuída a Simón Bolívar, justificam suas críticas baseando-se justamente na ideia de que seus ideais não representariam mais do que as aspirações da classe do qual fazia parte, a elite *criolla*, e, portanto, o modelo político bolivarista contemplaria somente uma alternância dos personagens do poder, mas com a permanência de um sistema centralizado e pouco acessível à grande maioria da população. Bolívar é acusado também de, envolvido pelo desejo de sua classe em expandir o comércio até então controlado pela metrópole, substituir o jugo hispânico pela submissão ao capital internacional, em especial ao britânico, inaugurando uma nova era de dependência.

Além disso, várias passagens de Bolívar apontam que, para além do horror à participação popular no processo político, o tratamento às demais raças que compunham a sociedade latino-americana era bem distinto daquele discurso de legitimidade destinado à elite *criolla*. Apesar de adotar e defender medidas que visassem o fim da escravidão, tanto de negros quanto de indígenas, diversas alusões racistas podem ser encontradas em seus escritos.

Uma crítica recorrente diz respeito ao fato da necessidade de lutar junto às forças independentistas ser requisito à libertação dos escravos. Em carta ao seu principal general, por exemplo, Bolívar diz que a utilização de negros nas batalhas pouparia os homens livres e possibilitaria a redução do seu “perigoso número”.⁵⁸ As menções aos indígenas por vezes também são ofensivas, como quando afirma que “los indios son todos truchimanes, todos ladrones, todos embusteros, todos falsos, sin ningún principio moral que los guie”.⁵⁹

⁵⁷ As batalhas de independência em tal país se iniciaram com a revolta dos escravos de Saint Domingue, contando, em seguida, com o apoio de negros de todo o país. Uma guerra fortemente marcada pela questão racial eclodiu então no Haiti, já que os antigos trabalhadores privados de liberdade buscavam vingança contra seus antigos senhores.

⁵⁸ ANTUNES, Jair. **Marx e a América para além da história do capitalismo**. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2007. p. 147-148.

⁵⁹ MOROTE, Herbert. **Bolívar: libertador y enemigo número 1 del Perú**. Lima: Jaime Campadonico, 2007. p.75.

Apesar de não ser tão difundida no meio geral, existe uma forte tendência em enxergar Bolívar não como um herói, um libertador, mas como um político de tendências autoritárias e engajado em criar um império que somente ele seria capaz de governar. Tais interpretações são reforçadas ao identificarmos em sua formação as influências consideráveis de Rousseau e Maquiavel, além da grande admiração pela figura de Napoleão Bonaparte.⁶⁰

Uma grande parte das críticas vem justamente dos habitantes das terras em que Bolívar teve de fato o título de ditador: o Peru. O Libertador é acusado de desmembrar vários territórios peruanos, além de impor uma constituição autoritária e restritiva, deixando a margem do âmbito político principalmente os indígenas, que, segundo ele, se encontravam debilitados pela sua condição servil.⁶¹ Em sua carta da Jamaica, Bolívar expressa que enxergava para o vice-reinado do Peru um governo centralizado e forte, já que tal território despunha de muito ouro (o qual tinha o poder de corromper a muitos) e escravos (os quais já estariam naturalmente corrompidos), empecilhos consideráveis à liberdade.

Contudo, apesar de existir quem destaque esse lado obscuro de Bolívar, é notório que perante o povo venezuelano sua imagem de herói é praticamente incontestável. Exaltados o empenho de Bolívar nas lutas independentistas, assim como seus ideais de liberdade e fortalecimento da América Latina, criou-se na Venezuela uma imagem heróica que logo foi acrescida de uma áurea mística em torno de sua figura. A veneração popular em torno de Bolívar se tornou tão forte, que a simbologia em torno do general viria a se tornar um fator comum - e essencial - no meio político venezuelano.

O que se pode observar na Venezuela é que a adoração a Bolívar superou em muito uma simples admiração política ou mera ode ao passado glorioso do general que libertou o país dos grilhões coloniais. O que surgiu no país foi um verdadeiro culto ao Libertador. Bolívar passou, após sua morte, por um processo de canonização que o transformou em um ente mítico no imaginário venezuelano, transformando-se numa espécie de espírito onipresente na história e no dia a dia do país. Dessa forma, mais do que herói, Bolívar tornou-se um misto de santo, teórico político e símbolo nacional em seu país de origem. Convém buscar identificar, portanto, de que forma se desenvolveu essa adoração fantasiosa ao Libertador.

⁶⁰ BRADING, David. **Orbe Indiano**. De la monarquía católica a la republica criolla. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1991. p. 656.

⁶¹ MOROTE, Herbert. **Bolívar: libertador y enemigo número 1 del Perú**. Lima: Jaime Campadonico, 2007. p. 17.

Alguns defendem que, ao trazer para América Latina uma gama de valores e ideais europeus, procurando adequá-los à realidade local, Bolívar lançou as bases de um pensamento o qual ele acreditava ser, além de útil para o presente, uma espécie de guia para o futuro das nações (ou da nação, se considerarmos seu ideal integrador) recém emancipadas. Segundo a historiadora Fabiana de Souza Fredrigo, Bolívar acreditava que suas memórias influenciariam as gerações que o sucederiam e, portanto, tinha projetos urgentes em um presente concreto, mas sempre apontava para o futuro, guardião de sua imagem.⁶²

Ao abordar o epistolário de Bolívar em seu livro *Guerras e Escritas: a correspondência de Simón Bolívar (1799-1830)*, Fredrigo defende, portanto, que Bolívar teve participação direta na construção do mito que envolve sua figura. De acordo com a abordagem da autora, o culto ao general teve no próprio Bolívar seu principal arquiteto, sendo que o conteúdo de suas cartas foi objetivamente moldado, tanto no que diz respeito aos temas quanto à constância das mesmas. Segundo ela, “Bolívar atuou como historiador quando selecionou, registrou e arquivou os fatos”.⁶³

Ainda de acordo com a autora, tal projeto em torno da mitificação da figura de Bolívar foi endossado pelo caráter das biografias e estudos sobre o herói nacional, realizados após sua morte. Para ela, tais obras visaram, em sua maioria, o estabelecimento de uma correlação entre a vida do general e o destino do próprio continente americano, como se Bolívar e América Latina formassem “uma só alma”.⁶⁴

Importante é destacar que, quando se compara o epistolário bolivariano as escritas históricas a respeito de Simon Bolívar e da independência, percebe-se que, ao contrário do que se pode deduzir inicial e superficialmente, a historiografia nem construiu o mito sozinha e nem conseguiu encarcera-lo. Fundamental é ter em vista que o missivista Simon Bolívar fez de sua pena, entre outras, a sua arma e foi participante ativo de sua construção heroica. O epistolário ora expõe os conflitos do homem, ora explicita seus desejos de sobreviver a história, de um modo especial; de um modo que o fizesse ser lembrado como o maior entre os outros generais por ter abdicado de sua vida privada pela liberdade da América. A historiografia, no momento em que legitimou o culto, o fez também porque tinha de conviver e dialogar com os esforços do ator histórico que deixa um testamento em cada uma de suas missivas.⁶⁵

⁶² FREDRIGO, Fabiana de Souza. **Guerras e escritas: a correspondência de Simón Bolívar (1799-1830)**. São Paulo: UNESP, 2010. p. 47- 48.

⁶³ *Ibidem*, p. 271.

⁶⁴ *Ibidem*, p.68.

⁶⁵ FREDRIGO, Fabiana de Souza. As guerras de Independência, as práticas sociais e o código da elite na América Latina do século XIX. **Varia História**. Belo Horizonte: v. 23, n. 38, 2007.

Pode-se de fato encontrar em alguns escritos de Bolívar passagens passíveis de serem interpretadas como uma investida em reforçar seu caráter heroico e adornar sua figura com certo ar de misticismo. Tanto que, muitas vezes, existe uma grande diferença – que incluem teor, vocabulário utilizado e outros aspectos - se compararmos os escritos públicos de Bolívar com as cartas de caráter privado, nas quais encontramos um Bolívar mais humano, dotado de incertezas, preocupações e frustrações (sentimentos estes que geralmente não se encontravam explícitos em seus documentos não restritos, no qual se auto-demonstrava como determinado, forte e seguro de suas decisões).

Em um relato intitulado de *Mi delirio en el Chimborazo*, por exemplo, ele declara que durante tal viagem imaginária havia subido ao pico mais alto dos Andes e lá se encontrado com “*el Dios de Columbia*”, o qual havia lhe alertado sobre sua missão e papel frente o continente americano, reforçando assim sua imagem de profeta armado e condutor do destino latino-americano.⁶⁶

Em especial durante seus anos de triunfo, podemos identificar um ar profético e místico nos escritos de Bolívar, em especial no que se refere a si próprio e à origem e extensão de seu poder. Na constituição redigida para a Bolívia, por exemplo, defende que “o Presidente da República deveria ser como o Sol que, firme em seu centro, dá vida ao Universo”.⁶⁷

Existe, portanto, uma discussão fundamental sobre as origens do mito bolivariano. A mitificação em torno do principal herói venezuelano teria surgido espontaneamente no imaginário venezuelano ou teria sido tramada por alguns líderes independentistas visando a construção de um fator identitário que compusesse uma nova gama de valores que fizessem oposição ao passado colonial? O culto a Bolívar, portanto, teria se originado pela adoração da população a respeito de seus feitos, ou faria parte de um projeto nacional de criação de símbolos nacionais e, dessa forma, já envolto de um caráter ideológico?

É fato notório que, com o decorrer do tempo, a prática de utilização da simbologia que faz referência a Simón Bolívar se transformou em uma espécie de tradição, sobretudo no âmbito da política, transformando-se dessa forma numa importante ferramenta de controle social. A questão principal nesse ponto gira em torno das raízes do processo de mitificação.

⁶⁶ BRADING, David. **Orbe Indiano**: de la monarquía católica a la republica criolla. Cidade de México: Fondo de Cultura Económica, 1991. p.662.

⁶⁷ Ibidem, 662.

Seria tal processo fruto da memória coletiva da sociedade venezuelana ou uma construção da elite *criolla*, da qual o próprio Bolívar fazia parte, visando a formação de uma nova identidade para a recém-emancipada nação?

É certo que mesmo o conteúdo surgido na memória coletiva de determinada comunidade pode apresentar certos aspectos de subjetivismo e arbitrariedade. Tal memória, se analisada por seu caráter plural, sofre com processos de recordação e esquecimento que terminam por moldar determinado elemento conforme as demandas da realidade em questão. A respeito de tais mecanismos que influenciam o caráter coletivo da memória, Halbwachs expõe da seguinte forma:

Se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, e que se apoiam umas sobre as outras, não serão as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social.⁶⁸

Portanto, mesmo os elementos do imaginário que não foram criados objetivamente com fins ideológicos podem sofrer determinada carga de manipulação, embora muitas vezes não consciente. O próprio cenário histórico em questão, assim como o papel social de quem se apropria de determinado componente, influencia a forma como cada aspecto do imaginário é resgatado. Dessa forma, um mesmo item que componha a memória coletiva de determinada comunidade pode ser resgatado por diversas óticas e visando objetivos distintos segundo a mudança de variáveis já citadas.

Sobre a manipulação de elementos do imaginário, Sandra Jatahy Pesavento defende a existência de três instâncias compondo tal campo: a do suporte na concretude do real, a da utopia e a ideológica.⁶⁹ Ao mesmo tempo em que as representações devem ter um mínimo de verossimilhança com a realidade para que tenham aceitação social, elas também dão suporte a projeção dos sonhos e desejos coletivos, funcionando muitas vezes como base para a construção de um novo momento. E é justamente por exercer tanta influência nas aspirações

⁶⁸ HALLBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértices, 1990. p. 51.

⁶⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra História: imaginando o Imaginário. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: v. 15, n. 29, 1995. p. 22.

de determinada comunidade que o imaginário é por vezes moldado conforme interesses específicos, podendo sofrer com a carga ideológica, como afirma a autora.

Estar-se-ia, pois, diante de um novo ingrediente: o da manipulação, que jogaria com os sonhos coletivos e com as forças da tradição herdadas de um cotidiano imemorial, forjando mitos, crenças e símbolos. Não se quer, em hipótese nenhuma, reduzir o imaginário social à ideologia [...] Mas, sem dúvida alguma, é importante que se tenha em vista que intervêm no processo de formação do imaginário coletivo manifestações e interesses precisos. Não se pode esquecer que o imaginário social é uma das forças reguladoras da vida coletiva, normatizando condutas e pautando perfis adequados ao sistema.⁷⁰

Alguns estudiosos apontam para a hipótese de que muitos elementos que fomentam a identidade de determinado grupo social (os símbolos nacionais, os heróis, os mitos, a valorização dos ancestrais, a imagem de um passado glorioso) possam ter sido criados intencionalmente, visando o fortalecimento da coesão em tal comunidade. Tal ideia se faz presente, por exemplo, na obra *Mitos políticos en las sociedades andinas: orígenes, invenciones e ficciones*.⁷¹ O livro, composto por diversos autores latino-americanos e europeus, busca investigar a origem dos primeiros mitos políticos que foram utilizados para respaldar a ruptura com as antigas metrópoles europeias.

Em capítulo intitulado *La ruptura originaria*, o historiador hispano-francês François Xavier-Guerra defende que os processos de independência na América Latina em geral foram projetados por uma pequena parcela da população que visava assumir as posições privilegiadas dos antigos colonizadores: a elite *criolla*. Para o autor, a grande maioria da população não desejava, e nem mesmo imaginava, um rompimento com a Coroa espanhola.⁷² Decorrente dessa relação de grande parte da população com o governo metropolitano, identificando-se muito mais com o rei do que com os rebeldes, muitos autores acreditam que a ideia de união entre os americanos está muito mais próxima de algo que foi planejado e imposto por uma elite que lutava pela independência do que de uma construção espontânea e popular.

De acordo com o historiador Clément Thibaud, tal tentativa de se construir um discurso que passasse a imagem de uma sociedade em conflito, pode ser encontrada, por

⁷⁰ Ibidem, p.23.

⁷¹ CARRERA-DAMAS, Germán; CURIEL, Carole Leal; LOMNÉ, Georges; MARTÍNEZ, Frédéric (Org.). **Mitos políticos en las sociedades andinas: orígenes, invenciones e ficciones**. Caracas: Equinoccio, 2006.

⁷² XAVIER-GUERRA, François. *La ruptura originaria*. In: CARRERA-DAMAS, Germán; CURIEL, Carole Leal; LOMNÉ, Georges; MARTÍNEZ, Frédéric (Org.). **Mitos políticos en las sociedades andinas: orígenes, invenciones e ficciones**. Caracas: Equinoccio, 2006. p.21.

exemplo, na “*Proclama de guerra a muerte*”, declarada por Bolívar em 1813.⁷³ Tal discurso busca apresentar um país dividido entre os americanos que ansiavam pela liberdade e os traidores que apoiavam a Coroa, forçando, dessa forma, um posicionamento em cada um dos pólos e denegrindo os que não optassem lutar ao lado dos independentistas. No fim de tal discurso, Bolívar prega morte aos espanhóis, mesmo que indiferentes, e vida aos americanos, ainda que culpados.

Para Thibaud, tal discurso foi lançado com o intuito de mudar o foco das disputas que ocorriam internamente na Venezuela, entre cidades aliadas da nova Federação venezuelana e as que permaneciam fiéis à Coroa, para um confronto de nacionalidade, entre americanos e ibéricos. Todavia, tal ideia de nação não era compartilhada por parte considerável da população. Não existia uma regra entre a empatia dos espanhóis aqui residentes e o governo metropolitano, nem entre os americanos e os ideais independentistas. Sobre tal tentativa de forjar uma identidade nacional e executá-la sob a força da espada, o pesquisador da Universidade de Nantes afirma que:

En este contexto, la guerra a muerte articulaba un discurso de creación identificadorio a una práctica destructora y de masacres. Fijaba en esta forma fronteras infranqueables entre los dos grupos combatientes al basarse en una ficción. Porque los realistas eran criollos en su mayor parte. Los españoles europeos, por otro lado, habían echado raíces desde hacía mucho tiempo en la Capitanía y no representaban además sino una parte ínfima de la población. Bolívar produjo, entonces, a partir de un discurso sobre la americanidad en buena parte ficticio, un efecto de realidad que inscribió en el cuerpo de los ciudadanos una pertenencia política. La paradoja de este acto consistió en querer crear una comunidad futura a partir de la división del cuerpo social.⁷⁴

A criação de um sistema simbólico que por um lado condenasse a opressão dos colonizadores e por outro valorizasse os aspectos genuinamente locais, portanto, surgia como catalisador de uma mudança de mentalidade na comunidade, visando a justificação das batalhas de independência. Xavier-Guerra desconsidera as abordagens que tratam os processos emancipatórios como algo que seguiu naturalmente, defendendo que:

Estas interpretaciones impiden ver lo que es manifiesto para cualquiera que aborde las fuentes sin un propósito preconcebido: el abismo que media entre el lenguaje, lo imaginario y los valores de 1808 y los que se pueden captar unos años después. En la primera fecha no se oyen en América más que ardientes discursos de lealtad al rey cautivo, de fraternidad con los españoles peninsulares, de unidad indefectible de la

⁷³ Discurso disponível em: < <https://rodrigomorenog.files.wordpress.com/2012/01/bolc3advar-decreto-guerra-a-muerte-1813.pdf>>. Acesso em 26/03/2015.

⁷⁴ THIBAUD, Clément. De la ficción al mito: los llaneros de la independencia en Venezuela. In: CARRERA-DAMAS, Germán; CURIEL, Carole Leal; LOMNÉ, Georges; MARTÍNEZ, Frédéric (Org.). **Mitos políticos en las sociedades andinas: orígenes, invenciones e ficciones**. Caracas: Equinoccio, 2006. p.329.

monarquía [...] Pocos años después, la guerra, con su implacable oposición amigo-enemigo, reina por doquier, entre los pueblos, entre los propios americanos, entre americanos y españoles. Para muchos americanos, la España peninsular ha se convertido en el enemigo de la libertad, y el régimen monárquico en un régimen despótico. Se habla ya, y no sólo por los insurgentes, un lenguaje que es grande parte el nuestro, el lenguaje moderno de la libertad, de la nación, de la patria, de la constitución, de lo ciudadano, de los derechos del hombre.⁷⁵

O historiador venezuelano Germán Carrera Damas, autor do livro *El culto a Bolívar* (uma das obras mais influentes no que diz respeito ao mito bolivariano), também concorda que a valorização de elementos que representassem os aspectos locais foi essencial para criar um sentimento de pertença entre os indivíduos das nações recém emancipadas. Em seu estudo, Damas procura demonstrar como a veneração em torno de Simón Bolívar se tornou elemento fundamental na cultura nacional de seu país e, dessa forma foi de grande importância na formação de uma identidade nacional. Contudo, para Damas, o culto a Bolívar não pode ser considerado originalmente como uma construção ideológica, defendendo que a adoração ao Libertador foi só posteriormente alçada à categoria de mito político e utilizada como estratégia para aglutinação do apoio popular.

Segundo o autor, a exaltação a Bolívar nasce em uma realidade histórica específica, marcada por grandes mudanças, as quais afetavam todos os estratos da sociedade venezuelana. Além da necessidade de se construir uma nova gama de símbolos para se reconhecer como membros da recém-formada nação venezuelana, o culto a Bolívar surge como um fator de unidade e comoção entre a população, já que era sua missão fazer valer o empenho de Bolívar pela libertação do país. Tal como se o Libertador houvesse lançado as sementes de uma pátria livre, e coubesse ao povo se unir e empenhar-se para que os frutos de tal processo pudessem ser colhidos.

A força contida em tal culto popular foi então simbolizada e institucionalizada, tornando-se um dos principais traços identitários da Venezuela pós-independência e ainda um poderoso artifício político para buscar o apoio popular. O mito bolivariano, portanto, segundo a visão de Damas, passa pela lapidação do Estado, mas se origina no âmbito popular.

Más tampoco este culto fue, en sus inicios, resultado de actos o propósitos arbitrarios. Históricamente nasce en condiciones determinadas y se muestra como factor activo del acontecer histórico. Gestado durante la guerra, al calor de los triunfos y de la infatigable dirección del héroe, ese culto reingresa en la vida pública

⁷⁵ XAVIER-GUERRA, François. La ruptura originaria. In: CARRERA-DAMAS, Germán; CURIEL, Carole Leal; LOMNÉ, Georges; MARTÍNEZ, Frédéric (Org.). **Mitos políticos en las sociedades andinas: orígenes, invenciones e ficciones**. Caracas: Equinoccio, 2006. p.22.

venezolana, oficialmente, el 17 de diciembre de 1842, con ocasión del repatriamiento de los restos mortales del Libertador. En rigor, jamás había desaparecido de la escena: el prestigio difícilmente mensurable alcanzado por Bolívar sufrió un acentuado decaimiento durante el proceso de desintegración de la Gran Colombia, pero no es menos cierto que sobrevivía en la conciencia popular y que fue precisamente con base en esa supervivencia, ya apoyándose en ella, como se desarrolló la campaña de agitación política que culminó con el mencionado repatriamiento.⁷⁶

Outro especialista que concorda com a importância de Bolívar na formação do Estado venezuelano e, conseqüentemente, em sua identidade nacional é o historiador francês Nikita Harwich, que atenta para as múltiplas apropriações do legado político de Bolívar, variáveis conforme o momento histórico e ainda de acordo com quem usa de seu poder simbólico. Para o autor, se por um lado Bolívar foi considerado, por grande parte da população, como um personagem revolucionário em muitos momentos da história venezuelana, sua apropriação pelo Estado venezuelano se deu quase sempre por um viés conservador e integrador.

Omnipresente en la Venezuela de hoy día, la figura de Simón Bolívar ha sido objeto de múltiples interpretaciones historiográficas, a menudo cruzadas, que definieron, tanto desde Venezuela hacia el exterior, como desde el exterior hacia Venezuela, la imagen imperante del personaje. Héroe romántico por excelencia –en un primer momento– Bolívar fue considerado como precursor del Panamericanismo y defensor del ideario liberal. A partir de la consolidación del Estado venezolano en el último tercio del siglo XIX, Bolívar se vuelve referencia identitaria “oficial” del orden establecido: una interpretación cuyo matiz “conservador” tendría sus ecos en Europa, donde el Libertador pasa a ser precursor del anti-parlamentarismo y de un cesarismo de corte bonapartista asimilado por el fascismo italiano. Con el período de la “guerra fría”, Bolívar es objeto de competencia entre bloques ideológicos: campeón de la libertad para unos; precursor del anti-imperialismo y de la guerra revolucionaria para otros. El culto bolivariano actual en Venezuela, asimilado a una religión de Estado, intenta lograr una síntesis imperfecta entre el mito “oficial” del superhombre y el mito radical del revolucionario social.⁷⁷

De acordo com a interpretação de outros especialistas, os ideais de Bolívar (em especial o sonho de unificar a América latina), somados a seus feitos pela libertação do país e a todas as tramas que envolveram sua história, foram elementos essenciais na construção da imagem de um herói nacional – justamente no momento em que a Venezuela se recém emancipava do domínio espanhol e buscava os pilares de sua identidade nacional. Além disso, pelo fato de o general ver seus sonhos e ideais frustrados no fim da vida, sem realizações concretas e sem herdeiros, desenvolveu-se a ideia de que Bolívar teria dado sua vida pelos

76 CARRERA-DAMAS, Germán. **El culto a Bolívar**. Caracas: Biblioteca de la Universidad Central de Venezuela, 1973, p.287

77 HARWICH VALLENILLA, Nikita. Un héroe para todas las causas. Bolívar en la historiografía. Madrid: **Iberoamericana**, v. 3, n. 10, 2003. p. 7.

venezuelanos, assim como Jesus morreu pelos cristãos, e necessitava da força e do empenho do povo para ver seus projetos concretizados.⁷⁸

O Libertador passou pela dor profunda, que o levou ao sepulcro, de ver os ideais de toda sua vida desconhecidos e caluniados. Viu triunfarem os medíocres e os traidores. Viu paróquias levantarem-se contra ele e se imporem homúnculos e pátrias minúsculas. [...] O seu drama foi um dos mais tristes que a história conhece! Foi um grande homem sem grande povo.⁷⁹

O libertador de Caracas tornou-se então mais do que um herói nacional e que um símbolo da nova nação venezuelana. Bolívar, além de se transformar em figura essencial para a identidade nacional, passa por um processo de canonização perante a população venezuelana, tornando-se uma espécie de santidade aos olhos da comunidade. Sua adoração acaba tomando proporções míticas e a população, em especial os camponeses, passa a adotar o general como um santo, ao qual dirigiam suas orações e suplicavam por suas bênçãos.⁸⁰

Esta adoración profesada al héroe se aprecia perfectamente en el destacado lugar que en los altares domésticos se le conceden. Si bien su estampa no tiene un espacio en los nichos de las iglesias, si lo ocupa en las superficies mágico-religiosas que el pueblo ha construido, donde su figura trasciende la del hombre histórico de sangre y hueso, para convertirse en una divinidad más, sin importar demasiado los cánones vaticanos.⁸¹

Todavia, Damas aponta que o feitiço possa ter se virado contra o feiticeiro, tendo em vista que a intensa idolatria pelo herói da independência pode acabar funcionando como entrave ao desenvolvimento de novas ideias na Venezuela, uma vez que os ideais de Bolívar são constantemente inseridos na realidade histórica de forma anacrônica. Damas constrói sua crítica exatamente sobre essa utilização desmedida e anti-histórica de Bolívar, a qual quer introduzir suas ideias como guia de ação prática para a Venezuela.⁸²

Ainda de acordo com o autor, tendo em vista o grande poder de manipulação contido no mito bolivariano, tal elemento do imaginário venezuelano foi incorporado à esfera política

⁷⁸ SCHWARCZ, Lilia Moritz. Estado sem nação: a criação de uma memória oficial no Brasil do Segundo Reinado. In: NOVAES, Adauto (Org.). **A crise do Estado-Nação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 351.

⁷⁹ BLANCO-FOMBONA, Rufino. O idealismo internacionalista de Bolívar. **A Manhã**. Rio de Janeiro: 29/10/1944. Suplemento Pensamento da América.

⁸⁰ CARRERA-DAMAS, Germán. **El culto a Bolívar**. Caracas: Biblioteca de la Universidad Central de Venezuela, 1973. p. 231.

⁸¹ ARENAS, Nelly. CALCAÑO, Luis Gómez. Los círculos bolivarianos: El mito de la unidad del pueblo. **América Latina Hoy**. Salamanca: v. 39, 2005. p. 172.

⁸² CARRERA-DAMAS, Germán. **El culto a Bolívar**. Caracas: Biblioteca de la Universidad Central de Venezuela, 1973. p. 255.

como meio de justificar ações e buscar o apoio popular. Dessa forma, o mito, considerado por muitos como fruto das crenças populares, pode ser incorporado por líderes políticos de forma ideológica e ser utilizado muitas vezes contra os interesses populares. Segundo o historiador venezuelano “havia se formado uma eficaz alavanca para acionar a ideologia popular com finalidade e interesses o mais das vezes antipopulares: o culto a Bolívar, em função da força concreta e atuante na sociedade venezuelana. Para isso, foi necessário todo um esforço de endeusamento do herói”.⁸³

Apesar dos indícios de que em muitos locais a maioria da população não participasse diretamente do processo de independência, ou mesmo vislumbrasse tal hipótese, a mudança acaba ocorrendo para todos, o que obriga a grande massa a se adequar a uma nova realidade, com novos valores, novos projetos de futuro e, conseqüentemente, novos heróis. Dessa forma, não se deve ignorar que o processo pelo qual passou Bolívar, no que diz respeito ao culto em torno de sua figura, trate-se de uma “via de mão dupla”, na qual a oligarquia política venezuelana se empenhou na construção de elementos identitários observando, contudo, o poder que a figura do Libertador exercia perante a população venezuelana.

Por mais que tenha havido um engajamento por parte da elite local em construir uma nova gama de símbolos nacionais, tratar tal processo como um planejamento meticuloso e à parte da grande maioria da população não parece a explicação mais convincente. Mais sensata parece a hipótese de que a participação de uma elite na produção de um Bolívar símbolo da nova nação tenha sido feito justamente com base no fascínio que o personagem causava em grande parte da população. Em decorrência de seu potencial, reforçou-se esse caráter mítico em torno da imagem do general, o qual se tornou uma eficaz ferramenta política. Não se descarta, portanto, que ambas as interpretações, na verdade, se complementem, como defendem Nelly Arenas e Luis Calcaño:

El culto bolivariano no solo tiene sus cauces en las formas y necesidades de la política institucionalizada. El mismo está presente también – y sin duda alimentado y reforzado por aquella dimensión – en las manifestaciones populares. Es aquí donde encuentra sus expresiones más espontáneas de religiosidad. Carrera Damas ha advertido que la imagen de Bolívar goza, junto a de los santos, de la veneración de los campesinos para quienes “no se trata de un superficial acatamiento de consignas oficiales fetichistas, sino de “una verdadera compenetración emocionada” con la persona y la gesta del Libertador.⁸⁴

⁸³ Ibidem, p.60.

⁸⁴ ARENAS, Nelly. CALCAÑO, Luis Gómez. Los círculos bolivarianos: el mito de la unidad del pueblo. *América Latina Hoy*. Salamanca: v. 39, 2005. p. 171.

Entender o papel dos mitos políticos, portanto, é indispensável, principalmente para se compreender como estes têm uma função essencial na construção das identidades nacionais e são utilizados recorrentemente nos processos políticos. Por tratar-se de algo que ultrapassa a esfera da racionalidade, e dessa forma afeta as paixões humanas, sua utilização no âmbito da política é muitas vezes dotada de uma produção que visa determinados fins. O mito, portanto ao ser incorporado ao discurso político, torna-se uma ferramenta poderosa para obter o apoio popular e justificar projetos e ações.

Para Peter Burke essa aura especial inerente aos mitos, que age diretamente na fantasia coletiva, é uma das mais eficientes ferramentas disponíveis no campo da política, ou seja: o político tem consciência do poder contido na possível manipulação dos mitos, mas os mesmos em sua maioria não são planejados objetivamente na esfera política.⁸⁵

Para Raoul Girardet uma das características dos mitos é relacionar elementos do passado, presente e futuro. Ao mesmo tempo em que funciona como ode a uma época gloriosa, o mito exerce também uma função explicativa, oferecendo suporte na explicação do presente. Além disso, funciona como uma importante ferramenta de mobilização popular, contendo um caráter profético que geralmente vem à tona em momentos de crise e instabilidade. Segundo o autor francês, as diferentes noções acerca dos mitos - como narrativa de um tempo ideal, como elemento de manipulação e controle social e como força motriz de mudanças - não devem se restringir, e sim se complementarem.

O mito político é fabulação, deformação ou interpretação objetivamente recusável do real. Mas, narrativa legendária, é verdade que ele exerce também uma função explicativa, fornecendo certo número de chaves para a compreensão do presente, constituindo uma criptografia através do qual pode parecer ordenar-se o caos desconcertante dos fatos e dos acontecimentos. É verdade ainda que esse papel de explicação se desdobra em um papel de mobilização.⁸⁶

Na visão de Girardet a força motriz inerente aos mitos reside em sua capacidade de englobar - a ponto de misturarem-se quase de forma indissolúvel - traços de realidade e fantasia. Em sua análise sobre a influência do mito em torno dos Salvadores (como Napoleão, Charles de Gaulle e Philippe Pétain) no imaginário francês, o autor alerta para a difícil missão de se distinguir, em tais processos de heroicização, os elementos fictícios dos históricos e,

⁸⁵ BURKE, Peter. **A fabricação do rei**: a construção da imagem pública de Luis XIV. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

⁸⁶ GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das letras, 1987. p. 13 - 14.

dessa forma, identificar suas parcelas de espontaneidade e de construção intencional.⁸⁷ Um dos pontos que compõe a dificuldade de tal missão está, segundo o historiador, nas várias etapas distintas que compõe a formação do mito.

Estendendo-se no mais das vezes por uma dimensão cronológica bastante ampla, o processo de heroificação pode-se apresentar organizado em vários períodos sucessivos, sensivelmente diferentes uns dos outros por sua tonalidade afetiva. Há o tempo da espera e do apelo: aquele em que se difunde a imagem de um Salvador desejado, cristalizando-se em torno dela a expressão coletiva de um conjunto, na maior parte das vezes confuso, de esperanças, de nostalgias e de sonhos... Há o tempo da presença, do Salvador enfim surgido, aquele, sem dúvida, em que o curso da história está prestes a se realizar, mas aquele também em que a parte de manipulação voluntária recai com maior peso no processo da elaboração mítica. E há ainda o tempo da lembrança: aquele em que a figura do Salvador, lançada de novo ao passado, vai modificar-se ao capricho dos jogos ambíguos da memória, de seus mecanismos seletivos, de seus rechaços e de suas amplificações... Mas, sobretudo, não se poderia esquecer que, a partir do momento em que todo mito desse tipo ganha certa amplitude coletiva, ele tende a combinar várias sistemas de imagens ou de representações, a constituir-se, em outras palavras, como uma espécie de encruzilhada do imaginário onde vêm cruzar-se e embaralhar-se as aspirações e as exigências mais diversas, por vezes mais contraditórias.⁸⁸

De acordo com a psicóloga e socióloga venezuelana Maritza Montero, o mito é construído a partir de alguns feitos reelaborados pelo desejo e pela imaginação de quem o resgata, gerando personagens e valores idealizados, isentos de críticas e defeitos. Sendo assim, determinados personagens são apresentados como atemporais e livres de características negativas, tomando uma forma mitológica e passando a serem representados através de imagens e símbolos.⁸⁹ E são justamente tais sistemas simbólicos, os quais exercem uma atração subconsciente, que são utilizados na esfera política para buscar adesão.

Um elemento essencial, portanto, na análise dos mitos políticos diz respeito à ideia de representação. Segundo Le Goff, representação é a tradução mental, que se manifesta através de símbolos e discursos, que pretende definir uma determinada realidade.⁹⁰ Todavia, em tal domínio, a realidade apresentada através de símbolos sofre influências dos agentes sociais envolvidos, de forma que as representações expressam muitas vezes uma visão parcial, como defende Pesavento ao afirmar que as mesmas “são produtos de estratégias de interesse e

⁸⁷ Ibidem, p. 72.

⁸⁸ Ibidem, p. 72 - 73.

⁸⁹ MONTERO, Maritza. Génesis y desarrollo de un mito político. **Tribuna del investigador**. Caracas: v. 1, n. 2, 1994. p. 90-91.

⁹⁰ LE GOFF, Jacques. **O imaginário medieval**. Lisboa: Estampa, 1994.

manipulação, já que, no domínio da representação, as coisas ditas, pensadas e expressas têm outro sentido além daquele manifesto”.⁹¹

Tais características - como o misto de elementos que dizem respeito ao passado, presente e futuro, a combinação de traços reais e fictícios e a constante manipulação - podem ser identificadas na tradição em se utilizar da simbologia referente à Bolívar dos políticos venezuelanos, os quais procuram moldar o pensamento bolivarista de acordo com seus anseios e objetivos, evidenciando somente os aspectos condizentes com a realidade de época e ocultando qualquer traço que possa colocar em cheque a legitimidade de tal reconstrução.

Os mitos políticos, portanto, são um recurso essencial para os governos no que diz respeito ao controle e coesão social e à construção de uma realidade ideal. De acordo com o sociólogo francês Georges Balandier, os mitos “têm função justificadora, com a qual sabem jogar muito bem os guardiões da tradição, os detentores e beneficiários da autoridade”.⁹²

Raoul Girardet alerta para essa maleabilidade inerente aos mitos políticos. Conforme o historiador francês, tais mitos, justamente por exercerem um forte poder de mobilização popular, podem ser moldados conforme diversas realidades e modelos políticos divergentes, o que suscita que um mesmo personagem possa servir como fator legitimador de propostas bem distintas, como fica claro no caso venezuelano. Segundo as palavras de Girardet: “cada uma dessas constelações mitológicas pode surgir dos pontos mais opostos do horizonte político, podendo ser classificada à direita ou à esquerda, segundo a oportunidade do momento”.⁹³

Na prática, observa-se que é justamente nos momentos de crise que os mitos são resgatados com maior força. Segundo Ernst Cassirer, quando determinado grupo social passa por momentos marcados por grandes mudanças e instabilidade os mitos ressurgem para reestabelecer a confiança em um futuro incerto, como se incorporados de um poder sobrenatural no qual os indivíduos se apegam para manter a confiança em um novo começo.⁹⁴ Os períodos de ruptura, portanto, oferecem o terreno ideal para a manipulação política em torno dos mitos.

⁹¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o Imaginário. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: v. 15, n. 29, 1995. p. 15.

⁹² BALANDIER, Georges. Mitos Políticos de Colonização e Descolonização. In: **As Dinâmicas Sociais**. São Paulo: Difel, 1976. p. 203

⁹³ GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 12.

⁹⁴ CASSIRER, Ernst. **El mito del Estado**. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1997. p. 351.

E é justamente durante um período de crise que Hugo Chávez evoca novamente o mito bolivariano, reconstruindo a imagem do herói nacional conforme as demandas do momento histórico em questão. Com a Venezuela tomada por um forte sentimento de revolta contra as elites nacionais e intensa descrença nas instituições políticas do país, a figura de um militar que se presta a lutar pelos interesses populares junto a seu grupo rebelde autodenominado de “bolivariano”, reacende inevitavelmente no imaginário local o exemplo do herói nacional que lutou pela libertação do povo e da nação.

Chávez trazia em si as características pertinentes para a realidade em questão, na qual a maior parte dos venezuelanos não se via representada pelo modelo político-econômico neoliberal do governo Andrés Perez e acusava o então presidente de submissão ao capital internacional: patriótico, nacionalista, latino-americanista e popular. Além disso, Chávez encaixa muito bem a figura de Bolívar em seus discursos, fazendo uma ponte entre a situação política da Venezuela colonial com os dias atuais, defendendo, dessa forma, que os ideais do Libertador de soberania nacional e fortalecimento da América Latina seriam totalmente pertinentes ao presente.

Antes de explicitar a ótica sob a qual o Libertador é reavivado na chamada Revolução Bolivariana chavista, é interessante apresentar um histórico a respeito dos inúmeros usos do mito bolivariano no meio político venezuelano. Buscar-se-á demonstrar como o culto, originalmente ligado ao imaginário e à esfera privada, foi introduzido oficialmente pelo Estado venezuelano, tornando-se o pilar principal da grande maioria dos governos desde os primórdios da República até os dias atuais.

2.2 Um herói multifacetado: o mito bolivariano e seus usos na política venezuelana

A influência que a figura de Bolívar exerce na sociedade venezuelana acabou despertando no meio político local uma forte tendência manipulatória no que diz respeito ao uso político do personagem histórico em questão, de modo que as memórias relativas ao mesmo são geralmente moldadas de acordo com as variáveis da realidade histórica e dos projetos de quem se apropria de sua força simbólica - prática essa que se prolonga até a atualidade, perpassando, inclusive, os limites do território venezuelano.

De acordo com a pesquisadora Carla Ferreira, os tipos de memórias relativas à Bolívar na Venezuela podem ser divididas em dois períodos distintos, que apontam para tendências também divergentes.

O primeiro momento abarcaria o intervalo entre 1830 (ano da morte de Bolívar) e 1863, período em que a Venezuela convivia com uma Guerra Federal, marcada pelo embate entre tendências políticas opostas. Segundo a autora, desenvolveu-se em tal época uma batalha ideológica em torno das memórias sobre o líder independentista. Enquanto as elites se empenhavam em enfraquecer a imagem de herói a ele atribuída, na crença popular era forte a visão de um Bolívar guerreiro, combativo e justiceiro social.

Segundo a historiadora, o empenho de camponeses pobres, mestiços e escravos nas batalhas contra a Coroa espanhola não coincidiu com a liberdade e melhorias nas condições de vida prometidas a tais segmentos sociais. Decorrente de tal panorama, uma série de rebeliões eclodiu no país pedindo o cumprimento da liberdade defendida por Bolívar em documentos como, por exemplo, as proclamas de 1816, onde expõe que “la naturaleza, la justicia e la política piden la emancipación de los esclavos: de aquí en adelante solo habrá em Venezuela una clase de hombres, todos serán ciudadanos”.⁹⁵

A responsabilidade pela não observância de tais ideais foi dirigida em grande parte à oligarquia local, eximindo, contudo, Bolívar, que passou a ser considerado um revolucionário, precursor de um movimento pelo fim da escravidão e pela igualdade de direitos. Deve-se destacar que em tal época os documentos escritos pelo Libertador ainda não haviam sido sistematizados e, portanto, o conhecimento de sua obra era bastante restrito. Dessa forma, tal imagem de Bolívar era difundida essencialmente através da oralidade.⁹⁶ A autora chama tal tendência de *protobolivarianismo*.⁹⁷

Em contrapartida, havia um forte investimento das elites em promover ativamente o esquecimento em âmbito social do legado do líder da independência. Durante o final da vida, no contexto de dissolução da Grã Colômbia, Bolívar havia confrontado os interesses particularistas de líderes locais e, por isso, a exaltação a ele não era bem vista inicialmente

⁹⁵ BOLÍVAR, Simón. **Proclamas de Simón Bolívar, libertador de Colombia**. New York: D. Appleton y Compañía. 1929. p. 20.

⁹⁶ FERREIRA, Carla Cecília Campos. **Ideologia bolivariana: as apropriações do legado de Simón Bolívar em uma experiência de povo em armas na Venezuela. O caso da Guerra Federal (1859-1863)**. Porto Alegre: UFRS, 2006. p. 113.

⁹⁷ FERREIRA, Carla Cecília Campos. Bolivarianismo e Chavismo: os desafios ideológicos do processo venezuelano. **História e lutas de classe**. n. 4, 2007. p. 91.

pela oligarquia latifundiário-mercantil que dominava o cenário político da época. A tentativa de destruir qualquer referência heróica a Bolívar era tanta que, em 1830, Bolívar é proscrito do território venezuelano – sendo que tal banimento persiste até 1842, com ele já morto há 12 anos.

O segundo momento se inauguraria justamente com o fim da Guerra Federal, em 1863. Amenizado o conflito civil, surge a necessidade latente de se construir uma ideologia de unificação nacional em torno do Estado venezuelano e nada mais eficiente do que recorrer a um personagem de tamanha influência junto à população. Essa é também a época em que os estudos sobre a história ganham maior relevância - culminando, por exemplo, na fundação da *Academia Nacional de la Historia*, em 1888 – e são publicadas as primeiras biografias a respeito do Libertador.⁹⁸

Em um cenário histórico no qual os ideais oriundos das revoluções francesa e norte americana iam contra os valores dos antigos regimes, Bolívar passou ser considerado, sobretudo na Europa, como personificação do herói liberal e romântico.⁹⁹ Inicia-se então uma revalorização de Bolívar pelos detentores do poder, sendo sua imagem difundida agora como a de *Pai da Pátria*. Recorrendo a tal figura tão cultuada pela grande massa, o, não ainda totalmente consolidado, Estado venezuelano encontra uma estratégia pertinente para buscar a incorporação de boa parte da população que ainda não se sentia inserida em tal comunidade. Trata-se do momento em que muitos dos antigos inimigos do Libertador declaram-se como bolivarianos.

Apesar das divergências quanto à introdução do mito bolivariano no cenário político venezuelano, atribui-se geralmente ao ex-presidente José Antonio Páez (mesmo sendo um dos principais opositores do integracionismo latino-americano proposto por Bolívar) a inauguração de tal tendência no âmbito oficial. Em um momento marcado pelo caos proveniente da disputa de poder por caudilhos locais, Páez reconsidera a imagem de seu antigo inimigo, tratando-o agora como unificador e harmonizador dos conflitos sociais, para defender o fim das divergências e a criação de um sentimento de unidade na recém

⁹⁸ Como, por exemplo, a biografia elogiosa escrita por Felipe Larrazábal (representante do Partido Liberal), primeira publicada na América a respeito do Libertador (1883).

⁹⁹ HARWICH VALLENILLA, Nikita: Un héroe para todas las causas. Bolívar en la historiografía. **Iberoamericana**. Madrid: v. 3, n. 10, 2003. p. 8.

emancipada Venezuela. Tal projeto se manifesta, por exemplo, no episódio do repatriamento dos restos mortais de Bolívar para Caracas em 1842.¹⁰⁰

Tamanho poder de influência fez com o uso do mito bolivariano fosse mantido pelo Estado também no pós-guerra, permanecendo no governo de Guzmán Blanco (1870-1877) e tornando-se uma prática que atravessaria os séculos. Bolívar foi caracterizado por Blanco como “predestinado”, um homem “a serviço dos desígnios da Providência”, “Libertador do continente, criador das repúblicas americanas e pai dos cidadãos livres”¹⁰¹ e resgatado sempre que necessário. Sobre essa incorporação da figura de Bolívar à esfera oficial do governo, os estudiosos sobre o mito bolivariano Arenas e Calcaño afirmam:

Con la presidencia de Antonio Guzmán Blanco (1870-1889), figura protagonista de la política venezolana durante la segunda mitad del siglo XIX, se fortalece el culto, se magnifica el mito [...] Bandera, escudo e himno nacional, fueron diseñados como códigos de identificación de la nación que necesitaba con urgencia reconocerse hacia adentro como tal, frente a la disgregación pos independentista; así como mostrar hacia fuera un claro perfil diferenciador en el conjunto de naciones. Pero esta batería de recursos simbólicos no estaba completa, sin embargo, si no se le adicionaba el más poderoso, el más cargado de significado espiritual para los recién nacidos venezolanos: Simón Bolívar.¹⁰²

A institucionalização do culto a Bolívar foi, portanto, utilizada como fator de fortalecimento da identidade nacional, sendo que, em 1872, Blanco decretou que todas as praças e ruas maiores do período hispânico fossem rebatizadas com o nome do Libertador¹⁰³ - costume que permanece até hoje na Venezuela - além de adotar mais uma série de medidas que reforçasse a imagem de Bolívar como símbolo nacional.

La necesidad de apoyar la religión cívica que auspiciaba sobre unos “lugares de memoria” concretos llevó a Guzmán Blanco a promover la instalación de obras de ornato, así como la construcción o remodelación de edificios públicos para tal propósito: así la erección de la estatua ecuestre del Libertador en la recién rebautizada “Plaza Bolívar” de Caracas; o la transformación, en 1875, de la antigua iglesia de la Trinidad de Caracas en “Panteón Nacional”, según el modelo francés, cuyo primer huésped –evidentemente– fue el propio Bolívar, trasladado desde su sepulcro provisional ubicado en la vecina catedral. En 1879, decretó también

¹⁰⁰ Ano em que José Antonio Páez encerra a proscricção de Bolívar do território venezuelano e empreende a vinda de sua ossada de Santa Marta (Colômbia), local de sua morte, para Caracas.

¹⁰¹ PRADO, Maria Lúcia Coelho. Bolívar, Bolívares. **Folha de São Paulo**. São Paulo: 1983. Folhetim.

¹⁰² ARENAS, Nelly. CALCAÑO, Luis Gómez. Los círculos bolivarianos: el mito de la unidad del pueblo. **América Latina Hoy**. Salamanca: v. 39, 2005. p. 170.

¹⁰³ UCHOA, Pablo. **Venezuela: A encruzilhada de Hugo Chavez**. São Paulo: Editora Globo, 2000. p. 103.

Guzmán Blanco la creación de una nueva moneda nacional –el bolívar de plata– que ha sido, hasta la fecha presente, el nombre de la moneda venezolana.¹⁰⁴

A maioria dos sucessores de Blanco também construiu os alicerces de seu mandato moldando as ideias e os discursos do Libertador. O general golpista Juan Vicente Gómez, por exemplo, que comandou o país em uma ditadura que durou 23 anos, justificava seu espírito guerreiro pelo fato de ter nascido no mesmo dia que o libertador de seu país.¹⁰⁵ Segundo o pesquisador Ramón Rivas-Aguillar, Gómez utilizou Bolívar por um viés centralizador, pregando a existência de um líder único.

Finalmente, ese liderazgo compartió la ideología bolivariana para legitimar la tesis del jefe único. Esta ideología bolivariana se nutrió de las ideas del positivismo y creo un conjunto de símbolos y representaciones para justificar el régimen político del ciclo andino (1899-1935). La ideología bolivariana partió de la idea de que Juan Vicente Gómez era el gobernante que encarnaba la unidad nacional.¹⁰⁶

De acordo com o historiador Domingo Felipe Maza Zavala, o sucessor do general Gómez, o também militar López Contreras, continuou se valendo da insígnia de Bolívar de forma ainda mais profunda que seu antecessor. Com o surgimento dos “Agrupamentos Cívicos Bolivarianos” - organizações espalhadas pelo país que representavam politicamente Contreras¹⁰⁷ - o culto a Bolívar ganhou uma dimensão nitidamente religiosa, valorizando o empenho, o martírio e o sacrifício do herói nacional que deu a vida pela pátria da mesma forma que Jesus morreu pelos cristãos.¹⁰⁸ Segundo a historiadora Clemy Machado de Acedo, López Contreras foi perspicaz “ante un pueblo mayoritariamente analfabeto, desinformado e influenciado por líderes locais, de utilizar en su programa el único símbolo que significa algo para éste, como es el nombre de Bolívar”.¹⁰⁹

Durante o período em que a Acción Democrática lançou as bases de um governo de moldes democráticos na Venezuela, a figura de Bolívar – até então utilizada mais por regimes centralizadores – é moldada e continua a vigorar como fator de legitimação do poder

¹⁰⁴ HARWICH VALLENILLA, Nikita: Un héroe para todas las causas. Bolívar en la historiografía. **Iberoamericana**. Madrid: v. 3, n. 10, 2003. p. 12.

¹⁰⁵ UCHOA, Pablo. **Venezuela: a encruzilhada** de Hugo Chavez. São Paulo: Globo, 2000. p. 143.

¹⁰⁶ RIVAS-AGUILAR, R. El proyecto bolivariano: la restitución del ciclo andino y del proyecto octubrista. **Revista de Economía de la Universidad de los Andes**. Caracas: n. 24, 2007.

¹⁰⁷ MAZA ZAVALA, Domingo Felipe. História de meio século na Venezuela: 1926- 1975. In: CASANOVA, Pablo González (Org). **América Latina: História de meio século**. Brasília: UNB, 1988. p. 122.

¹⁰⁸ ARENAS, Nelly. CALCAÑO, Luis Gómez. Los círculos bolivarianos: el mito de la unidad del pueblo. **América Latina Hoy**. Salamanca: v. 39, 2005. p. 170.

¹⁰⁹ ACEDO, Clemy Machado. Gobierno de López Contreras. In: **Diccionario de Historia de Venezuela**. Caracas: Fundación Polar, Tomo II, 1994. p. 1106.

constituído. Rómulo Bettancourt relacionou a fundação do partido com os feitos de Bolívar, dizendo que os democratas seriam “los protagonistas de una etapa de vida nacional singularmente similar a aquella que se inició en el ámbito caraqueño en un mes de Julio del siglo XIX”,¹¹⁰ numa clara alusão ao dia da independência venezuelana. Diferente de Gómez e Contreras, os membros da A.D. se posicionaram ao lado de Bolívar como “os segundos libertadores”.¹¹¹

Pode-se notar, a partir de tais dados, que o uso de Bolívar que vigorou com predominância a partir da segunda metade do século XIX foi essencialmente oligárquico, apresentando a figura do Libertador como símbolo da ordem estabelecida. A defesa de um poder executivo forte, presente principalmente em documentos escritos no contexto de consolidação das nações recém emancipadas, fez com que os ideais de Bolívar fossem elogiados inclusive por regimes totalitários fora da Venezuela, como o fascismo italiano.¹¹²

De acordo com Nikita Harwich, tal imagem começa a mudar a partir da metade do século XX, momento em que a vida e os ideais do herói venezuelano passam por uma revisão historiográfica, com a publicação de novas biografias sobre Bolívar feitas por um viés totalmente novo. O fim do período marcado pelos governos militares abriu espaço para que os opositores de tais regimes lançassem suas próprias interpretações sobre o Libertador, como, por exemplo, os ensaios de Rufino Blanco Fombona,¹¹³ que retratam Bolívar como um defensor da liberdade.

O contexto da guerra fria reforçou ainda mais essa visão renovada acerca do Libertador. Na Europa, a publicação de *Simón Bolívar* em 1958, escrito pelo historiador soviético José Gregulevitch e com prólogo de Pablo Neruda, reforçavam a nova abordagem de um Bolívar revolucionário, “cuyos objetivos han sido cambiar no sólo la estructura política, sino también económica de las antiguas colonias”.¹¹⁴ Na Venezuela, a publicação de

¹¹⁰ BETTANCOURT, Rómulo. **Trayectoria democrática de una Revolución:** Discursos y Conferencias pronunciados en Venezuela durante el ejercicio de la Presidencia de la J.R.G de los E.U. de Venezuela. Caracas: Imprensa nacional, 1948. p.241.

¹¹¹ FERREIRA, Carla Cecília Campos. **Ideologia bolivariana:** as apropriações do legado de Simón Bolívar em uma experiência de povo em armas na Venezuela. O caso da Guerra Federal (1859-1863). Porto Alegre: UFRS, 2006.

¹¹² HARWICH VALLENILLA, Nikita: Un héroe para todas las causas. Bolívar en la historiografía. Madrid: **Iberoamericana**, v. 3, n. 10, 2003. p. 13.

¹¹³ Destacam-se os escritos *Bolívar y la guerra a muerte*; *El espíritu de Bolívar: ensayo de interpretación psicológica* e *Las mocedades de Bolívar*.

¹¹⁴ GRIGULEVITCH, José. Por qué escribí la biografía de Bolívar. In: FILIPPI, Alberto (Org.). **Bolívar y Europa en las crónicas, el pensamiento político y la historiografía.** Caracas: Presidencia de la República, 1992. p. 323.

Bolívar y la guerra revolucionaria em 1969, de autoria do marxista Nuñez Tenorio, reforçou a ideia de um Bolívar condizente com os ideais de esquerda. Para Tenorio, a guerra da independência teve características revolucionárias, tanto no que diz respeito aos métodos utilizados - em especial as guerrilhas - quanto a seus objetivos de libertação social.¹¹⁵ O filósofo venezuelano defendia que os ideais do Libertador foram deturpados pela oligarquia nacional, mas que, em seu pensamento original, Bolívar seria a personificação das causas revolucionárias e conclama: “¡Reencarnemos nosotros a Bolívar!”¹¹⁶

Identificada a associação que Chávez fez entre bolivarianismo e seu socialismo do século XXI, é difícil imaginar que antes de 1960 era praticamente impossível conciliar os ideais de Bolívar ao socialismo, sobretudo entre os homens do Exército venezuelano. O general era visto por grande parte dos intelectuais de esquerda como uma figura que representava o autoritarismo e o capitalismo, principalmente por conta das críticas feitas por Marx de que Bolívar (em vista da ajuda externa recebida da Europa durante as guerras independentistas) teria entregado a América Latina ao imperialismo britânico do século XIX e, dessa forma favorecido somente aos interesses de sua própria classe. Segundo o teórico alemão:

De deserção em deserção, tudo parecia caminhar para um desastre total (...). Nesse ínterim, chegou da Inglaterra uma forte ajuda em homens, navios e munições, e oficiais ingleses, franceses, alemães e poloneses afluíram de todas as partes para Angostura (...). Rapidamente pôs-se de pé um exército de 14 mil homens, com os quais Bolívar pôde passar novamente à ofensiva... as tropas estrangeiras, compostas fundamentalmente por ingleses, decidiram o destino de Nova Granada, graças às sucessivas vitórias... No dia 12 de agosto [de 1819] Bolívar entrou triunfalmente em Bogotá.¹¹⁷

Contudo, partir de década de 60, com o exílio de grande parte dos esquerdistas contrários ao regime puntofijista para a região montanhosa de Mérida, os ideais de Bolívar passam a ser analisados através de um viés revolucionário. Entusiasmados com o êxito da revolução socialista de seu vizinho caribenho em 1959, os revolucionários que habitavam a “Sierra Maestra” venezuelana buscaram mesclar elementos do socialismo soviético com aspectos da cultura nacional.

¹¹⁵ HARWICH VALLENILLA, Nikita: Un héroe para todas las causas. Bolívar en la historiografía. *Iberoamericana*. Madrid: v. 3, n. 10, 2003. p. 18.

¹¹⁶ NUÑEZ TENORIO, José Rafael. *Bolívar y la guerra revolucionaria*. Caracas: Nueva Izquierda, 1969. p. 179.

¹¹⁷ ANTUNES, Jair. *Marx e a América para além da história do capitalismo*. São Paulo: UNICAMP, 2007. p. 149.

Apesar de toda influência que Bolívar sempre teve no âmbito político, é nessa época que inaugura-se o uso do termo “bolivariano”, principalmente a partir da publicação do manifesto “Marxismo-leninismo-bolivariano” escrito por Douglas Bravo. Tal documento defendia que, decorrente de sua visão eurocêntrica, o marxismo ortodoxo não se adequaria à realidade latino-americana, e, portanto, era essencial que o mesmo fosse enriquecido pelos ideais de teóricos políticos que viveram a realidade local.¹¹⁸ Grande parte dos que defendiam a incorporação de elementos teóricos de pensadores latino-americanos - como Bolívar, Simón Rodríguez e Ezequiel Zamorra - à tradicional doutrina soviética foram expulsos do Partido Comunista Venezuelano (alguns formariam posteriormente o Partido Revolucionário Venezuelano). O historiador Alberto Garrido definiu o bolivarianismo como uma síntese das teorias esquerdistas da década de 60 adaptados à realidade local.

Do socialismo permaneceu o sentido de igualdade social, entendida com horror à oligarquia, tal como assinala o juramento bolivariano e que conduzia à inevitável luta de classes. À falta de um conceito claro de Estado, sobressaía a ideia-chave para a revolução: insurreição cívico-militar-religiosa. Já se configurava o marxismo-leninismo-bolivariano [...] O bolivarianismo foi – e é- então um programa para a ação revolucionária, baseado em um conjunto de ideias que lhe dão certa coerência. Não é uma ideologia. É um ideário eficiente para impulsionar a revolução, de conteúdo nacional e latino-americano que confere traços militares ao pensamento de esquerda, distanciando-se de outros partidos comunistas, que apenas viam nas Forças Armadas o braço armado do poder constituído.¹¹⁹

A formação política de Chávez se dá justamente dentro dessa miscelânea de ideias que emerge entre a esquerda venezuelana, envolvendo socialismo, bolivarianismo e militarismo. Nos tempos de Academia Militar, Chávez passou a ter contato com o marxismo e a participar de discussões sobre o papel do Exército como agente de mudanças sociais. Já como capitão, Chávez e outros membros das Forças Armadas formaram o Exército Bolivariano Revolucionário (EBR-200), baseado em um juramento que pregava “eleição popular, terra, homens livres e horror à oligarquia”.¹²⁰ Mais tarde, ainda contando com companheiros do Exército, mas com um acréscimo considerável de civis, Chávez e Douglas Bravo formariam o grupo rebelde MBR-200 (Movimento Bolivariano Revolucionário), com o qual tentam empreender o golpe que lhes rendeu a prisão. Já como presidente, Chávez continua se valendo das referências ao Libertador e intitula seu plano de governo de Revolução Bolivariana.

¹¹⁸ UCHOA, Pablo. **Venezuela: a encruzilhada de Hugo Chavez**. São Paulo: Globo, 2000. p. 116.

¹¹⁹ GARRIDO, Alberto. **Historia secreta de la Revolución Bolivariana**. Caracas: Edición del autor, 2000.

¹²⁰ UCHOA, Pablo. **Venezuela: a encruzilhada de Hugo Chavez**. São Paulo: Globo, 2000. p.136.

Pode-se notar que os usos de Bolívar estão presentes na história política venezuelanos, tanto inseridos em contextos que defendam uma continuidade quanto como justificador de rupturas. Da mesma forma que foi utilizada como estratégia para fortalecer um Estado recente, ameaçado por sucessivos conflitos internos, a figura do Libertador também foi interpretada por um viés guerreiro e revolucionário, com fortes tendências libertárias, igualitárias e anticolonialistas, como foi o caso do “*protobolivarianismo*” popular dos tempos da Guerra Federal.¹²¹

Todavia, a imagem adotada como discurso oficial foi geralmente a de um Bolívar agregador, um ponto de coesão na sociedade venezuelana. Apesar de diferenças específicas de cada governo, as referências ao Libertador foram, em sua maioria, utilizadas para justificar a integração nacional (como na construção do Estado venezuelano, nas inúmeras ditaduras que pregaram a existência de uma liderança forte ou mesmo no período democrático, quando Bolívar foi usado como fator de união rumo a uma Venezuela moderna). Por outro lado, a visão de um Bolívar revolucionário esteve excluída da esfera do governo, se restringindo, sobretudo, às camadas populares.

Chávez foi o primeiro líder que conseguiu se eleger utilizando essa abordagem mais contestadora sobre Bolívar. Tanto em sua campanha eleitoral, quanto em seu governo, o ex-presidente sempre casou muito bem o estandarte bolivariano com a realidade do momento e com as demandas populares. Chávez conseguiu disseminar entre a população a ideia de que o momento histórico vivido na Venezuela remetia a um novo colonialismo, dessa vez empreendido pelo capital internacional e pelo modelo neoliberal norte americano. Dessa forma, os ideais de Bolívar poderiam ser de grande valia se adaptados ao cenário atual.

Así como Simón Bolívar junto al pueblo venezolano hace 200 años libertaron a Venezuela y a medio Continente del yugo español, ahora ustedes todos juntos estamos libertando al pueblo venezolano, es una nueva libertad, es una nueva gesta de independencia, estamos entrando en una nueva etapa, estamos luchando por nuestra independencia, ya no política, la independencia económica para liberarnos de las cadenas de la pobreza y precisamente.¹²²

Por mais que recorrer ao mito bolivariano fosse uma estratégia antiga e comum, Chávez conseguiu relacionar de uma forma inovadora e muito eficaz a conjuntura do país

¹²¹ FERREIRA, Carla Cecília Campos. Bolivarianismo e Chavismo: os desafios ideológicos do processo venezuelano. **História e lutas de classe**. n. 4, 2007. p. 92.

¹²² FRÍAS, Hugo Chávez. Discurso del Presidente de la República Bolivariana de Venezuela, Hugo Chávez Frías, con motivo de la condecoración a la tripulación del buque Pilin León. In: **2002**: año de la resistencia antiimperialista. Caracas: Presidencia de la República, 2005. p.534.

com os ideais pregados pelo Libertador e, principalmente, inflamar a população venezuelana quanto à necessidade de se construir um novo modelo político, como ao defender, em seu discurso de posse em 1999, a necessidade do povo “revolucionar-se” e dar continuidade à luta de Bolívar.

Tenemos que revolucionarnos, incluso nosotros mismos, es hora de oír a Bolívar de nuevo y ahora es cuando los venezolanos van a oírme hablar de Bolívar, porque ese es el faro. El 4 de julio de 1811 se debatía aquí en Caracas también, -Presidente de Argentina Carlos Menem ¡Qué cosas de la historia que se repiten!- entre los revolucionarios de la sociedad patriótica que clamaban por la independencia y los conservadores apoltronados que reconocían los derechos de Fernando VII; y Bolívar, que era uno de los líderes de la Sociedad Patriótica, dio aquel memorable discurso “piden calma, ¿Acaso 300 años de calma no bastan?, que hay que esperar a ver que decisión toma España, que nos importa que España venda a Bonaparte sus esclavos o los conserve, si nosotros estamos dispuestos a ser libres”, hoy es el mismo dilema, estamos entre el mismo dilema.¹²³

O momento da emergência chavista ao poder significa, portanto, o começo de uma nova fase na história política venezuelana, já que marca a estatização de um Bolívar até então restrito à esfera não oficial. Decorrente disso, surgem algumas questões, tais como: de que forma Chávez e sua equipe de governo difundiram essa relação entre os ideais do Libertador e um governo que se propõe revolucionário? Seria Bolívar realmente um teórico político com propostas válidas para as demandas venezuelanas atuais ou simplesmente um elemento de marketing político?

Na visão de muitos opositores, o chamado bolivarianismo de Chávez é algo que não existe, ou seja: não existe uma ideologia bolivariana de fato, e sim uma gama de propostas de cunho popular e anti-neoliberais, as quais o líder político tenta sempre relacionar com os ideais de Bolívar. No entanto, o ex-presidente defende que os exemplos de Bolívar, como seu empenho na integração latino-americana e a luta para livrar a Venezuela de qualquer forma de dominação, se apresentavam como totalmente pertinentes ao novo panorama de dominação vivido na América latina, como defendeu em discurso feito na Sorbonne em 2001.

Na realidade, não se trata de como se chama [o processo], ainda que o nome o defina. A ideologia bolivariana está sustentada por princípios revolucionários, sociais, humanistas e igualitários. Bolívar, verdadeiramente, queria fazer uma revolução, porém, sua classe social, a oligarquia à qual pertencia de raiz, não o

¹²³ FRÍAS, Hugo Chávez. Discurso del Presidente de la República Bolivariana de Venezuela, Hugo Chávez Frías, con motivo de la toma de posesión. In: **1999**: año da la refundación de la republica. Caracas: Presidencia de la República, 2005. p.14.

permitiu. O povo, que era um povo guerreiro, não tinha muito claro qual o caminho. Era o século XIX e eram outras as circunstâncias.¹²⁴

Na busca de elucidar tais questões, o terceiro capítulo abordará os aspectos relacionados ao Bolívar chavista. Serão analisados em tal discussão a forma como Chávez se vale das referências ao herói nacional em seus discursos políticos, assim como os mecanismos utilizados (como a oratória marcada pelo apelo emocional e o uso de passagens carregadas de misticismo) pela equipe de governo chavista para se alçar à categoria de discurso oficial uma abordagem até então excluída da esfera oficial do poder e fortalecer uma relação entre as figuras de Chávez e Bolívar.

¹²⁴ MARINGONI, Gilberto, **A Venezuela que se inventa: poder, petróleo e intriga nos tempos de Chávez**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo., 2004. p.204.

CAPÍTULO 3

REVOLUÇÃO BOLIVARIANA: O USO DE BOLÍVAR NO GOVERNO DE HUGO CHÁVEZ

É inegável que a emergência de Chávez ao poder representou mudanças significativas na sociedade venezuelana. O advento da Revolução Bolivariana, ou início da V República, e a subsequente promulgação da constituição de 1999 estabeleceram claramente novas tendências e propostas, dentre as quais podemos destacar as políticas de inclusão social, mudanças na estrutura administrativa do governo e participação ativa da população nas decisões nacionais.

Segundo Chávez, a maior parte destas ações é inspirada nos ensinamentos de Simón Bolívar. O ex-presidente defendeu que Bolívar deveria ser encarado não só como um personagem histórico, mas sim como um dos maiores teóricos políticos latino-americanos, exemplo de bravura na luta pela hegemonia e soberania nacional. Em seus discursos, alertava que o momento vivido pelo país se assemelhava em muito à época colonial, no qual os interesses de uma pequena elite vinculada a interesses extra-nacionais bloqueavam a liberdade da maior parte da população e, por isso, os ideais bolivarianos se enquadrariam em tal panorama.

Dessa forma, Chávez buscou passar uma imagem do Libertador condizente com os preceitos de seu governo revolucionário, defendendo a ideia de um Bolívar democrático, popular e nacionalista, que empenhou sua vida na luta por uma Venezuela livre e igualitária e que, por isso, deveria ter os ideais resgatados na nova conjuntura em questão.

Com base nessa visão, o ex-presidente sempre defendeu a existência de uma realidade dicotômica na Venezuela, onde os apoiadores da Revolução Bolivariana seriam os novos “Patriotas” (em referência aos que lutavam pela independência no período colonial) e seus opositores seriam os traidores da pátria. Dessa forma, Chávez dividiu a sociedade venezuelana da época entre os que buscavam mudanças sociais e os que almejavam manter um cenário de exploração e opressão, como afirmou, por exemplo, em seu discurso de posse em 1999:

El consenso si, lo quiero, pero no el consenso retrógrado, porque también decía Bolívar en este mismo discurso, ahora que lo recuerdo, el decía: “No es que haya dos Congresos, nosotros queremos la unión, no podemos estar dividiendo, pero el

Congreso debe oír a la Sociedad Patriótica”. Y entonces decía Bolívar: “Unirnos para apoltronarnos, unirnos para observar como pasan los acontecimientos, antes era una infamia, hoy es una traición”. Hoy señores, unirnos a los que quieren conservar esto tal cual está, buscar consenso con los que se oponen a los cambios necesarios, yo digo hoy como Bolívar ¡Es una traición!¹²⁵

Apesar da prática de se apropriar das referências a Bolívar ser comum entre os governantes venezuelanos, não é costume se valer da força contida no herói nacional para defender a divisão da sociedade em pólos opostos. Partindo-se do pressuposto de que uma sociedade que se enxerga como homogênea é mais fácil de ser governada do que uma marcada pelos contrastes, é totalmente compreensível a estratégia política de utilizar os elementos de maior força simbólica em uma determinada comunidade para representar a unidade e identidade em comum. O que notamos no governo de Chávez é justamente o contrário.

Em oposição aos demais presidentes, Chávez incorpora à esfera do Estado a visão de um Bolívar revolucionário, justamente por defender que seu governo marca uma ruptura radical com o modelo político até então vigente, ou seja: o início de uma revolução. A figura de Bolívar, até então usada pelo Estado venezuelano como símbolo de unidade nacional, é moldada para pregar uma divisão social, uma comunidade em embate.

Segundo Chávez, a luta de Bolívar foi por uma Venezuela livre e igualitária e, portanto, a luta pela implementação de um modelo político que prezasse por tais diretrizes estaria diretamente relacionada à realização de seu grande sonho, como defendeu o ex-presidente em um discurso feito em 04 de fevereiro de 2000, em comemoração aos oito anos da tentativa de golpe de 1992, tida como o início da Revolução Bolivariana:

De las mejores constituciones del mundo es la Constitución de la República Bolivariana de Venezuela y es el sueño de Bolívar que vuelve, es un Estado democrático, es un Estado verdadero de justicia y de derecho. Vamos a cambiar todo, hermanos, no le tengamos miedo a nada, vamos a cambiar nuestra propia concepción de la vida, vamos a hacer una revolución que tiene que comenzar o que tiene que pasar por nosotros mismos; tenemos que revolucionarnos todos, por ejemplo, esta revolución, en esta revolución más importante que uno mismo es el compatriota, el compañero, el paisano, el amigo. Más importante que uno mismo, es el colectivo.¹²⁶

¹²⁵ FRÍAS, Hugo Chávez. Discurso del Presidente de la República Bolivariana de Venezuela, Hugo Chávez Frías, con motivo de la toma de posesión. In: **1999**: año de la refundación de la República. Caracas: Presidencia de la República, 2005. p.14.

¹²⁶ FRÍAS, Hugo Chávez. Discurso del Presidente de la República Bolivariana de Venezuela, Hugo Chávez Frías, con motivo de la conmemoración del 4 de febrero de 1992. In: **2000**: año de la relegitimación de los poderes. Caracas: Presidencia de la República, 2005. p. 116.

A essência do governo chavista, portanto, gira em torno de empreender uma série de mudanças, pautadas principalmente na inclusão e na redistribuição, a qual ela chama de Revolução Bolivariana, cujo próprio nome já revela, seria inspirada nos ideais de Simón Bolívar. Ao relacionar a figura do Libertador com ações políticas destinadas às camadas populares, Chávez se tornou para muitos o herdeiro da espada de Bolívar, o sucessor de sua luta por liberdade e justiça social. Sua imagem passou a ser associada cada vez mais à bravura e ao empenho atribuídos a Simón, de forma que Chávez tornou-se a personificação da parcela do povo venezuelano que almejava mudanças sociais significativas.

Todavia, não há de se encarar tal caráter heróico atribuído ao ex-presidente como algo totalmente espontâneo e natural. A fagulha inicial pode ter surgido no seio do imaginário e da crença popular, mas, como em todo incêndio de proporções consideráveis, foi necessária a presença de um combustível que encorpasse as chamas. E é com essa função inflamável que entram os teóricos da revolução.

Se por um lado certos aspectos favoreceram naturalmente a uma associação entre Chávez e Bolívar, é fato que houve um grande empenho em se reforçar tal relação. A propósito, existiu uma equipe coesa por trás do ex-presidente, que se empenhou, para além do corpo teórico e das propostas de tal processo, na construção dessa nova imagem de Bolívar e na relação entre ela e a figura de Chávez. Tal *staff* revolucionário trabalhou, portanto, tanto no arcabouço ideológico da Revolução Bolivariana quanto na construção de uma imagem mítica em torno de Hugo Chávez, endossando a ideia de o ex-presidente ser quase como uma reencarnação do Libertador de Caracas.

3.1 O *staff* revolucionário

O livro (coletânea de artigos) *Para comprender la revolución bolivariana*, publicado pela editora oficial do governo venezuelano em 2004, se apresenta como uma tentativa de justificar o porquê de o governo chavista ser designado como um processo revolucionário. Todos os vinte autores que publicaram seus artigos em tal obra fizeram parte de cargos oficiais no governo Chávez. Portanto, a obra revela, além do corpo teórico que trabalha nos bastidores do chavismo, alguns dos valores e objetivos que permeiam a chamada “Revolução Bolivariana”.

Para William Izarra¹²⁷, por exemplo, o movimento em curso na Venezuela deve sim ser designado como revolucionário, e, mais do que isso, um modelo de revolução até então inédito. Izarra utiliza o argumento de que a Revolução Bolivariana é pioneira por ser feita conforme as leis e, por isso mesmo, trata-se de um processo contínuo e cotidiano. Para ele o carácter revolucionário não reside na utilização da violência para romper com um antigo sistema, e sim na busca por construir-se uma nova ideologia nacional, a qual ele define como um sistema de crenças, valores e ideias que explicam e legitimam a ordem política e social de uma determinada realidade.¹²⁸ Inerente a tal mudança ideológica estariam transformações referentes às relações sociais, de poder e de produção.

El modelo revolucionario no se materializa por la vía violenta. El nuevo paradigma de tomar el poder por la vía electoral, hace aún mucho más difícil el tránsito hacia las metas de la Revolución. Este inédito proceso no tiene una cartilla pre-elaborada que permita su funcionamiento como un manual de procedimientos. Se está inventando la Revolución.¹²⁹

Já Haimon El Troudi¹³⁰ chama a atenção para uma mudança essencial, e de carácter revolucionário, na Venezuela chavista, a qual ele chama de participação popular “protagônica”. Diferente do que acontecia na IV República, o povo passa a ter papel de protagonista nas decisões políticas através dos referendos e plebiscitos. El Troudi ressalta ainda que as mudanças significativas do modelo bolivariano se dão em seis arestas principais: institucional, jurídica, política, organizacional, cultural e geográfica.

Na esfera institucional, a inovação se dá principalmente com a implementação das missões sociais (ou missões bolivarianas), espécie de programa que leva assistência básica aos bairros mais humildes, e com a criação de novos ministérios para cuidar das políticas assistencialistas; no âmbito jurídico, o aspecto mais importante é a aprovação da nova constituição bolivariana; a inovação política seria justamente a possibilidade de o povo ter voz ativa nas decisões nacionais; no campo organizacional, El Troudi ressalta o apoio do governo a comunidades auto gestionárias e programas alternativos; a inovação cultural seria a construção do que Izarra chamou de uma nova “ideologia nacional”, pautada nos ideais de Simón Bolívar e valorizando os aspectos nacionais, difundida, principalmente, através dos

¹²⁷ Izarra foi senador do Congresso Nacional entre 1998 e 2000 e, posteriormente, vice-ministro do Ministério das Relações Exteriores para Ásia, Oriente Médio e Oceania em 2005.

¹²⁸ IZARRA, William. Orígenes y fundamentos ideológicos de la Revolución Bolivariana. In: **Para comprender la Revolución Bolivariana**. Caracas: Presidencia de la República, 2004. p. 12.

¹²⁹ Ibidem, p. 13.

¹³⁰ El Troudi foi diretor de despacho do ex-presidente entre 2005 e 2006 e, posteriormente, ministro de planificação e desenvolvimento em 2008 e 2009.

círculos bolivarianos; a aresta geográfica diz respeito à valorização das experiências e aspectos locais no processo revolucionário, recusando teorias importadas e se atendo às especificidades nacionais e regionais.¹³¹

Gaspar Velásquez¹³² ressalta outro aspecto que faria da emergência de Chávez ao poder o início de um processo revolucionário: o gradual rompimento com o modelo neoliberal norte-americano. Para o autor, a histórica dependência da Venezuela em relação aos EUA, tanto na condição de exportador de petróleo como na de importador de produtos industrializados, criou uma oligarquia local financiada, sobretudo, pelos lucros do combustível venezuelano, totalmente atrelada aos interesses do norte, o que impossibilitava uma política autônoma e fomentava uma grande desigualdade econômica no país.¹³³

Algumas das iniciativas de Chávez ao chegar à presidência foram justamente no intuito de intervir nas frequentes oscilações relacionadas ao petróleo e redistribuir os lucros do combustível. Tratava-se de “mudar a mão invisível do mercado pela mão visível do Estado”.¹³⁴ Tanto que algumas das primeiras viagens internacionais do presidente foram para o Oriente Médio, no intuito de negociar com os países membros da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) a respeito de restrições na oferta do produto, visando a regularização dos preços.

A nova constituição bolivariana estabeleceu ainda que a PDVSA não pudesse ser privatizada¹³⁵ e, além disso, foi criado o Plano de Desenvolvimento Econômico e Social da Nação (2001 – 2007), que estabeleceu uma nova legislação sobre o petróleo venezuelano. Dentre as principais mudanças estão o aumento do repasse dos lucros da exploração petrolífera para o governo e uma medida que causou grande polêmica, principalmente entre a elite petroleira (sendo um dos estopins para a tentativa de golpe em 2002 e para a greve geral na PDVSA que seguiu até 2003): a separação da contabilidade interna e externa da estatal, que passou a ser feita fora da empresa e de forma pública.

¹³¹ EL TROUDI, Haimon. Participación popular en la Revolución Bolivariana. In: **Para comprender la Revolución Bolivariana**. Caracas: Presidencia de la República, 2004. p. 29-32.

¹³² Gaspar Velásquez foi consultor da Assembléia Nacional entre 2001 e 2005.

¹³³ VELÁSQUEZ, Gaspar. orígenes y fundamentos ideológicos de la Revolución Bolivariana. In: **Para comprender la Revolución Bolivariana**. Caracas Presidencia de la República, 2004. p. 49-54.

¹³⁴ GONZÁLEZ, Franklin. **El Pacto de Punto Fijo, la Agenda Venezolana y el Programa Económico de Transición (1999- 2000):** desarrollo y sus problemas. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 2001. p. 166.

¹³⁵ O artigo 303 da Constituição Bolivariana estabelece que “por razões de soberania econômica, política e de estratégia nacional, o Estado conservará a totalidade das ações da Petróleos de Venezuela S. A. ou do ente criado para o manejo da indústria petroleira, excetuando as das filiais, associações estratégicas, empresas e qualquer outra que se constituiu ou constitua como consequência do desenvolvimento dos negócios da Petróleos de Venezuela S. A.”.

Além disso, criou-se em maio de 2004 o Fundo para o Desenvolvimento Econômico e Social do País (FONDESPA), que conta basicamente com recursos provenientes da estatal e somente no primeiro ano contou com uma verba aproximada de 2 bilhões de dólares. Pelo novo mecanismo de distribuição, quando o preço do barril de petróleo ultrapassa o valor de 26 dólares, o excedente é destinado à Presidência da República, que o divide entre o FONDESPA (obras sociais) e o Fundo Nacional do Desenvolvimento, o FONDEM (obras de infraestrutura nacional).¹³⁶

Para Velásquez, tais medidas podem ser resumidas através de uma ótica em comum: a busca por igualdade social, econômica e política. Segundo o autor, o principal elemento revolucionário do chavismo reside exatamente no combate aos benefícios das antigas elites, buscando a redistribuição das riquezas nacionais, o investimento em programas sociais e a incorporação da grande massa ao processo político – através de melhorias na educação, realizando consultas populares e oferecendo o acesso da população a seus direitos, como, por exemplo, através da distribuição de exemplares da nova constituição. O processo revolucionário, portanto, seria pautado na ideia de Bolívar de que “un gobierno es revolucionario en la medida en que es eminentemente justo, en la medida en que es eminentemente moral y en la medida en que es eminentemente popular”.¹³⁷ O autor defende, portanto, que a Revolução Bolivariana se faz necessária em um momento de intensa crise e embate entre as camadas sociais venezuelanas, podendo ser resumida em uma luta de classes.

Destaco lo siguiente: la actual Revolución Bolivariana no es una lucha étnica, territorial o secesional, no es religiosa, tribal, es una revolución genuina por su esencia y por su forma, es una lucha de clases, pues, en definitiva, es una revolución derivada de una crisis revolucionaria, donde los de abajo no quieren que siga gobernando la oligarquía y la oligarquía no está en capacidad de imponer su opresivo poder sobre los de abajo.¹³⁸

Dessa forma, parece não mais que natural a tendência em se utilizar um enfoque revolucionário na construção do Bolívar chavista, especialmente se levarmos em conta dois pontos essenciais: a formação política de Chávez, inserida justamente no contexto esquerdista latino-americano de fusão entre elementos do socialismo clássico e ideias dos teóricos

¹³⁶ BARROS, Pedro Silva. Chávez e Petróleo: uma análise da nova política econômica Venezuelana. São Paulo: **Cadernos PROLAM/USP**, v. 2, 2006.

¹³⁷ BOLÍVAR, Simón. **Discurso de Angostura**. Disponível em: <<http://www.ensayistas.org/antologia/XIXA/bolivar/bolivar2.htm>>. Acesso em: 12/03/2015.

¹³⁸ VELÁSQUEZ, Gaspar. orígenes y fundamentos ideológicos de la Revolución Bolivariana. In: **Para comprender la Revolución Bolivariana**. Caracas: Presidencia de la Republica, 2004. p. 51.

políticos locais, e a realidade histórica venezuelana vigente na época da ascensão chavista ao poder, marcada por uma grande insatisfação popular contra o modelo *puntofijista* de governo.

Chávez y todo el movimiento social aglutinado a su alrededor han sabido utilizar estas carencias socio-históricas, adecuarlas con un discurso estructurado en función de construir una representación simbólica generalizadora, capaz de concentrar las variadas y múltiples expresiones de la atomización del entorno social, ante el desencaje de los hilos de agregación de voluntades y pareceres sociales, y al hacerlo han empleado una estrategia de legitimación basada en el manejo – a su conveniencia – del pasado histórico.¹³⁹

Todavía, um dos pontos em que se baseiam as críticas da oposição gira justamente em tratar Chávez como um oportunista, um demagogo que se aproveitou da situação delicada vivida pelo país e construiu um discurso radical que ludibriasse uma população ávida por mudanças. Nesse contexto, é fácil nos depararmos com acusações de que Chávez seria um líder sem um projeto de governo determinado, que tem na retórica sua principal arma. E, para denominar tais traços, usa-se geralmente o termo populista. Grande parte das acusações contra Chávez é no sentido de designar seu governo como um exemplar de tal categoria política.

De acordo com a visão predominante no senso comum, o termo populista seria sinônimo de manipulador, e diria respeito a um governante que tenta ganhar o apoio da população através de medidas assistencialistas e buscando uma relação direta e pessoal com a grande massa, passando assim uma ideia de igualdade entre governante e governados. Esquecem-se, contudo, que tal designação, ao escapar de seu uso popular, apresenta interpretações variadas, e já foi utilizado para designar fenômenos bastante distintos.

A teórica política Margaret Canovan, em sua obra intitulada *Populism*, nos apresenta uma boa noção de como tal conceito se caracteriza por ser um termo altamente vago, sendo utilizado inclusive para mencionar regimes totalmente opostos. Originalmente utilizado na Rússia e nos EUA para designar movimentos agrários que resistiam às mudanças decorrentes da modernização, o termo foi relacionado posteriormente tanto a regimes ditatoriais quanto a governos que se utilizam de estratégias de expressão popular direta. Decorrente de tal imprecisão, a autora defende que o termo sofre, muitas vezes, do “Complexo da Cinderela”, já que, assim como o sapato perdido, tenta ser calçado a força em “qualquer pé” que se convenha conceitualizar.¹⁴⁰

¹³⁹ ROMERO, Juan Eduardo. Usos e interpretaciones de la Historia de Venezuela en el pensamiento de Hugo Chávez. **Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales**. Caracas: v. 11, n. 2, 2005. p. 231.

¹⁴⁰ CANOVAN, Margareth. **Populism**. London: Junction Books, 1981. p. 7.

É certo, entretanto, que a tradição política latino-americana carrega em si um traço que oferece a sensação de uma relação sem entremeios entre governante e governados: o personalismo. A crença política regularmente observada na América latina é de valorização da pessoa do líder em detrimento do papel de instituições importantes, como os partidos e os demais poderes, por exemplo. Explicitada por Weber através do conceito de carisma, a existência de uma liderança desse tipo causa uma falsa sensação de que o chefe tem poderes ilimitados e, portanto, depositam-se, em torno de sua figura, responsabilidades e esperanças que muitas vezes escapam de suas atribuições, “prevalecendo, em termos de respeito e de identidade popular, os atributos do líder político, em detrimento dos limites e atribuições formal-juridicamente prescritos para o respectivo cargo”.¹⁴¹ Se por um lado as características inerentes ao líder carismático podem causar essa confusão quanto aos limites legais do governante (o que pode ocasionar uma cobrança excessiva), por outro se cria uma imagem quase canônica em torno do chefe, o que possibilita uma maior facilidade em conseguir adesão popular. Nos termos de Weber:

Há a autoridade do dom da graça (carisma) extraordinário e pessoal, a dedicação absolutamente pessoal e a confiança pessoal na revelação, heroísmo ou outras qualidades da liderança individual. É o domínio “carismático” exercido pelo profeta ou - no campo da política - pelo senhor de guerra eleito, pelo governante plebiscitário, o grande demagogo ou o líder do partido político.¹⁴²

Assimilar Chávez com o populismo, portanto, pode ser uma afirmação um tanto quanto relativa. Levando-se em conta a visão de especialistas sobre tal tema, nota-se que o ex-presidente traz sim muitas características observadas em regimes populistas. A tentativa de se criar um cenário dividido entre patriotas e inimigos da pátria, por exemplo, é destacado no livro *Multidões em cena* de Maria Helena Capelato. A autora busca demonstrar em seu estudo de que forma a propaganda política veiculada nos meios de comunicação e educação durante os regimes Vargas, no Brasil, e Perón, na Argentina (talvez os dois exemplos mais utilizados quando se fala em populismo) reforçava a ideia de sociedades ameaçadas por setores alheios aos interesses do “povo”, como os comunistas e os representantes do passado político.¹⁴³

¹⁴¹ TAVARES, Francisco Mata Machado. Três variantes do personalismo na política da América hispânica: o Caudilhismo, o Bolivarianismo e o Populismo como expressões de afirmação regional. **Cadernos PROLAM/USP**. São Paulo: v. 1, 2011. p. 40.

¹⁴² WEBER, Max. A política como vocação. In: **Ensaio sociológicos**. Rio de Janeiro: LTC, 1982. p. 99.

¹⁴³ CAPELATO, Maria Helena. **Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo**. Campinas: Papirus, 1998. p. 52.

Outro aspecto tradicional do populismo que aparece na figura de Chávez é a oferta de soluções rápidas (se levarmos em conta a tradicional morosidade da administração pública) e essenciais aos problemas sociais, apresentando assim respostas quase que milagrosas às demandas populares. Tal caráter é fortalecido pela sensação de uma relação direta - sem intermédio de partidos ou instituições - entre líder e súditos, como afirma, por exemplo, Guy Hermet:

No cabe duda de que esta promesa de realización en un lapso muy breve constituye el elemento de definición esencial del populismo, teniendo claro que su inmediatez procede también de su lógica de mediación directa, sin pantallas, sin complicaciones institucionales y sin plazos. La única definición discriminante del populismo reside en estas dos dimensiones, parientes de la promesa inmediatamente realizable y de la no-mediación, que garantiza la respuesta instantánea.¹⁴⁴

Por outro lado, há quem destaque os benefícios que tal relação direta possa trazer no sentido de dar voz às massas - ainda que ciente de seu perigo em potencial. Tal opinião pode ser encontrada, por exemplo, no discurso da socióloga venezuelano Margarita López Maya, ao expor que:

O populismo não é, estritamente falando, nem um movimento sociopolítico, nem um regime, ou um tipo de organização, mas fundamentalmente um discurso que pode estar presente no interior de organizações, movimentos ou regimes muito diferentes entre si... Não pode e nem deve reduzir-se a juízos de valor negativos centrados em seus potenciais atributos demagógicos ou de manipulação dos interesses das massas, pois apesar de tal característica poder acontecer - e muitas experiências populistas o constatarem - ele é um conceito muito mais rico que isso e facilitou a inclusão política de setores populares ao longo do século XX.¹⁴⁵

Uma crítica que parece mais pertinente é a que diz respeito ao principal artifício utilizado por Chávez nessa relação direta com as massas: a figura de Bolívar. Enquanto os opositores acusam Chávez de forjar um personagem que sirva exclusivamente como forma de conseguir o apoio popular, a crítica acadêmica alerta sobre os perigos de tal construção, ressaltando que a adoção de Bolívar como suporte teórico de sua revolução seria um anacronismo e, mais do que isso, poderia fomentar o ódio entre os dois lados em questão: opositoristas e partidários.

¹⁴⁴ HERMET, Guy. El populismo como concepto. *Revista de Ciencia Política*. Santiago: v. 23, n. 1, 2003. p. 10.

¹⁴⁵ LÓPEZ-MAYA, Margarita. Populismo y inclusión en el caso del proyecto bolivariano. In: RIBES, María Ramírez. (Org.). *¿Cabemos todos? Los desafíos de la inclusión*. Caracas: Club de Roma, 2004.

Segundo a historiadora María Elena González Deluca, o culto a Bolívar teria sofrido uma transformação negativa no governo Chávez com sua mudança de enfoque. Para ela, antes de Chávez manteve-se a imagem do Libertador como um personagem do passado, “um dogma patriótico inofensivo”.¹⁴⁶ Todavia, com o advento da Revolução Bolivariana, o Libertador torna-se um personagem presente e mentor intelectual de um projeto político que exclui e condena os inimigos da pátria.

Elias Pino Iturrieta também concorda com os perigos inerentes a essa inserção dos ideais de um personagem do passado em uma realidade totalmente distinta. Segundo ele, o uso chavista do mito bolivariano teria chegado aos “extremos da demência”¹⁴⁷ e só obteve êxito por conta do momento de carência de diretrizes políticas pela qual passava o país. Chávez inclusive, em seu primeiro ano como presidente, se vale das palavras do Libertador para justificar sua luta contra um modelo político que já não passava confiança à população ao dizer que “ese Bolívar que nos guía, decía que: cuando se pierde el respeto a las instituciones y a las leyes, la sociedad se vuelve un caos y nos quedamos solo luchando cuerpo a cuerpo por sobrevivir”.¹⁴⁸

De acordo com o autor, o Bolívar de Chávez perde a função aglutinadora que sempre lhe foi peculiar para servir a apenas uma parte da população. Dessa forma, o poder mítico da figura do Libertador é utilizado agora para justificar um processo de segregação, fomentando assim a ideia de que os apoiadores da revolução estão “abençoados” e condenando os que não apoiam seu projeto ao “pecado” de não se curvarem aos ditames do “deus cívico”.¹⁴⁹

Em uma análise mais geral a respeito da freqüente utilização de Bolívar como um tipo de personagem sobre-humano pelos líderes políticos venezuelanos - não se focando exclusivamente no governo Chávez - Manuel Caballero expõe sobre os principais riscos desse uso desmedido do herói nacional. O autor venezuelano expõe, em sua obra intitulada *Por qué no soy bolivariano* os três principais motivos que o levam a rejeitar tal designação: por ser historiador, por ser venezuelano e por ser defensor de um Estado laico. A respeito do primeiro ponto, Caballero condena o reducionismo que impera no país de minimizar os cinco séculos

¹⁴⁶ DELUCA, María Elena González. Historia, usos, mitos, demonios y magia revolucionaria. **Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales**. Caracas: v. 11, n. 2, 2005. p. 175.

¹⁴⁷ PINO ITURRIETA, Elias. **El Divino Bolívar**: ensayo sobre una religión republicana. Madrid: Libros de la Catarata, 2003. p. 10.

¹⁴⁸ FRÍAS, Hugo Chávez. Discurso del Presidente de la República Bolivariana de Venezuela, Hugo Chávez Frías, con motivo de la cena de gala ofrecida en su honor por la asociación Iberoamerica de Hamburgo. In: **1999**: año da la refundación de la Republica. Caracas: Presidencia de la República, 2005. p. 374.

¹⁴⁹ PINO ITURRIETA, Elias. **El Divino Bolívar**: ensayo sobre una religión republicana. Madrid: Libros de la Catarata, 2003. p. 25.

da história de um povo a somente um personagem relevante. Como venezuelano, o autor lembra que a existência de seu país só é possível porque não se pôde concretizar o grande sonho do Libertador: a criação da Grã-Colômbia. Em terceiro lugar, defende que o modo como o culto em torno de um personagem histórico - mortal como todos os venezuelanos e que, portanto, deve ser analisado à luz do momento histórico da época - vem sendo apropriado pelos governos locais, tratando-o quase como uma religião oficial, afronta o caráter laico do Estado, despertando um fanatismo intenso e colocando em risco a existência de outras crenças religiosas.¹⁵⁰

Alguns autores apontam ainda para a incorporação de características marcantes da sociedade venezuelana como um dos trunfos de Chávez. Em seu livro intitulado “*Cultura Política e Elementos de Análise da Política Venezuelana*”, o pesquisador Rômulo Figueira Neves expõe alguns traços que fariam parte da cultura política venezuelana e que podem ser identificados no chavismo, os quais seriam, além do culto a Bolívar, a radicalização dos discursos e a crença no papel de interventor social das Forças Armadas.

Os militares, de fato, sempre tiveram grande importância nos processos políticos locais. A própria independência foi conduzida por um general (o qual, inclusive, se tornou o maior herói nacional) e durante grande parte do decorrer dos séculos XIX e XX os militares estavam, ou exercendo o poder, ou lutando por ele. Mesmo no período democrático era comum recorrer às Forças Armadas para conter os conflitos sociais. Desde a independência, por cerca de 130 anos os militares estiveram no poder, sendo que de um total de 52 presidentes, 35 eram militares ou estavam subordinados às Forças Armadas.¹⁵¹

Para uma grande parte dos venezuelanos, a crença no papel das Forças Armadas resiste ao tempo. Tal visão se faz presente, por exemplo, em pesquisas de opinião (realizadas entre 1996 e 2000) que continuam a apontar o Exército como uma das instituições de maior confiabilidade na Venezuela e revelam ainda a preferência da maioria por políticos de origem militar.¹⁵² Tendo em vista que a eleição de Chávez é precedida por um período considerável de governo civil, que terminou seu ciclo marcado por manifestações de insatisfação popular, a

¹⁵⁰ CABALLERO, Manuel. **Por qué no soy bolivariano: una reflexión antipatriótica**. Caracas: Alfadil, 2006. p. 19 - 22.

¹⁵¹ BUTTÓ, Luís Alberto. ¿Militarismo en Venezuela en los albores del siglo XXI? In: CASTILLO, Hernán; DONÍS, Manuel; IRWING, Domingos. (Org.). **Militares y civiles: balance y perspectivas de las relaciones civiles-militares en la segunda mitad del siglo XX**. Caracas: Universidad Católica Andrés Bello, 2005. p. 248.

¹⁵² NEVES, Rômulo Figueira. **Cultura política e elementos de análise da política venezuelana**. Brasília: FUNAG, 2010. p. 115.

condição militarista do novo personagem que se opunha a tal regime é vista como sinônimo de seriedade.

Em discurso proferido durante a promoção de oficiais e tropas profissionais da Casa Militar, em 2005, Chávez defende a legitimidade e importância das Forças Armadas como agente de mudanças sociais, dizendo que: “una de las columnas fundamentales, una de las fortalezas más grandes que la República Bolivariana tiene es, precisamente, su institución militar, que junto al pueblo constituyen la más grande fortaleza de esta patria de hoy, y esa fortaleza debemos cuidarla”.¹⁵³

Sobre a radicalização dos discursos, é fácil identificar que o meio político venezuelano não é um espaço muito diplomático. O adversário político é comumente tratado como inimigo de vida ou morte, cujos valores e crenças não podem e não devem ser compartilhados ou mesmo tolerados, tornando a esfera política do país muito mais próxima de um campo de guerra do que de uma esfera de debate.¹⁵⁴

Esse tom radical pode ser notado, por exemplo, pela alta polarização da opinião pública no país durante o governo de Chávez. São facilmente identificáveis os veículos de comunicação (emissoras, revistas, jornais) que apoiam cada um dos lados em questão, sendo incomum – e mesmo vista com maus olhos – a busca da imparcialidade. Dessa forma, a divisão social construída nos discursos de Chávez, e seu consequente cenário de embate, é incorporado de forma clara tanto pelos adeptos quanto pela oposição.

Favorecido ou não por trazer em si aspectos marcantes da cultura política venezuelana, ameaçador ou justo ao construir uma figura de Bolívar que justificasse um embate interno, anacrônico ou eficaz ao pautar os preceitos de seu governo em um personagem que viveu há quase dois séculos atrás, o que fica claro é que, apesar de o uso político da simbologia referente ao Libertador ser uma tradição no país, Chávez constrói seu discurso inaugurando uma versão até então não utilizada na esfera do poder federal. Rompendo com o costume de defender Bolívar como um símbolo de integração nacional, Chávez o defende, acima de tudo, como um estandarte da liberdade e da igualdade, a qual deveria ser buscada a qualquer custo, mesmo que isso represente uma cisão na sociedade venezuelana. Somente dessa forma o empenho e o sacrifício do Libertador seriam honrados.

¹⁵³ FRÍAS, Hugo Chávez. **Ascenso de oficiales a grados de generales y vicealmirantes y sus componentes**. (04/07/2005). Disponível em: <www.mindefensa.gov.ve>. Acesso em 15/08/2014.

¹⁵⁴ NEVES, Rômulo Figueira. **Cultura política e elementos de análise da política venezuelana**. Brasília: FUNAG, 2010. p. 121.

3.2 Os herdeiros da luta de Bolívar

Utilizado pelos governos desde a época da fundação da república como símbolo de integração nacional, Bolívar se torna com Chávez o estandarte de um governo que prega a necessidade de um processo revolucionário que modificasse essencialmente a estrutura social da Venezuela. Segundo ele, a grande desigualdade econômica e política no país seria decorrente da existência de um modelo político que sustentava a manutenção de uma elite relacionada ao capital internacional - e, dessa forma, indiferente à construção de uma Venezuela livre e igualitária – que conspirava contra os interesses da maioria, como se pode identificar no discurso de apresentação do novo projeto de Constituição, proferido em 25 de novembro de 1999 no Palácio de Miraflores:

Alerto a los venezolanos - va a ser más salvaje que la del año pasado - porque nuestros adversarios, esos ideólogos que destrozaron a Venezuela, esos destructores, esos representantes de los partidos AD, COPEI, esos sectores empresariales apátridas, ese grupito, esa cúpula empresarial apátrida que no representa a la mayoría de los empresarios venezolanos.¹⁵⁵

Na concepção de Chávez, essa pequena oligarquia - que em sua opinião envolvia ainda, além de uma parte do empresariado do ramo petrolífero e de representantes do modelo político *puntofijista* neoliberal, os detentores dos meios de comunicação privados - conspirava contra os direitos da maioria. Decorrente disso, o ex-presidente prega a necessidade de a sociedade se organizar no combate a tal classe opressora, formada, de acordo com suas palavras, por traidores, sabotadores e terroristas.

Pues a esos terroristas, los medios privados televisivos y la mayoría de los medios impresos, los pintan como héroes de la patria cuando son traidores a la patria. A los piratas que bloquearon nuestras costas, como no había ocurrido desde 1902, los medios los presentan como valientes marineros. ¡Criminales es lo que son, saboteadores y terroristas! Ante los venezolanos y ante el mundo los denuncio como terroristas que intentan arrebatarme a un pueblo su razón de existir, su alma y su cuerpo, su esperanza contenida en esta patria buena.¹⁵⁶

Ao defender a existência de tal realidade dicotômica na Venezuela (povo x oligarquia), Chávez buscou relacionar a elite político-econômica de seu tempo com a antiga classe dominante que expulsou Bolívar do país logo após a concretização da independência.

¹⁵⁵ FRÍAS, Hugo Chávez. Discurso del Presidente de la República Bolivariana de Venezuela, Hugo Chávez Frías, con motivo de presentar al país el proyecto de constitución In: **1999**: año da la refundación de la Republica. Caracas: Presidencia de la República, 2005. p. 448.

¹⁵⁶ FRÍAS, Hugo Chávez. Alocución con motivo del asesinato de los simpatizantes del Gobierno. In: **El golpe fascista contra Venezuela**: aquí está en juego la vida de la patria. La Habana: Plaza, 2003. p. 24.

Em diversos discursos, Chávez sugere que os membros de tal oligarquia seriam os novos traidores da pátria. Faz questão, por exemplo, de lembrar que o Libertador foi combatido por seus próprios compatriotas, como afirma em discurso proferido em Táchira, em 23 de maio de 1999.

Bolívar sí tenía clara la dirección en la que debería avanzar la Revolución de Independencia, pero no todos entendieron a Bolívar y muchos de sus compañeros de lucha lo traicionaron al final y lo expulsaron de aquí. Bolívar no lo expulsaron de aquí los españoles, no. Él, con el pueblo, echaron de aquí a los españoles, pero después, la oligarquía venezolana echó de aquí a Bolívar y tuvo que irse a morir allá, en las costas del Caribe colombiano en Santa Marta.¹⁵⁷

Em seu discurso de apresentação da nova constituição bolivariana, em 1999, Chávez também faz questão de relacionar os que expulsaram Bolívar da Venezuela com a atual oligarquia a ser combatida ao lançar a pergunta: “ustedes recuerdan hermanos que a Bolívar lo expulsaron de Venezuela? ¿No será que los negativos son los herederos directos de los que expulsaron a Bolívar?”¹⁵⁸ Já em outra ocasião, agora no ano de 2000, Chávez volta a relacionar os antigos desafetos de Bolívar à elite que governava o país durante o período denominado de IV República. Em discurso feito no Palácio de Miraflores, Chávez atribui a Bolívar o desejo de empreender um projeto revolucionário, o qual só não pôde se concretizar por conta da oposição dos “traidores da pátria”.

Bolívar tenía un proyecto de reparto de tierras, para hablar de ese punto nada más, de la justicia social y lo expulsaron de aquí. Ustedes saben hermanos, que a Bolívar lo expulsaron de aquí después que dirigió la revolución, después que entregó todo, las minas de oro que tenía, los esclavos que tenía los convirtió en soldados libres y después se fue al sur y regresó a Venezuela el año 1826. Luego lo echaron de aquí, la oligarquía rodeó a un buen soldado como fue el General José Antonio Páez, la primera lanza del mundo llegó a llamarlo Bolívar, pero políticamente no tenía nada, ningún concepto revolucionario y eso es peligroso cuando la oligarquía rodea a figuras que se destacaron en la guerra, en la revolución o en hechos parecidos y le van dorando la píldora y sin que se den cuenta muchas veces, como dicen en la calle “sin querer queriendo” pero a veces es queriendo, se dejan utilizar por los enemigos históricos de los proyectos.¹⁵⁹

¹⁵⁷ FRÍAS, Hugo Chávez. Discurso del Presidente de la República Bolivariana de Venezuela, Hugo Chávez Frías, con motivo del acto conmemorativo de los 100 años de la Revolución Restauradora. In: **1999**: año da la refundación de la Republica. Caracas: Presidencia de la República, 2005. p.192.

¹⁵⁸ FRÍAS, Hugo Chávez. Discurso del Presidente de la República Bolivariana de Venezuela, Hugo Chávez Frías, con motivo de presentar al país el proyecto de constitución. In: **1999**: año da la refundación de la Republica. Caracas: Presidencia de la República, 2005. p. 458.

¹⁵⁹ FRÍAS, Hugo Chávez. Discurso del Presidente de la República Bolivariana de Venezuela, Hugo Chávez Frías, con motivo del acto de condecoración del pabellón de la República de Cuba. In: **2000**: año de la relegitimación de los poderes. Caracas: Presidencia de la República, 2005. p. 203-204.

Se por um lado Chávez associava a atual elite com aqueles que traíram os ideais de Bolívar, por outro defendia que os que o apoiavam no processo revolucionário seriam os verdadeiros herdeiros da luta do Libertador, os que contribuiriam para que seu sonho se concretizasse. Em várias oportunidades Chávez faz questão de enfatizar o sacrifício e o empenho de Bolívar nas lutas pela libertação nacional, sempre defendendo que tal engajamento deveria ser retomado pela população contra o novo modelo de exploração, honrando assim os feitos do herói nacional.

Dijo Simón Bolívar una vez: “He arado en el mar”. Es triste arar 30 años en el mar, 40 años en el mar. De todos modos él estaba equivocado; era la amargura lo que le llevaba a decir aquello, a minimizarse porque por supuesto que Bolívar no aró en el mar; tanto no aró en el mar que aquí estamos nosotros fruto de su siembra, frutos de su arado, frutos de su sudor, frutos de su sueño y frutos de su ejemplo heroico.¹⁶⁰

Valendo-se de tais alusões, Chávez defende o resgate dos ideais de Bolívar como motor desse processo revolucionário, convocando a grande massa a rebelar-se contra o domínio dessa minoria que cerceava os direitos dos demais. Se valendo de inúmeras referências ao Libertador (em sua maioria frases proféticas, reflexões filosóficas e mensagens de incentivo e estímulo) e encaixando-as meticulosamente em seu discurso, o ex-presidente se aproxima da grande massa utilizando um dos elementos mais pertinentes do imaginário venezuelano.

Além disso, Chávez constrói em seu discurso um cenário bastante favorável à utilização das referências a Bolívar por esse viés revolucionário. Além do momento histórico marcado pelos desejos de mudança e por uma intensa descrença nas instituições políticas nacionais, o ex-presidente ainda relaciona a todo o momento o período colonial com a época que antecede sua ascensão ao poder, afirmando que o exemplo da luta de Bolívar contra o domínio estrangeiro deveria ser retomado para combater um modelo político-econômico que novamente fomentava a exploração da maioria por uma pequena parcela da população, como ocorreu sob o jugo espanhol.

Em oposição a seus antecessores, portanto, Chávez defendeu a praticidade e atualidade das ideias de Bolívar, tratando-o não apenas como uma figura que represente a grandeza do país ou um exemplo cívico e de coragem. Para ele, os ensinamentos de Bolívar poderiam

¹⁶⁰ FRÍAS, Hugo Chávez. Discurso del Presidente de la República Bolivariana de Venezuela, Hugo Chávez Frías, con motivo del acto de juramentación como presidente electo para el período 2000-2006, ante la Asamblea Nacional Legislativa. In: **2000**: año de la relegitimación de los poderes. Caracas: Presidencia de la República, 2005. p. 404.

pautar a política atual, principalmente no que diz respeito à igualdade de oportunidades e de direitos. É o que defende, por exemplo, em sua fala na Universidad de La Habana, em 1994.¹⁶¹ Na ocasião, o recém saído da prisão e ainda não candidato Hugo Chávez apresenta uma possível agenda bolivariana de governo, defendendo a pertinência das ideias de Bolívar à realidade latino-americana e a necessidade de o continente se unir, senão territorialmente, em termos de cooperação política e econômica, para resistir aos interesses do norte.

Apesar de defender a pertinência das ideias políticas de Bolívar nesse novo contexto histórico, lançando inclusive obras que relacionam seu projeto de governo com os ideais bolivaristas¹⁶², o que se observa é que na maioria das alocações destinadas à grande massa Chávez utiliza as referências ao Libertador através de um caráter muito mais mítico do que prático. Chávez parece optar em seus grandes discursos pela utilização de referências a Bolívar carregadas de entusiasmo, dando preferência a passagens muito mais reflexivas do Libertador do que a escritos de cunho propriamente político.

Pode-se imaginar que o ambiente dos grandes discursos não seja propício a um debate mais profundo sobre os aspectos políticos de sua doutrina. Geralmente marcado pelo entusiasmo e pela emoção que caracterizam os grandes encontros políticos, é compreensível que a retórica acabe tornando-se mais importante, em tais ocasiões, do que a exposição mais sistemática de uma agenda política. Em obra que discute a construção discursiva do povo brasileiro, por exemplo, a autora Maria Emília Lima chama atenção para alguns aspectos que compõe o discurso político. Além das condições sócio-históricas de produção, a historiadora alerta ainda para a importância de se levar em consideração os destinatários de tal discurso, já que toda alocação é “destinada a um outro específico”.¹⁶³

Dessa forma, a tendência em se criar um Bolívar revolucionário, que vá de encontro aos anseios da grande massa, parece se aproximar muito mais do *protobolivarianismo* que marcou o imaginário popular nos tempos da Guerra Federal, o qual se baseava em uma

¹⁶¹ FRÍAS, Hugo Chávez. **Discurso en la Universidad de La Habana**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TENE_UTyNvk>. Acesso em 13/09/2014.

¹⁶² Dentre tais obras, pode-se destacar o livro *Agenda Alternativa Bolivariana*, na qual Chávez faz uma exposição detalhada dos objetivos de seu governo, abordando temas relacionados ao papel do Estado, à política econômica e aos direitos sociais. FRÍAS, Hugo Chávez. **Agenda Alternativa Bolivariana**. Caracas: Correo del Orinoco, 2007.

¹⁶³ LIMA, Maria Emilia A. T. **A construção discursiva do povo brasileiro: os discursos de primeiro de Maio de Getúlio Vargas**. Campinas: Unicamp, 1990. p. 24.

memória oral e repleta de componentes místicos a respeito do Libertador, do que do personagem quase fossilizado patrocinado pelo Estado-nação.¹⁶⁴

A grande maioria dos governos recorreu a Bolívar apenas como um símbolo da grandeza venezuelana, do passado glorioso de seu povo, sem, no entanto, fazer uma relação direta entre os problemas nacionais e os ideais do Libertador. Bolívar era indiscutível por si só, um símbolo da unidade nacional que não necessitava de justificativa, tornando-se “uma imagem descarnada, uma efígie reverenciada como instituição inquestionável da organização social”.¹⁶⁵ No governo Chávez há a proposta do resgate de Bolívar em vista de sua função social, por conta de seus ideais de liberdade e igualdade e por seu exemplo na utilização prática de tais valores, de forma semelhante à apropriação radical presente entre as camadas populares no pós-independência (que se apropriavam de Bolívar como justificador de revoltas que reivindicavam medidas como o fim da escravidão e melhores condições de vida aos camponeses).¹⁶⁶

Apesar da defesa de tal praticidade e pertinência dos ideais do Libertador, a forma como Chávez utiliza as referências a Bolívar em suas falas se aproxima muito mais do tratamento dado a um ser metafísico do que a um personagem histórico. O ex-presidente sugere a existência de, muito além de um herói e teórico político, um ser sobre-humano, cujo espírito se faz presente no coração de cada um dos que lutam pela libertação da pátria venezuelana, como afirmou em 2002 ao dizer que: “Bolívar hoy no es un hombre, Bolívar hoy es un pueblo, Bolívar hoy es una idea; Bolívar es un sueño, Bolívar es un pueblo”.¹⁶⁷ Parte da adesão que o discurso de Chávez tem de grande parcela da população venezuelana parece estar diretamente relacionada com tal caráter mítico atribuído ao Libertador e com a constância que seu nome é evocado em tais discursos.

A recorrência com que Bolívar aparece nas falas de Chávez não significa, contudo, que o ex-presidente utilize um vasto repertório de citações sobre tal personagem em seus discursos políticos. As referências são muitas vezes repetitivas e encaixadas em sua fala conforme a conveniência, promovendo recortes que deturpam as palavras de seu contexto

¹⁶⁴ FERREIRA, Carla Cecília Campos. **Ideologia bolivariana**: as apropriações do legado de Simón Bolívar em uma experiência de povo em armas na Venezuela. O caso da Guerra Federal (1859-1863). Porto Alegre: UFRS, 2006. p. 96.

¹⁶⁵ Ibidem, p. 172.

¹⁶⁶ Ibidem, p. 129-131.

¹⁶⁷ FRÍAS, Hugo Chávez. Discurso del Presidente de la República Bolivariana de Venezuela, Hugo Chávez Frías, con motivo de la marcha por la justicia y en contra de la impunidad. In: **2002**: Año de la resistencia antiimperialista. Caracas: Presidencia de la República, 2005. p. 408.

original. A força do uso de Bolívar na oratória chavista, portanto, parece estar relacionada muito mais à sua amplitude retórica, carregada de apelo emotivo e grau de misticismo consideráveis, do que à historicização de seus ideais.

Podem-se observar determinados exemplos de passagens - ou do próprio Bolívar ou que façam referência a ele - repetidas à exaustão nos discursos chavistas: a citação de Pablo Neruda, na qual o escritor diz que “Bolívar despierta cada 100 años cuando despiertan los pueblos”, por exemplo, aparece recorrentemente nas falas do ex-presidente, podendo ser identificada tanto em seus discursos feitos ainda como líder rebelde (como na já citada fala feita à Universidade de La Habana), quanto em alocações proferidas já como chefe nacional, nas mais variadas situações e em anos também diversos.¹⁶⁸

Muitas destas passagens aparecem no discurso de Chávez como forma de respaldar as características de seu governo. A defesa de um papel ativo das Forças Armadas nas questões sociais, por exemplo, é constantemente ilustrada pela citação “maldito sea el soldado que vuelva las armas contra su propio pueblo”.¹⁶⁹ Já ao falar a respeito do poder de decisão dado ao povo com os referendos e plebiscitos, Chávez parafraseia Bolívar dizendo: “creo más en los consejos del pueblo que en los consejos de los sabios”.¹⁷⁰

Muitas vezes, no entanto, as palavras de Bolívar que são parafraseadas por Chávez aparecem descoladas de seu contexto real. Vários exemplos de tais deturpações podem ser encontrados em seus discursos. Seguem alguns destes.

Encaixada constantemente nas alocações do ex-presidente, a fala em que Bolívar se define como “apenas una débil paja arrastrado por un huracán revolucionario que me arrebató”,¹⁷¹ é utilizada com frequência pelo ex-presidente como forma de justificar a necessidade e pertinência do empenho popular em seu projeto revolucionário. Fica oculto, no entanto, que tal passagem foi dita originalmente por Bolívar, no Discurso de Angostura, como forma de oferecer maior poder a membros do Congresso, os quais chama de “representantes del pueblo”, de forma a diminuir “la inmensa autoridad que me agobiaba como de la

¹⁶⁸ Ao analisar as fontes selecionadas, percebe-se a presença de tal frase em discursos dos anos de 1999 (em seu discurso de posse e na comemoração dos 216 anos do nascimento de Bolívar), 2000 (na cerimônia em homenagem aos 170 anos da morte do Libertador), 2001 (na reinauguração da sede da Secretaria Permanente do Sistema Econômico Latino-americano) e 2003 (Fórum Social Mundial em Porto Alegre – Brasil).

¹⁶⁹ Tal frase consta em inúmeros discursos entre 1999 e 2003, sendo utilizada quando Chávez fala sobre o compromisso que as Forças Armadas devem ter com as demandas populares.

¹⁷⁰ As falas de Chávez a respeito do papel protagônico do voto popular em seu governo constantemente são acompanhadas dessa citação de Bolívar, a qual foi identificada em discursos dos anos de 2000, 2001 e 2003.

¹⁷¹ Tal citação aparece em mais de 10 dos discursos analisados, proferidos entre 1999 e 2003.

responsabilidad ilimitada que pesaba sobre mis débiles fuerzas”¹⁷². Se a forma como Chávez utiliza tal passagem diz respeito ao sentimento de mudança que toma conta da população, Bolívar a dirigiu a membros das oligarquias locais que compunham tal instituição política. Vale ainda ressaltar que uma das primeiras medidas de Chávez ao chegar ao poder foi justamente a dissolução do Congresso.

A valorização dos programas sociais, do acesso aos direitos básicos e a adoção de medidas redistributivas também são justificadas com palavras do Libertador moldadas à conveniência da situação. Para defender a importância de tais ações, Chávez se vale constantemente de outro trecho do Discurso de Angostura em que Bolívar diz que “el sistema de gobierno más perfecto es aquel que le da a su pueblo la mayor suma de seguridad social, la mayor suma de estabilidad política y la mayor suma de felicidad posible”.¹⁷³ Mais uma vez, no entanto, a passagem de Bolívar é desvirtuada de seu contexto real. Se um dos pontos fundamentais da realidade defendida por Chávez é a divisão social entre povo e elite, é no mínimo contraditório de valer de tal expressão, utilizada por Bolívar para defender a necessidade de coexistência entre os diferentes estamentos sociais, tanto que afirma no mesmo documento: “es una inspiración eminentemente benéfica, la reunión de todas las clases en un estado, en que la diversidad se multiplicaba en razón de la propagación de la especie”.¹⁷⁴

Nota-se, portanto, uma grande utilização de frases soltas, muitas vezes descoladas de seu sentido e contexto originais, e encaixadas conforme a conveniência e o teor do discurso em que são lançadas. A maior parte das passagens utilizadas por Chávez nos discursos analisados neste estudo são trechos que exaltam a grandeza e a força do povo venezuelano, evocadas no sentido de estimular e comover a grande massa. Trechos como o que Bolívar afirma ser “o homem das dificuldades” ou ainda aonde defende que “sólo la unión nos falta para lograr la obra de nuestra regeneración, unámonos y seremos invencibles” podem ser facilmente localizados em suas falas sem, no entanto serem historicizadas. O trecho que faz menção à invencibilidade decorrente da união, por exemplo, foi escrita por Bolívar ao General Francisco de Paula Santander, em janeiro de 1817. Embora Chávez utilize tal frase como

¹⁷² BOLÍVAR, Simón. **Discurso de Angostura**. Disponível em: <<http://www.ensayistas.org/antologia/XIXA/bolivar/bolivar2.htm>>. Acesso em: 12/03/2015.

¹⁷³ Esse fragmento de um dos mais famosos discursos de Bolívar esteve presente em discursos chavistas dos anos de 1999, 2000, 2001 e 2002.

¹⁷⁴ BOLÍVAR, Simón. **Discurso de Angostura**. Disponível em: <<http://www.ensayistas.org/antologia/XIXA/bolivar/bolivar2.htm>>. Acesso em: 12/03/2015.

incentivo à aglutinação popular em torno de uma Venezuela com igualdade de oportunidades, em seu contexto original a mesma expressava a necessidade de uma ação em conjunto das tropas submetidas a diferentes líderes, em especial as venezuelanas e colombianas.

Ao mencionar a grandeza e a identidade do povo venezuelano, Chávez afirma em vários de seus discursos que: “nosotros no somos ni europeos; nosotros no somos ni africanos; nosotros no somos asiáticos; nosotros no somos Americanos del Norte, constituimos - decía Bolívar hace casi dos siglos - un nuevo género humano”. Tal trecho remete a um famoso fragmento da Carta da Jamaica, na qual Bolívar afirma: “No somos indios ni europeos, sino una especie media entre los legítimos propietarios del país y los usurpadores españoles: en suma, siendo nosotros americanos por nacimiento y nuestros derechos los de Europa, tenemos que disputar éstos a los del país y que mantenernos en él contra la invasión de los invasores”.¹⁷⁵ Apesar das semelhanças entre os dois trechos citados, nota-se claramente a diferença no contexto de utilização do mesmo. Enquanto Chávez o utiliza como forma de ressaltar a força do povo venezuelano, Bolívar fazia menção à classe *criolla*, a qual defendia ser gestora natural dos territórios americanos.

Observa-se, portanto, que, apesar de Chávez justificar que “el nombre de Bolivariana no fue sólo como una bandera efectista para utilizar el nombre de Bolívar”,¹⁷⁶ o uso prático das referências ao Libertador em seus discursos parece se aproximar muito mais de uma estratégia retórica do que propriamente de uma discussão em torno da possibilidade de utilização política de seus ideais no presente, ao menos no que diz respeito às falas direcionadas à grande massa. O teor das citações e os contextos nos quais as mesmas são encaixadas revelam um uso das palavras de Bolívar mais voltado para a comoção popular do que propriamente para uma exposição acerca da influência prática do herói nacional em seu modelo de gestão.

Segundo Emília Bermúdez e Gildado Martínez, um dos trunfos de Chávez frente à população é fundir em seus discursos dois elementos essenciais do imaginário venezuelano: o culto a Bolívar e os valores cristãos.¹⁷⁷ Citações bíblicas são comuns no repertório chavista, inclusive ao comparar Jesus com o Libertador. Já em seu discurso de posse, em 1999, Chávez

¹⁷⁵ BOLÍVAR, Simón. **Carta da Jamaica**. Disponível em: <http://www.pco.org.br/conoticias/imprimir_materia.php?mat=677>. Acesso em: 18/10/2014.

¹⁷⁶ FRÍAS, Hugo Chávez. Discurso del Presidente de la República Bolivariana de Venezuela, Hugo Chávez Frías, con motivo de su visita al Congreso de Colombia. In: **2001: Año de las leyes habilitantes**. Caracas: Presidencia de la República, 2005. p.165.

¹⁷⁷ BERMÚDEZ, Emília; MARTÍNEZ, Gildado. Hugo Chávez: la articulación de un sentido para la acción colectiva. **Espacio Abierto**. Maracaibo: n. 1, v. 9, 2000.

cita o livro de Eclesiastes ao comparar sua luta com a de Bolívar, dizendo: “como dice el libro sagrado del Eclesiastés: todo lo que va a ocurrir debajo del sol, tiene su hora. Hoy, 2 de febrero de 1999 ¡Llegó la hora de la resurrección de la Patria de Simón Bolívar!”.¹⁷⁸

O binomio Jesus/Bolívar é utilizado com frequência por Chávez, tanto para comparar a luta do Libertador pela Venezuela com o sacrifício de Cristo pelos humanos (como quando diz, em discurso proferido em 01 de fevereiro de 2000, que “ustedes son el pueblo uniformado y con un fusil o con un sable y con juramento y con un mandato, listos al sacrificio si hubiera que dar la vida por el pueblo, para eso somos los soldados, como Cristo, como Bolívar”)¹⁷⁹ quanto para atribuir um comportamento revolucionário aos dois personagens em questão, como, por exemplo, ao afirmar na mesma alocução que “la revolución del amor, la revolución de la paz, la revolución de la fe, la revolución del futuro, la revolución de la esperanza es la misma revolución de Jesús de Nazaret y es la misma de Simón Bolívar”,¹⁸⁰ ou ainda ao proferir em 2002 que:

Jesús es el primer comandante y líder de este pueblo, Jesús el redentor de los pueblos ese, es el primer jefe de este esfuerzo supremo en la búsqueda precisamente de aquello que anunciaba hace casi dos mil años por los pueblos de Galilea: la paz, el amor y la hermandad en el medio de la igualdad. La paz pero amparada por la justicia y por la dignidad de todos los seres humanos que aquí vivimos.¹⁸¹

Utilizando em conjunto alguns dos maiores dogmas da sociedade venezuelana, Chávez constrói para si a imagem de um líder carismático que baseia suas ações em preceitos indiscutíveis para a maior parte da população. Além de utilizar Bolívar em seus discursos a partir de um viés quase religioso, Chávez também relaciona a luta do Libertador com o caráter guerreiro e patriótico do povo venezuelano, propondo a ideia de que sua revolução seria a oportunidade de o povo retomar e honrar sua luta. Dessa forma, Chávez busca inserir a parcela da população insatisfeita com o antigo modelo político na luta iniciada por Bolívar no século XIX.

¹⁷⁸ FRÍAS, Hugo Chávez. Discurso del Presidente de la Republica Bolivariana de Venezuela, Hugo Chávez Frías, con motivo del acto ante el pueblo de Caracas después de la toma de posesión. In: **1999**: año da la refundación de la Republica. Caracas: Presidencia de la República, 2005. p. 33.

¹⁷⁹ FRÍAS, Hugo Chávez. Discurso del Presidente de la República Bolivariana de Venezuela, Hugo Chávez Frías, con motivo del acto de conmemoración del nacimiento de Ezequiel Zamora. In: **2000**: año de la relegitimación de los poderes. Caracas: Presidencia de la República, 2005. p. 28.

¹⁸⁰ Ibidem, p. 21.

¹⁸¹ FRÍAS, Hugo Chávez. Discurso del Presidente de la República Bolivariana de Venezuela, Hugo Chávez Frías, con motivo del 181 aniversario de la Batalla de Carabobo y día del ejército. In: **2002**: año de la resistencia antiimperialista. Caracas: Presidencia de la República, 2005. p. 320.

Nesse sentido, Chávez apresenta as referências ao Libertador a partir de visões que despertem um sentimento de participação na população, passando a ideia de Bolívar como um personagem de ideais revolucionários, empenhado em implementar os valores democráticos na sociedade da época, mas que no entanto viu os frutos de sua luta se perderem por conta das traições de que foi vítima. Ao dar a vida pela defesa da Venezuela, Bolívar se torna um exemplo de perseverança e martírio, no qual a população deveria se espelhar nesse novo contexto de libertação. Bolívar, portanto, pode ser apresentado como herói, mas também como uma espécie de profeta do destino americano. É ao mesmo tempo revolucionário e vítima, morrendo pela defesa dos seus ideais. Bolívar pode se enquadrar em diferentes categorias, desde que a menção a seu nome se encaixe no contexto pretendido e sirva como motor da comoção popular. O quadro temático a seguir apresenta alguns trechos dos discursos chavistas selecionados como fontes desta pesquisa que servem como exemplo de tal utilização mítica do Libertador.

	1999	2000	2001	2002
BOLÍVAR REVOLUCIONÁRIO	<p>“Decía Bolívar: Unirnos para apoltronarnos, unirnos para observar como pasan los acontecimientos, antes era una infamia, hoy es una traición”.</p> <p>“Tenemos que revolucionarnos, incluso nosotros mismos, es hora de oír a Bolívar de nuevo y ahora es cuando los venezolanos van a oírme hablar de Bolívar, porque ese es el faro”.</p> <p>“Esa es la revolución que vuelve y esa es la palabra que orienta, es Bolívar”.</p>	<p>“Quien guía esta revolución es el claro, es el inmenso, es el revolucionario pensamiento de Simón Bolívar, nuestro Libertador, esa es la carga ideológica de este proceso”.</p> <p>“No sé en qué carta o en qué discurso dijo aquello Simón Bolívar, pero lo dijo con una gran visión jánica, además; una gran visión revolucionaria, además.”</p> <p>“Comenzamos a ver a Bolívar de nuevo como esperanza y como idea para impulsar una revolución”.</p>	<p>“¿Bolívar? No. “Era negro, era negro, tenía el pelo rizado”. Y no sólo eso, es que era revolucionario, planteaba la igualdad, planteaba la repartición de tierras para los indios, planteaba la libertad de los esclavos”.</p> <p>“Bolívar sí tenía un proyecto revolucionario, inspirado en las revoluciones de aquella hora: la norteamericana y la francesa, porque las vio de cerca, la francesa, las leyó de cerca, vivió un poco sus consecuencias directas”.</p>	<p>“Así como Simón Bolívar junto al pueblo venezolano hace 200 años libertaron a Venezuela y a medio Continente del yugo español, ahora ustedes todos juntos estamos libertando al pueblo venezolano, es una nueva libertad, es una nueva gesta de independencia”.</p> <p>“El caraqueño inmortal” el bolivariano, el revolucionario, el líder de todos los tiempos, el Comandante eterno de esta revolución que no es otro que Simón Bolívar, el más grande hombre que ha parido este Continente”.</p>

	1999	2000	2001	2002
BOLÍVAR ESPÍRITO	<p>“Como dice el libro sagrado del Eclesiastés: todo lo que va a ocurrir debajo del sol, tiene su hora. Hoy, 2 de febrero de 1999 ¡Llegó la hora de la resurrección de la Patria de Simón Bolívar!”</p> <p>“Así lo decía Bolívar: para formar un gobierno estable, es necesario que fundamos el espíritu nacional en un todo, el alma nacional en un todo, el espíritu y el cuerpo de las leyes en un todo”.</p> <p>“Hoy la alma de Bolívar vuelve a recorrer los campos y las ciudades de Venezuela”.</p>	<p>“Bolívar el de la unión. Unámonos y seremos invencibles. Bolívar el de la cima del Chimborazo. Bolívar el que dice allá: “Anda y dile la verdad a los hombres”</p> <p>“Aquí delante del padre de la Patria, nuestro padre, nuestro guía, nuestro líder político y espiritual”.</p> <p>“¿Eres tú Padre o no eres o quién eres?”. Y Bolívar le dijo: Sí, soy yo, pero despierto cada cien años cuando despiertan los pueblos”.</p>	<p>“Así está Bolívar en el cielo de América, vigilante y ceñudo, sentado aún en su roca de crear, con el inca al lado y un haz de banderas a los pies”.</p> <p>“Ese sueño está vivo todavía, nosotros también como el Padre Libertador nos¡</p> <p>Qué viva Bolívar para siempre!”</p> <p>Nosotros somos Bolívar, todos somos Bolívar, todos traemos su espada libertadora y su idea redentora y su concepto y su misión.</p>	<p>“¡Viva Bolívar! Bolívar ha vuelto y aquí está hecho pueblo”.</p> <p>“Hoy el pueblo venezolano ha resucitado el sueño de justicia de Bolívar; hoy Bolívar ha vuelto con su bandera de justicia, hoy Bolívar ha vuelto y está aquí en las calles de La Vega, y Bolívar es el pueblo de Venezuela. Ese es Bolívar.”</p> <p>“Bolívar sigue vigente. Alerta que camina la espada de Bolívar por la América Latina”.</p>
	1999	2000	2001	2002
BOLÍVAR TRAÍDO	<p>“Echaron atrás la revolución, la traicionaron, la desviaron y le entregaron la Patria a la oligarquía que la destrozó, a esta IV República que nació sobre las cenizas de Bolívar en 1830”.</p> <p>“¿No será que la oligarquía conservadora que expulsó a Bolívar de Venezuela, y Bolívar tuvo que irse a morir en Santa Marta casi solo, traicionado y olvidado, no por el pueblo que lo adora y lo ha adorado 200 años y lo adorarán 1000 siglos más; traicionado por una oligarquía, rodeado por una oligarquía, lo mandaron a matar a Bolívar?”</p>	<p>“La oligarquía venezolana que fue la que expulsó a Bolívar de aquí, y tuvo que morir en Santa Marta, Colombia, porque de aquí lo expulsaron y no lo expulsaron los españoles, no, lo expulsaron venezolanos, la oligarquía”.</p> <p>“Lo expulsaron de aquí, ustedes saben hermanos cubanos, que a Bolívar lo expulsaron de aquí después que dirigió la revolución, después que entregó todo, las minas de oro que tenía, los esclavos que tenía los convirtió en soldados libres.”</p>	<p>“Bolívar se fue solitario allá, traicionado cual Cristo con su cruz? diciendo: ya con el último aliento, he arado en el mar.”</p> <p>“Bolívar creo que murió fue de dolor, Bolívar a lo mejor no murió de la tuberculosis, sino del dolor. Él mismo dijo: Estoy muerto en vida, dijo en 1828. Lo acuchillaron, lo traicionaron, lo echaron abajo”</p> <p>“Bolívar fue a morir en Santa Marta casi solitario, traicionado, casi expulsado de Venezuela, casi asesinado en Bogotá”.</p>	<p>“La oligarquía venezolana, después de la guerra de independencia, asesinó el sueño bolivariano, traicionaron a Bolívar y se adueñó de las tierras y de todas las riquezas del país”.</p> <p>“La oligarquía traicionó el proyecto revolucionario bolivariano y robinsoniano”.</p> <p>“El pueblo venezolano es uno de los pueblos más traicionados de la historia, y que el pueblo venezolano no merece ni una sola traición más”.</p>

	1999	2000	2001	2002
BOLÍVAR SALVADOR	<p>“Don Simón, nuestro Libertador, dijo un día: Jesucristo, Don Quijote y yo, he allí a los tres majaderos de la humanidad”.</p> <p>“Cristo andaba buscando a los Apóstoles, y fueron los Apóstoles por el mundo, y sólo así hicieron la Revolución Cristiana, pero ¿Cristo sólo?, no, Cristo no podía hacerlo él solo. ¡Imposible! Igual Bolívar, él sólo jamás”.</p> <p>“Bolívar deliró, subió y tocó al Eterno y el Eterno le dijo: Tú, pequeño mortal ¿Qué te crees? anda allá y di la verdad a los hombres”.</p>	<p>“La revolución del amor, la revolución de la paz, la revolución de la fe, la revolución del futuro, la revolución de la esperanza es la misma revolución de Jesús de Nazaret y es la misma de Simón Bolívar y es la misma de Zamora y es la misma de nosotros”.</p> <p>“Ustedes son el pueblo uniformado y con un fusil o con un sable y con juramento y con un mandato, listos al sacrificio si hubiera que dar la vida por el pueblo, para eso somos los soldados, como Cristo, como Bolívar”.</p>	<p>“Bolívar incluso el que de la vida. Todo líder debe ser capaz de dar la vida por la idea que lleva”.</p> <p>Bolívar terminó muriendo con una camisa rota, él que nació en cuna rica, cual Cristo. Y terminó diciendo: He arado en el mar, he arado en el mar”.</p> <p>“Bolívar y su pensamiento, muriendo siguió diciéndolo: Si mi muerte contribuye a que cesen los partidos y se consolide la unión, yo bajaré tranquilo al sepulcro”.</p>	<p>“¿Por qué Bolívar murió frustrado? ¿Por qué Bolívar se fue solitario allá, traicionado cual Cristo con su cruz?”</p> <p>Esa es nuestra lucha, la lucha de Bolívar, la lucha de Cristo, el redentor de los pueblos.</p> <p>“El padre libertador, en una ocasión exclamó: “La justicia es la reina de todas las virtudes republicanas.” Y el proyecto de Bolívar se basaba, precisamente, en la lucha a muerte por la justicia”.</p>

A utilização de todos esses aspectos apresentados contribuiu para que Chávez fosse visto por grande parte da população como o sucessor da luta de Bolívar, o militar que, assim como o Libertador, teria coragem e liderança necessárias para libertar a Venezuela desse novo panorama de exploração. A forma com que Chávez usa as referências a Bolívar em seu discurso se identifica bastante com elementos importantes do imaginário popular nacional e, portanto, a ideia de Chávez como uma espécie de líder messiânico é facilmente assimilável pela grande massa, como defendem Bermúdez e Martínéz.

Este liderazgo carismático de Hugo Chávez encuentra su base de apoyo en los núcleos simbólicos de la cultura política del venezolano que la democracia no pudo cambiar: en la gran fuerza imaginativa y simbólica que aún tienen las ideas de patria, república, nación, sacrificio y el binomio política y moral con la carga de republicanismismo que la cultura oficial le imprimió y que refuerzan en el imaginario popular la visión mesiánica y autoritaria como salida de la crisis.¹⁸²

¹⁸² BERMÚDEZ, Emília; MARTINÉZ, Gildado. Hugo Chávez: La articulación de un sentido para la acción colectiva. *Espacio Abierto*. Maracaibo: n. 1, v. 9, 2000. p. 57.

A relação entre Chávez e Bolívar, portanto, perpassa os limites da mera naturalidade. De fato, aspectos como a origem militar, além do discurso patriótico e inflamado, sugerem certa similaridade entre os dois líderes em questão. Todavia, para além dessas semelhanças iniciais, pode-se identificar um trabalho intenso feito por sua equipe de governo e seus adeptos no sentido de reforçar tais analogias e apresentar o condutor da Revolução Bolivariana como alguém dotado das mesmas virtudes do Libertador.

3.3 Bolívar reencarnado?

O apelo emocional e a grande utilização de referências místicas presentes no discurso chavista acabam contribuindo no sentido de construir uma relação entre as figuras de Bolívar e do próprio Chávez. O ex-presidente é adotado por grande parte da população venezuelana como o herdeiro da espada do general. E seria ingenuidade não crer na hipótese de que o próprio Chávez e seu *staff* político, cientes do poder contido em tal mito, endossassem tais referências.

Uma das estratégias observadas consta exatamente em tentar associar Chávez com os principais heróis nacionais. Além de Bolívar, são lembrados com frequência nos discursos chavistas nomes de impacto na história venezuelana, como Cipriano Castro, Simón Rodríguez e Ezequiel Zamora. Chávez defende inclusive que estes dois últimos, ao lado de Bolívar, oferecem o suporte teórico de seu projeto de governo (compondo “la árbol de tres raíces”), como se pode identificar em alocução de dezembro de 1999, na qual suplica que “no olvidemos aquello que decía el Maestro Simón Rodríguez, que es una de las raíces de este proyecto revolucionario, junto con Simón Bolívar y Ezequiel Zamora”.¹⁸³

Ao analisar os discursos chavistas, percebe-se que o ex-presidente faz uso constante de fatores que habitam o imaginário venezuelano como fator de sacrifício e dedicação – os heróis nacionais, os *Patriotas* e até mesmo Cristo – relacionando-os sempre com o processo revolucionário em curso, como se observa em discurso proferido em fevereiro de 2000:

Nosotros venimos resucitando de los infiernos. Venezuela estaba prácticamente en un infierno de pobreza, de hambre y de miseria y todavía tenemos mucho camino por andar para salir de los infiernos, pero estamos resucitando y precisamente, por el ejemplo de Zamora, por el ejemplo de Bolívar y por el ejemplo de ustedes y la unión

¹⁸³ FRÍAS, Hugo Chávez. Discurso del Presidente de la Republica Bolivariana de Venezuela, Hugo Chávez Frías, con motivo del encuentro nacional de la Constituyente Educativa. In: **1999**: año da la refundación de la Republica. Caracas: Presidencia de la República, 2005. p.484.

de un pueblo es que se ha hecho posible esta resurrección bolivariana, esta revolución.¹⁸⁴

Nesse sentido, nota-se que Chávez fundamenta seu discurso em elementos repletos de componentes míticos, que representam, em maior escala, o heroísmo e a grandeza do povo venezuelano. Para o historiador venezuelano Agustín Blanco Muñoz, o ato de recorrer a tais símbolos auxiliou na construção de uma imagem messiânica em torno do próprio ex-presidente.

Chávez constituye un caso singular en el cuadro histórico reciente. Su aparición en la escena política está ligada a figuras heroicas que han sido relevantes en su hacer y trascendente en la obra que legaron. El movimiento que propugna y organiza tiene como fuente ideológica y política un árbol de tres raíces: Bolívar, Zamora y Simón Rodríguez... un contexto, en el cual tiene preeminencia el componente heroico mesiánico, como fuente de inspiración y guía para el hacer.¹⁸⁵

Muitos são as evidências que demonstram a intencionalidade da equipe de governo do ex-presidente em se valer da imagem do Libertador como elemento fundamental na formação de uma consciência revolucionária na população venezuelana, fator tido como imprescindível para o êxito do processo em curso. Um Bolívar, no entanto, moldado pelo Estado e distante das fraquezas e defeitos dos mortais (ou dotado de fragilidades quando fosse conveniente que estas fossem expostas).

En este tiempo, en este país, en medio de los acontecimientos que podrían desencadenar situaciones sociales y políticas que mejoren la vida del pueblo, se requiere tomar una “conciencia venezolana”. Y en medio de esa angustia que muchos tenemos en este instante, no se trata de buscar ese Bolívar hombre. Porque eso es cuestión de interpretaciones [...] Pero más allá de todo eso, desde nuestro punto de vista, estamos tratando de rescatar algo o alguien que representa un sesgo de realidad nacional.¹⁸⁶

Nesse sentido, uma das principais ferramentas utilizadas durante o período chavista para reforçar a visão governista do ideário de Bolívar foi a construção dos *círculos bolivarianos*. Tais agrupamentos, promovidos pelo governo Chávez desde 2001, são organizações que atuam em diversos bairros (inclusive fora dos limites territoriais venezuelanos), de maneira descentralizada, com a função de discutir os preceitos da

¹⁸⁴ FRÍAS, Hugo Chávez. Discurso del Presidente de la República Bolivariana de Venezuela, Hugo Chávez Frías, con motivo del acto de conmemoración del nacimiento de Ezequiel Zamora. IN: **2000**: año de la relegitimación de los poderes. Caracas: Presidencia de la República, 2005. p. 404.

¹⁸⁵ BLANCO MUÑOZ, Agustín. **Habla el comandante**. Caracas: UCV, 1998. p. 16.

¹⁸⁶ Ibidem, p. 524.

“Revolução Bolivariana” e fomentar a criação de novas ideias pertinentes ao processo. Segundo a definição do Comando Supremo Revolucionário, trata-se de “um sistema de organização básica do povo de Bolívar para ativar e dirigir a participação dos indivíduos e comunidades no processo revolucionário, com a finalidade de construir a sociedade e a nação livre, independente e próspera que sonhou o Pai da Pátria”.¹⁸⁷

Na visão de Nelly Arenas e Luis Gomes Calcaño, o espaço dos círculos bolivarianos seria destinado a construir um sentimento de unidade em torno da libertação da Venezuela, essencial para a doutrina bolivariana chavista. Como o curso da revolução se dá em um espaço relativamente curto, pensado por alguns poucos teóricos, e no qual a grande massa participa muito mais envolvida emocionalmente do que a par das aspirações de tal processo, o papel dos círculos reside em colocar a população a par dos ideais que sustentam o novo modelo político, dando espaço para a discussão acerca dos mesmos,¹⁸⁸ como afirma um dos principais idealizadores de tal modelo de organização, Guillermo García Ponce:

Yo diría que falla fundamental es la falta de organización del pueblo, de su participación organizada en la gestión de gobierno y las debilidades en cuanto a la formación política e ideológica de quienes concurren en este proceso. Hasta ahora el proceso de desarrolla apoyándose en las Fuerzas Armadas, en el carácter carismático del Presidente y su gran poder de convocatoria; apoyándose en una exigencia natural de cambio, pero le falta el pueblo organizado, unido y consciente.¹⁸⁹

Uma das premissas da Revolução Bolivariana supõe, portanto, um povo ciente de seu papel, com ideais homogêneos (englobando aqui os verdadeiros venezuelanos, ou seja, os que lutam pela libertação do país) e unidos em torno do líder da revolução, Hugo Chávez. Dessa forma, uma das principais estratégias nesse sentido é desqualificar os opositores de tal processo como inimigos da pátria.

Ao defender essa realidade dicotômica que envolve o conflito povo x oligarquia e apoiar a criação de tais espaços de discussão auto-organizados e, portanto, não atrelados diretamente a partidos políticos, a equipe de governo de Chávez contribui na formação da imagem do líder como o ponto de convergência dos anseios do verdadeiro povo venezuelano. Chávez, dessa forma, é alçado à categoria de legítimo condutor do país rumo à liberdade, reforçando assim a ideia de necessidade de um líder forte e virtuoso. O ex-presidente,

¹⁸⁷ ARENAS, Nelly. CALCAÑO, Luis Gómez. Los círculos bolivarianos: el mito de la unidad del pueblo. *América Latina Hoy*. Salamanca: v. 39, 2005. p. 174.

¹⁸⁸ *Ibidem*, p. 373.

¹⁸⁹ *Ibidem*, p. 374.

portanto, seria a personificação do processo revolucionário, seguindo o mesmo viés pelo qual foi construída a imagem de Bolívar no que diz respeito à independência.¹⁹⁰

Além do empenho de sua equipe de governo, nota-se que as tramas que envolveram a aparição de Chávez perante a população venezuelana foram ideais para que sua imagem já surgisse embebida de certo misticismo. Logo após sua tentativa de golpe em 1992, no qual o comandante faz um discurso à população alertando sobre a existência de um grupo rebelde que pretendia tomar o poder, Chávez é preso e desaparece por um período da grande mídia. Tal lapso de tempo faz com que a imagem do líder rebelde seja alvo do interesse popular.

En efecto, a la sorpresa general ante la aparición por televisión el día siguiente al intento de golpe, de este personaje hasta ese momento desconocido, se sucede en el breve lapso de unos días, el inicio de la construcción social de una imagen: diversas biografías y cronologías de la asonada, algunas profusamente ilustradas con fotos de Chávez desde su infancia hasta ese momento, de sus familiares, del intento de golpe y de los efectos de este, aparecen antes de que haya pasado un mes de los hechos y se agotan rápidamente en librerías y puestos de revistas. Se venden también prendedores con el rostro y nombre de Chávez; se disfraza de Chávez a los niños en las fiestas de Carnaval, y oraciones en las cuales se ruega a Chávez que salve a Venezuela de sus males y castigue a los corruptos, circulan por todo el país, al igual que un “Himno de Chávez” parafrasea el Himno Nacional de la República y enfatiza el carácter reivindicatorio de los hechos del 4 de febrero, ante la corrupción y confusión del Gobierno.¹⁹¹

O que se pode observar, portanto, a partir de tais evidências é certa semelhança entre o processo de mitificação vivido Bolívar e o que acontece com Chávez. A insurgência de um líder com algumas características semelhantes às do Libertador (militar, com um discurso de libertação da Venezuela e autodenominado bolivarianista) ativa a fantasia no imaginário local. Dessa forma, são construídas inúmeras versões e especulações que ressaltam o heroísmo e a aura iluminada do novo personagem político que conclamava o povo a lutar contra seus exploradores.

Do mesmo modo que ocorreu com Bolívar, a construção de uma imagem mítica em torno do ex-presidente tem traços de espontaneidade (certamente não era esperado pelo governo da época que a prisão de Chávez reforçasse seu status de herói e herdeiro do legado de Bolívar), o que não significa que tal caráter, em vista de sua potencial força, não tenha sido também alimentado propositalmente. Ao contrário, há uma intensa mobilização por parte da

¹⁹⁰ Ibidem, p.179.

¹⁹¹ MONTERO, Maritza. Génesis y desarrollo de un mito político. **Tribuna del investigador**. Caracas: v. 1, n. 2, 1994. p. 92.

equipe de governo chavista e seus simpatizantes em fortalecer esse caráter mágico em torno de Chávez. Um grande exemplo da mitificação vivida por Chávez é que, após sua morte, sua imagem passou a ser utilizada por seu sucessor, Nicolás Maduro, de forma muito semelhante ao que acontece com Bolívar. O atual presidente se refere a Chávez como um espírito presente, afirmando em algumas ocasiões que pode ver o rosto do ex-presidente e até se comunicar com o mesmo.¹⁹²

Tal tentativa de fomentar essa áurea mítica pode ser exemplificada pela análise dos próprios discursos de Chávez e de obras que fomentem essa imagem canônica em torno do ex-presidente, como o livro *Chávez Nuestro*, publicado em 2004, pelos jornalistas cubanos Rosa Miriam Elizalde e Luis Báez. Na obra constam entrevistas e relatos de pessoas próximas ao ex-presidente, nas quais a ideia de Chávez como um homem simples, com um forte caráter popular, mas ao mesmo tempo um escolhido, um iluminado, está constantemente presente. O próprio título do livro, em uma clara alusão à oração do Pai Nosso, já é um forte indício de tal intencionalidade. Tal obra, apesar de não afirmar diretamente, sugere em vários momentos que Chávez seria como uma reencarnação do Libertador.

Es, además un historiador nato. Cuando comienza a hablar de Bolívar pareciera que el Libertador está dentro de él. Una siente que él estuvo en esos lugares, que logra ver lo que veía Bolívar. Te habla de los árboles, de los animales que lo acompañaron, de los objetos que lo rodeaban. Un día se lo hice notar: “Usted lo encarna”. Él se sonrió y me respondió: “cuidado, comadre, con lo que dice”.¹⁹³

Outra obra que reforça a ideia de Chávez como sucessor direto de Bolívar é *Historia de la Revolución Bolivariana* de Haiman El Troudi e Luis Bonilla-Molina. Tal livro tem como objetivo principal apresentar a Revolução Bolivariana como um processo que se inicia com as lutas de Bolívar e, após um logo período de deturpação dos ideais do Libertador, é reavivada no século XX com a emergência de Chávez ao poder. Os autores aqui também constroem sua narrativa de forma que Chávez seja sempre apresentado como alguém que já nascera dotado do espírito de liderança, como ao afirmarem que “Chávez es expresión de la

¹⁹² Maduro apresentou em 31/10/2013 uma imagem que ele afirma ser do rosto de Chávez em uma rocha. Já em 28/07/2014 Maduro afirma em discurso proferido em Barinas que conseguiu conversar com Chávez através de um pássaro.

¹⁹³ BÁEZ, Luis; ELIZALDE, Rosa Miriam. *Chávez Nuestro*. La Habana: Abril, 2004.

multiculturalidad del pueblo venezolano y de la construcción compartida de una forma de reconocernos como pueblo”.¹⁹⁴

El Troudi e Bonilla-Molina sugerem ainda que Chávez acumulasse em si as aspirações e o histórico das insatisfações populares. Com um capítulo intitulado “Nace el líder de la revolución bolivariana”, os autores defendem que o ex-presidente seria fruto desse momento de desejo por mudanças e, por isso, seria o líder ideal para canalizar a comoção popular em uma luta concreta.

Es decir, la Revolución Bolivariana es un proceso colectivo de construcción que sintetiza luchas, experiencias y combates por la dignidad, justicia, equidad y compromiso social del Estado a partir de la mirada solidaria de los más humildes. Chávez es hijo pródigo de este recorrido histórico de resistencias populares. Allí reside la mayor legitimidad de su mando y la razón social de su liderazgo revolucionario continental.¹⁹⁵

Outro ponto recorrente nas obras que apresentam Chávez como um predestinado à luta pela libertação de seu país natal é a atribuição de uma genealogia revolucionária ao ex-presidente. Seu ímpeto combativo é relacionado a uma herança familiar de pessoas engajadas com as causas populares. O historiador e jornalista inglês Richard Gott, por exemplo, apresenta esse legado rebelde em sua biografia sobre Chávez.

A história recente está ainda à flor da pele nesta região e a própria família Chávez representa a herança de algumas das tradições rebeldes do século 19. O bisavô do pai de Chávez era o coronel Pedro Pérez Pérez, um chefe guerrilheiro da década de 1840. Ezequiel Zamora convenceu esse coronel Pérez Pérez a unir-se a seu Exército do Povo Soberano e a lutar a seu lado contra a oligarquia latifundiária. O filho do coronel Pérez, por sua vez, foi outra figura legendária. Trata-se do general Pedro Pérez Delgado, conhecido como Maisanta, que se rebelou contra a ditadura de Juan Vicente Gómez.¹⁹⁶

Pode-se identificar essa defesa de uma linhagem familiar revolucionária também nas duas obras citadas anteriormente. Bonilla-Molina e El Troudi defendem que “proveniente de una familia vinculada al partido social cristiano COPEI, sin embargo, desde Maisanta, en los antecedentes de la familia está presente el germen de la rebeldía”. Já na obra Chávez Nuestro, tal veia rebelde é destacada no relato da tia-avó de Chávez, Ana Domínguez de Lambano, a qual afirma:

¹⁹⁴ EL TROUDI, Haiman; BONILLA-MOLINA, Luis. **Historia de la Revolución Bolivariana: pequeña crónica** (1940- 2004). Caracas: Gato Negro, 2004.

¹⁹⁵ Ibidem, p.102.

¹⁹⁶ GOTT, Richard. **À sombra do libertador: Hugo Chávez Frias e a transformação da Venezuela**. São Paulo: Expressão Popular, 2004. p.61

Maisanta era un hombre grandote, fornido, Blanco con el catiruelo, porque su madre había sido una blanca muy bella y de gran clase, y su padre un moreno grandote también. Hugo es más venezolano, pero es el mismo espíritu, y la misma cara. Compare sus retratos. El día en que se apareció en la sala de mi casa, vestido de militar, y me dijo que era bisnieto de Maisanta, no lo dudé, porque era como regresar la edad de nueve años, cuando mi padre y yo nos conocimos.¹⁹⁷

Observa-se, portanto, que existe um empenho dos teóricos da Revolução Bolivariana e seus simpatizantes em alimentar essa imagem de Chávez como um líder dotado de todas as características necessárias para livrar o país da injustiça e da desigualdade caracterizando-o, portanto, como o verdadeiro herdeiro da espada de Bolívar. O ex-presidente, por outro lado, faz questão de não se apresentar como tal em seus discursos, descrevendo-se geralmente como mero representante da vontade do povo e do anseio por mudanças que pairava sobre a sociedade venezuelana, como se pode observar em várias de suas alocações públicas.

Por inúmeras vezes Chávez se auto designa como simples condutor de um processo que parte da vontade popular, como ao afirmar em discurso a respeito da nova constituição, em 1999, que “esa voluntad y esa fuerza, no es mía, verdaderamente no es mía, yo soy apenas un conductor como un cable por el que pasa energía eléctrica. Son ustedes os que me dan esa fuerza, ese optimismo, esa energía, ese coraje”.¹⁹⁸ Em fala proferida no ano de 2000, em Havana, Chávez volta a se colocar como instrumento da causa revolucionária, dizendo que “El Libertador es nuestro guía, nuestro verdadero líder”.¹⁹⁹

Ao comentar uma matéria de revista que o apresenta como a solução para a desigualdade na Venezuela, Chávez afirma que “a veces hay la tendencia a personalizar esto, apenas soy uno más del equipo, claro, soy una especie de manager. Pero le pusieron ahí el título: “La solución Chávez”. No es la solución Chávez, más bien es la solución Venezuela lo que estamos haciendo”.²⁰⁰ Percebe-se, portanto, que Chávez mantém a lógica de se apresentar em seus discursos como parte de um movimento popular, colocando-se ao lado, e não acima, dos verdadeiros venezuelanos que lutam pela libertação da pátria, como observa-se em alocução de 1999.

¹⁹⁷ BÁEZ, Luis; ELIZALDE, Rosa Miriam. **Chávez Nuestro**. La Habana: Abril, 2004. p. 48-49.

¹⁹⁸ FRÍAS, Hugo Chávez. Discurso del Presidente de la Republica Bolivariana de Venezuela, Hugo Chávez Frías, con motivo del acto de instalación del foro constituyente. In: **1999**: año da la refundación de la Republica. Caracas: Presidencia de la República, 2005. p. 223.

¹⁹⁹ FRÍAS, Hugo Chávez. Discurso del Presidente de la Republica Bolivariana de Venezuela, Hugo Chávez Frías, con motivo de su intervención en la cumbre de los 77. In: **2000**: año de la relegitimación de los poderes. Caracas: Presidencia de la República, 2005. p. 253.

²⁰⁰ FRÍAS, Hugo Chávez. Discurso del Presidente de la Republica Bolivariana de Venezuela, Hugo Chávez Frías, con motivo del primer año de gobierno. Balance de gestión y perspectivas del año 2000. In: **2000**: año de la relegitimación de los poderes. Caracas: Presidencia de la República, 2005. p. 73.

Yo soy presidente de mi pueblo, de hombres honestos y de mujeres honestas. Soy presidente de venezolanos verdaderos; y para ser venezolano, dice una copla venezolana, para ser venezolano no basta nacer en Venezuela. Para ser venezolano hay que amar a Venezuela, amar, sentir y luchar por esta tierra. Yo soy Presidente de la República de los luchadores de la Patria nueva. Así me reconozco y así me reconocen.²⁰¹

Chávez, portanto, se auto representa como fruto de um ambiente de insatisfação generalizada da sociedade, como ao dizer em 2003, sobre sua retomada ao poder após o golpe de abril de 2002, que “el triunfo no es mío, ¡qué va a ser mío! Yo soy consecuencia, no soy causa”.²⁰² Ao agir dessa forma, Chávez, além de evitar uma possível antipatia provocada pela soberba, favorece ao fortalecimento da identidade entre líder e súditos, já que atribui a existência da Revolução Bolivariana à vontade e empenho dos venezuelanos que não se viam representados pelo antigo modelo político-econômico anterior, no qual ele próprio estaria inserido. Assim, colocando-se no mesmo patamar de seus seguidores, Chávez passa a imagem de igualdade para com seus seguidores, passando a ideia de que todos têm o mesmo valor no processo revolucionário.

²⁰¹ FRÍAS, Hugo Chávez. Discurso del Presidente de la Republica Bolivariana de Venezuela, Hugo Chávez Frías, con motivo del acto conmemorativo de los 100 años de la revolución restauradora. In: **1999**: año da la refundación de la Republica. Caracas: Presidencia de la República, 2005. p.204.

²⁰² FRÍAS, Hugo Chávez. Discurso en el encuentro de solidaridad con la revolución bolivariana efectuado en el marco del Foro Social Mundial. In: **El golpe fascista contra Venezuela**: Aquí está en juego la vida de la patria. La Habana: Plaza., 2003. p.331.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se no decorrer deste estudo que a prática de utilização das referências a Simón Bolívar tornou-se uma das principais estratégias dos governantes venezuelanos para buscar respaldo político e adesão popular. Consolidada a independência do país, Bolívar foi assimilado pelo Estado como símbolo da nova nação e, mais do que isso, como instrumento de legitimação do poder constituído.

Inicialmente mal visto aos olhos das oligarquias locais (devido, em grande parte, a seu projeto de integração territorial latino-americana), mas com força expressiva perante grande parte da população, a figura de Bolívar passa a ser o alicerce principal na formação da emergente identidade nacional venezuelana. Tendo em vista que as lutas pela independência vieram seguidas por um intenso conflito interno, envolvendo tendências conservadoras e liberais (a Guerra Federal se estendeu de 1859 a 1863), a imagem do principal líder independentista passou a ser utilizada como representação da unidade nacional. Bolívar se transformou então de desafeto de muitos membros da elite da época a símbolo máximo da recém formada nação: o “Pai da Pátria”.

O culto ao Libertador, restrito no período pós-independência à esfera privada e, em grande parte, às camadas populares, passa por um processo de incorporação ao Estado, passando a representar o poder central. Inaugurada tal institucionalização, o uso das representações que dizem respeito a Bolívar tornou-se frequente, figurando em praticamente todos os governos venezuelanos. Bolívar, portanto, sofreu um processo de mitificação e tornou-se uma constante na trama política nacional, apresentado sempre como um herói isento de críticas e questionamentos e moldado conforme a necessidade de quem se apropria de seu poder simbólico.

A insígnia do Libertador, portanto, passou a fazer parte dos mais distintos modelos de governo, variando conforme o contexto histórico e a tendência política de quem o resgatava. Bolívar, dessa forma, passou de um personagem histórico a uma espécie de espectro, presente nos mais diversos momentos políticos da Venezuela, de modo que as referências ao mesmo fossem sempre mutáveis conforme as particularidades de cada cenário. Dessa forma, foi utilizado no processo de unificação nacional, nas ditaduras militares que marcaram grande parte da história do país ou em períodos democráticos, sendo que sua imagem se transmutava conforme a conveniência de cada um dos governos.

O que não costumava mudar, no entanto, era o papel unificador atribuído a Bolívar pelo discurso oficial. Se algumas características do Libertador se modificavam de governo para governo, a constante é que o herói nacional foi quase sempre utilizado como um símbolo de coesão nacional, um personagem agregador em torno do qual a população deveria superar as diferenças e se unir visando um bem comum. A maleabilidade que sempre caracterizou o mito bolivariano, portanto, apresentou um traço imutável no que diz respeito ao caráter integracionista que comumente pautou sua apropriação.

A tendência unificadora atribuída a Bolívar pelos governos venezuelanos veio geralmente acompanhada de outras duas invariáveis: seu caráter conservador e sua legitimidade quase incontestável. Conservador porque geralmente sua figura foi vinculada à manutenção do *status quo*, como símbolo do poder estabelecido. E incontestável porque sua simbologia na maioria das vezes não necessitava - ou ao menos não era acompanhada - de maiores justificativas. Assim, o Bolívar incorporado pelo Estado, apesar de sua força junto à população, funcionou muito mais como um símbolo fossilizado do poder central do que um tema em torno do qual houvesse uma discussão política. Enquanto existem registros que, durante a Guerra Federal, Bolívar foi apropriado pelas camadas populares para reivindicar seus direitos e justificar rebeliões, o personagem institucionalizado pelo Estado parecia pairar acima das questões sociais.

Tal distanciamento entre Bolívar e demandas populares foi fomentado também pelo fato de a esquerda venezuelana por muito tempo relegar o legado do Libertador, o qual era considerado um detentor de valores conservadores e autoritários. Tal repulsa só se amenizou em meados de 1960, quando uma parte dos esquerdistas, principalmente dissidentes do Partido Comunista Venezuelano, passaram a defender a mescla entre elementos do socialismo clássico e de teóricos locais. Nesse contexto, há uma reinterpretação dos ideais dos heróis nacionais, dentre os quais Bolívar sempre foi o principal expoente.

É dentro de tal cenário de revalorização das ideias do Libertador pela esquerda, que inclusive teve influência em alguns setores das Forças Armadas, que começam a surgir os primeiros grupos rebeldes que tramavam contra o modelo de governo neoliberal da época. Tal contexto, somado a uma crise política e econômica que se agravou na década de 80, ofereceu o terreno ideal para que tais alianças ganhassem força. Surge então o MRB-200, grupo composto por civis e militares que empreendeu uma tentativa de golpe em 1992, sob o comando do tenente coronel Hugo Chávez.

O golpe não obtém êxito, no entanto a figura do líder do movimento ganha notoriedade em toda a Venezuela, sobretudo entre as camadas populares. Com seu grupo auto-designado de bolivariano, Chávez se apresenta como alguém que pretendia se valer das ideias do Libertador para inaugurar um novo sistema de governo, pautado em medidas inclusivas e redistributivas. Candidato a presidência em 1998, Chávez vence as eleições e assume o poder pregando a necessidade de um processo revolucionário que modificasse essencialmente o modelo político-econômico vigente, intitulado seu governo de “Revolução Bolivariana”.

Chávez, portanto, emerge ao poder mantendo a prática de utilização do simbolismo referente à Simón Bolívar, talvez dando uma ênfase maior do que qualquer um de seus antecessores. O termo “bolivariano” torna-se uma constante no cenário político nacional, extrapolando inclusive os limites da Venezuela. Mesmo nos dias atuais é interessante observar como tal adjetivo está presente nas discussões políticas da América Latina, sendo utilizado na maior parte das vezes para caracterizar tendências de esquerda.

A forma como Chávez reconstrói a figura do Libertador, no entanto, apresenta uma diferença essencial em relação aos governos anteriores: o caráter revolucionário atribuído a Bolívar. Enquanto a maioria dos ex-presidentes utilizaram o herói nacional como símbolo da coesão nacional, Chávez defendeu um resgate prático de seus ideais, defendendo que o legado político do Libertador serviria de suporte teórico para um processo revolucionário que buscava libertar a maioria do povo das garras de uma elite que concentrava o poder econômico e político. E reside justamente aí a inovação que Chávez atribui ao personagem já há muito utilizado pelos governantes: Bolívar seria o justificador de uma ruptura social na Venezuela, um embate nacional entre os desfavorecidos e os que monopolizavam as riquezas e o comando do país.

Tendo como principal arma sua retórica contagiante, Chávez se utilizou de discursos inflamados nos quais defendeu a cisão existente no país. Recorrendo a Bolívar e a outros elementos que despertam a comoção popular (como Jesus, os Patriotas e os demais heróis do panteão nacional), o ex-presidente relacionava constantemente em suas alocações públicas as semelhanças da luta de Bolívar contra os ibéricos e as elites que apoiavam tal submissão à Coroa espanhola com o contexto histórico contemporâneo. Dessa forma, Chávez justificava, a partir da utilização de elementos com grande influência no imaginário local, a legitimidade de sua luta contra os que cerceavam os direitos da maioria. Criou-se, então, na Venezuela um

verdadeiro clima de guerra entre os que apoiavam e os que se opunham ao processo revolucionário proposto.

Enquanto os opositores acusavam Chávez de utilizar o simbolismo referente a Bolívar como uma alegoria sem fundamentos concretos, o ex-presidente sempre defendeu o caráter prático de suas ideias, as quais poderiam, se adaptadas, serem totalmente pertinentes a realidade da época. Os ideais do Libertador, portanto, eram defendidos pelos teóricos do governo como sendo a base teórica do processo revolucionário. Por outro lado, os críticos de Chávez alertavam para os perigos inerentes ao uso de um personagem tão influente junto à população de forma segregacionista, já que o discurso oficial aproximava Bolívar dos que apoiavam o regime chavista enquanto condenava a oposição ao papel de traidores da pátria, os relacionando com a antiga oligarquia que frustrou os ideais do Libertador.

Não se pretende em tal pesquisa analisar se os ideais de um personagem que morreu há quase dois séculos podem ser relevantes no contexto político atual, nem mesmo concluir se Chávez utilizou Bolívar demagoricamente ou realmente acreditava na pertinência que seu legado pudesse ter no novo cenário em questão. Muito menos se almeja julgar os benefícios e deméritos de seu governo. O que se busca é identificar, através da análise dos discursos chavistas destinados à grande massa, se o ex-presidente procurou realmente dar exemplos concretos de que as ideias de Bolívar poderiam ser úteis na atualidade (promovendo discussões acerca dos valores e propostas do herói nacional e as relacionando com as demandas da época) ou se simplesmente utilizou Bolívar como uma estratégia de comoção popular e marketing político.

A partir da abordagem dos discursos escolhidos como fonte neste estudo (feitos nos anos de 1999, 2000, 2001, 2002 e início de 2003) percebe-se que a grande maioria das referências utilizadas por Chávez em tais ocasiões – ressaltando que foram selecionadas as alocações públicas do ex-presidente, ou seja, abertas à população e sem um público previamente selecionado – parecem ser usadas no intuito de empolgar ou comover a grande massa. As discussões políticas, por outro lado, são escassas em tais alocações, sendo que as passagens que se referem ao Libertador são geralmente carregadas de misticismo e fantasia, tratando o personagem como alguém dotado de poderes sobre-humanos, que é capaz de se fazer presente na mente e no coração de cada um dos que se empenham em promover essa nova independência na Venezuela.

Além disso, o heroísmo e a tendência democrática e popular atribuídos a Bolívar (que são alvo de inúmeras críticas) são tratados como irrefutáveis em suas palavras. Mais do que isso: as interpretações que contrariam tal imagem são atribuídas aos inimigos da pátria, que tentam denegrir a imagem do Libertador por não terem interesse em um país com mais igualdade social.

O que nota-se, portanto, é que o debate acerca dos ideais do Libertador e a tentativa de associá-las aos problemas da atualidade não são uma constante em tais falas. Vez ou outra é utilizada alguma frase de Bolívar – ou que faça menção a ele – como forma de justificar algumas das características de seu governo (principalmente a participação popular direta, o papel de agente social das Forças Armadas e a proposta de união latino-americana). Na maior parte das vezes, contudo, a opção é por frases de cunho filosófico e profético, nas quais se destacam o empenho de Bolívar pela liberdade do povo venezuelano, as traições de que foi vítima por parte das antigas oligarquias locais e a necessidade de a população se inebriar de tal coragem e fazer valer a luta do líder que sacrificou sua vida pela libertação nacional.

Dessa forma, a imagem de Bolívar pode transitar entre o heroísmo e a frustração, sendo caracterizado ao mesmo tempo como guerreiro e vítima, homem e santidade, teórico político e guia espiritual, variando conforme a conveniência e o contexto nos quais é inserida. Além disso, muitas frases do Libertador utilizadas por Chávez são deturpadas de seu sentido original, sendo que várias passagens são recortadas da totalidade do texto, ou apropriadas sem a devida crítica histórica, e encaixadas arbitrariamente em suas falas, de forma que se induza a uma falsa relação entre os escritos originais de Bolívar e o momento vivido na Venezuela. Outras passagens, muitas fazendo menção à grandeza e valentia do povo venezuelano, funcionam como forma de incentivo, repetidas à exaustão em tom de palavras de ordem e verdades incontestáveis.

Nota-se, portanto, que a proposta chavista de reinvenção da figura de Bolívar através de um viés revolucionário, e, por isso, condizente com o cenário de divisão presente na Venezuela que adentrava o século XXI, parece funcionar muito mais como uma estratégia retórica do que propriamente sustentar uma agenda política clara. Ao menos é o que se pode identificar através da análise dos discursos selecionados nesta pesquisa. Se por um lado é difícil encontrar, em suas falas direcionadas à grande massa, uma discussão sistemática de

quais valores de Bolívar sustentariam o arcabouço teórico de seu governo²⁰³, por outro é fácil de identificar referências ao Libertador como forma de comover a população.

A fundamentação de Chávez de que o resgate dos ideais de Bolívar poderiam oferecer soluções pertinentes ao panorama contemporâneo esbarra, portanto, na permanência de uma utilização mítica do Libertador. Sua tentativa de encaixar o nome de Bolívar em todas as esferas possíveis (Revolução Bolivariana, Constituição Bolivariana, Povo Bolivariano, Círculos Bolivarianos), assim como a relação feita entre a época das lutas coloniais e a atual proposta de combate a um modelo neoliberal de governo, dificilmente é justificada em seus discursos públicos de uma forma clara. O que se pode encontrar, geralmente, são explicações carregadas de argumentos sem muito embasamento histórico ou político. Não há um debate junto à população a respeito de quais seriam os elementos válidos desse legado de Bolívar e em quais campos os mesmos poderiam ser utilizados. Predominam, por outro lado, expressões que apresentam o Libertador como um tipo de espírito onipresente, que zela pelos que se empenham em suceder sua luta e abençoa o processo revolucionário.

Além disso, nota-se um esforço considerável por parte da equipe de governo de Chávez e seus simpatizantes - em especial os com uma carreira intelectual encaminhada - em construir, por meio de biografias e obras que atribuam características, ideias e valores semelhantes, uma relação entre o herói nacional e o próprio ex-presidente (apesar de o próprio fazer questão de destacar em seus discursos que apenas é parte de um amplo movimento popular). Destacam-se em tais livros, por exemplo, o interesse de Chávez, desde criança, na vida de Bolívar, as similaridades na formação militar dos dois, a genealogia revolucionária presente na família de Chávez e a coragem e liderança que marcavam a personalidade de ambos.

O que se pode concluir de tal pesquisa, portanto, é que Chávez utilizou em seus discursos essa nova roupagem em torno de Bolívar - o apresentando como um personagem de ideais revolucionários e atuais - muito mais como uma estratégia de convencimento e comoção popular do que como um alicerce sólido de suas propostas de governo. Tal constatação não exclui, no entanto, a hipótese de que Chávez possua exposições convincentes a respeito da pertinência dos ideais do Libertador em seu modelo de governo. Como já foi

²⁰³ Como já foi discutido no segundo capítulo, a extensa produção de Bolívar revela um personagem em constante mutação no que diz respeito a suas ideias políticas. Podemos encontrar visões bastante divergentes a respeito de assuntos como: o melhor sistema de governo para a América, escravidão, participação popular no processo político, dentre outros. Tais opiniões variam, sobretudo, de acordo com a fase vivida pelo Libertador e dos destinatários de seus escritos.

ressaltado, o foco deste estudo foi a análise dos grandes discursos chavistas, destinados a um público aberto, heterogêneo e não selecionado. Não se desconsidera, portanto, que os encontros destinados a essa discussão mais sistemática e especializada esteja restrita a um público menos abrangente ou a encontros previamente destinados ao debate de tais temas (como poderiam ser, por exemplo, o espaço dos Círculos Bolivarianos). Mas o Bolívar apresentado nos grandes discursos políticos de Chávez vai muito além de um herói ou teórico político, perpassando a natureza humana e se fazendo presente espiritualmente na luta dos que almejam mudanças e guiando as ações do comandante de tal processo de libertação nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES:

FRÍAS, Hugo Chávez. **El golpe fascista contra Venezuela:** aquí está en juego la vida de la patria. La Habana: Plaza, 2003.

_____. **1999:** año de la refundación de la Republica. Caracas: Presidencia de la Republica, 2005.

_____. **2000:** año de la relegitimación de poderes. Caracas: Presidencia de la Republica, 2005.

_____. **2001:** año de las leyes habilitantes. Caracas: Presidencia de la Republica, 2005.

_____. **2002:** año de la resistencia antiimperialista. Caracas: Presidencia de la Republica, 2005.

OBRAS DE REFERÊNCIA:

ACEDO, Clemy Machado. Gobierno de López Contreras. In: **Diccionario de Historia de Venezuela.** Caracas: Fundación Polar, Tomo II, 1994.

ANTUNES, Jair. **Marx e a América para além da história do capitalismo.** São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2007.

ARENAS, Nelly. CALCAÑO, Luis Gómez. Los círculos bolivarianos: el mito de la unidad del pueblo. **América Latina Hoy.** Salamanca: v. 39, 2005.

ARVELAIZ, Maximilien. **Utopia Rearmed, Chávez and the Venezuela Left.** London: MS in Latin American Policies, 2000.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: **Enciclopédia Einaudi.** Lisboa: Antropos, 1985.

BÁEZ, Luis; ELIZALDE, Rosa Miriam. **Chávez Nuestro.** La Habana: Abril, 2004.

BALANDIER, Georges. Mitos Políticos de Colonização e Descolonização. In: **As Dinâmicas Sociais.** São Paulo: Difel, 1976.

BARROS, Pedro Silva. Chávez e Petróleo: uma análise da nova política econômica venezuelana. **Cadernos PROLAM/USP.** São Paulo: v. 2, 2006.

BERMÚDEZ, Emília; MARTINÉZ, Gildado. Hugo Chávez: La articulación de un sentido para la acción colectiva. **Espacio Abierto.** Maracaibo: n. 1, v. 9, 2000.

BETTANCOURT, Rómulo. **Trayectoria democrática de una Revolución:** discursos y conferencias pronunciados en Venezuela durante el ejercicio de la presidencia de la J.R.G de los E.U. de Venezuela. Caracas: Imprensa nacional, 1948.

BLANCO-FOMBONA, Rufino. O idealismo internacionalista de Bolívar. **A Manhã.** Rio de Janeiro: 29/10/1944. Suplemento Pensamento da América.

BLANCO MUÑOZ, Agustín. **Habla el comandante.** Caracas: UCV, 1998.

BOLÍVAR, Simón. **Obras completas.** Caracas: Vicente Lecuna, 1964.

_____, Simón. **Proclamas de Simón Bolívar, libertador de Colombia.** New York: D. Appleton y Compañía. 1929.

BRADING, David. **Orbe Indiano:** de la monarquía católica a la república criolla. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1991. p.658.

BURKE, Peter. **A fabricação do rei:** a construção da imagem pública de Luis XIV. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

BUTTÓ, Luís Alberto. ¿Militarismo en Venezuela en los albores del siglo XXI? In: CASTILLO, Hernán; DONÍS, Manuel; IRWING, Domingos. (Org.). **Militares y civiles:** Balance y perspectivas de las relaciones civiles-militares en el segunda mitad del siglo XX. Caracas: Universidad Católica Andrés Bello, 2005.

CABALLERO, Manuel. **Por qué no soy bolivariano:** una reflexión antipatriótica. Caracas: Alfadil, 2006.

CANOVAN, Margareth. **Populism.** London: Junction Books, 1981.

CAPELATO, Maria Helena. **Multidões em cena:** propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas: Papyrus, 1998.

CARDOSO, Ciro Flamarion. História e poder: uma nova história política? In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Novos domínios da história.** Rio de Janeiro: Campus, 2012.

CARRERA-DAMAS, Germán. **El culto a Bolívar.** Caracas: Biblioteca de la Universidad Central de Venezuela, 1973.

CARVALHO, José Murilo. **A formação das Almas:** o imaginário da república no Brasil. São Paulo: Schwarcz, 2005.

CASSIRER, Ernst. **El mito del Estado.** Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

CERVO, Amado Luiz. A Venezuela e seus vizinhos. In: GUIMARÃES, Samuel Pinheiro; CARDIM, Carlos Henrique (Org.). **Venezuela:** Visões brasileiras. Brasília: IPRI, 2003.

DELUCA, María Elena González. Historia, usos, mitos, demonios y magia revolucionaria. **Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales**. Caracas: v. 11, n. 2, 2005.

EL TROUDI, Haiman; BONILLA-MOLINA, Luis. **Historia de la Revolución Bolivariana: Pequeña Crónica 1940- 2004**. Caracas: Gato Negro, 2004.

_____, Haimon. Participación popular en la Revolución Bolivariana. In: **Para comprender la Revolución Bolivariana**. Caracas: Presidencia de la República, 2004.

FALCON, Francisco. História e poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da história**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FERREIRA, Carla Cecília Campos. Bolivarianismo e Chavismo: os desafios ideológicos do processo venezuelano. **História e lutas de classe**. n. 4, 2007.

_____, Carla Cecília Campos. **Ideologia bolivariana: as apropriações do legado de Simón Bolívar em uma experiência de povo em armas na Venezuela. O caso da Guerra Federal (1859-1863)**. Porto Alegre: UFRS, 2006.

FERREIRA, Marieta de Moraes. A nova “velha história”: o retorno da história política. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, n. 10, 1992.

FREDRIGO, Fabiana de Souza. As guerras de Independência, as práticas sociais e o código da elite na América Latina do século XIX. **Varia História**. Belo Horizonte: v. 23, n. 38, 2007.

_____, Fabiana de Souza. **Guerras e Escritas: a correspondência de Simón Bolívar (1799-1830)**. São Paulo: UNESP, 2010.

GALLEGOS, Rómulo. Discurso no ato de fundação da Ação Democrática, 1941, In: **Documentos fundamentais de la historia de Venezuela (1770-1993)**. Caracas: CEC, 1999.

GARRIDO, Alberto. **Historia secreta de la Revolución Bolivariana**. Caracas: Edición del autor, 2000

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

GONZÁLEZ, Franklin. **El Pacto de Punto Fijo, la Agenda Venezolana y el Programa Económico de Transición 1999- 2000: Desarrollo y sus problemas**. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 2001.

GOTT, Richard. **À sombra do libertador: Hugo Chávez Frias e a transformação da Venezuela**, São Paulo: Expressão Popular, 2004.

GRIGULEVITCH, José. Por qué escribí la biografía de Bolívar. In: FILIPPI, Alberto (Org.). **Bolívar y Europa en las crónicas, el pensamiento político y la historiografía**. Caracas: Presidencia de la República, 1992.

HALLBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértices, 1990.

HARWICH VALLENILLA, Nikita: **Un héroe para todas las causas: Bolívar en la historiografía. Iberoamericana.** Madrid: v. 3, n. 10, 2003.

HERMET, Guy. El populismo como concepto. **Revista de Ciencia Política.** Santiago: v. 23, n. 1, 2003.

IZARRA, William. Orígenes y fundamentos ideológicos de la Revolución Bolivariana. In: **Para comprender la Revolución Bolivariana.** Caracas: Presidencia de la República, 2004.

JULLIARD, Jacques. A política. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). **História: novas abordagens.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

LAGROU, Pieter. Sobre a atualidade da História do Tempo Presente. In: PÔRTO JR, Gilson. **História do Tempo Presente.** Bauru: EDUSC, 2007.

LANDER, Edgardo. **Neoliberalismo, sociedad civil y democracia:** ensayos sobre Venezuela y América Latina. Caracas: Facultad de Ciencias Económicas y Sociales, Universidad Central de Venezuela, 1994.

LE GOFF, Jacques. **O imaginário medieval.** Lisboa: Estampa, 1994.

LEMOINE, Maurice. Venezuela's press power. **Le Monde diplomatique.** Paris: 24 de julho de 2010.

LIMA, Maria Emilia A. T. **A construção discursiva do povo brasileiro:** os discursos de primeiro de Maio de Getúlio Vargas. Campinas: Unicamp, 1990.

LÓPEZ-MAYA, Margarita. Populismo y inclusión en el caso del proyecto bolivariano. In: RIBES, María Ramírez. (Org.). **¿Cabemos todos?** Los desafíos de la inclusión. Caracas: Club de Roma, 2004.

_____, Margarita. Insurrecciones de 2002 en Venezuela: Causa e implicaciones. In: SEOANE, José (Org.). **Movimientos sociales y conflictos en América Latina.** Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2003.

MARINGONI, Gilberto. **A Venezuela que se inventa:** poder, petróleo e intriga nos tempos de Chávez. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

MAZA ZAVALA, Domingo Felipe. História de Meio Século na Venezuela: 1926- 1975. In: CASANOVA, Pablo González (Org.). **América Latina:** história de meio século. Brasília: UNB, 1988.

MENENDÉZ DEL VALLE, Emílio. Dramática polarización en Venezuela. **El País.** Madrid: 26 de julho de 2003.

MONTERO, Maritza. Génesis y desarrollo de un mito político. **Tribuna del investigador.** Caracas: v. 1, n. 2, 1994.

MOROTE, Herbert. **Bolívar:** libertador y enemigo número 1 del Perú. Lima: Jaime Campadonico, 2007.

NEVES, Rômulo Figueira. **Cultura política e elementos de análise da política venezuelana**. Brasília: FUNAG, 2010.

NUÑEZ TENORIO, José Rafael. **Bolívar y la guerra revolucionaria**. Caracas: Nueva Izquierda, 1969.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra História: imaginando o Imaginário. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: v. 15, n. 29, 1995.

PINO ITURRIETA, Elias. **El Divino Bolívar**: ensayo sobre una religión republicana. Madrid: Libros de la Catarata, 2003.

PRADO, Maria Lígia Coelho. Bolívar, Bolívares. **Folha de São Paulo**. São Paulo: 1983. Folhetim.

RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.

RIVAS-AGUILAR, R. El proyecto bolivariano: la restitución del ciclo andino y del proyecto octubrista. **Revista de Economía de la Universidad de los Andes**. Caracas: n. 24, 2007.

ROMERO, Juan Eduardo. Usos e interpretaciones de la Historia de Venezuela en el pensamiento de Hugo Chávez. **Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales**. Caracas: v. 11, n. 2, 2005.

ROSANVALLON, Pierre. **Por uma história do político**. São Paulo: Alameda, 2010.

ROUSSO, Henry. A história do tempo presente, vinte anos depois. In: PÔRTO JR., Gilson (org.). **História do Tempo Presente**. Bauru: EDUSC, 2007.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Estado sem nação: a criação de uma memória oficial no Brasil do Segundo Reinado. In: NOVAES, Adauto (Org.). **A crise do Estado-Nação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

TAVARES, Francisco Mata Machado. Três variantes do personalismo na política da América hispânica: O Caudilhismo, o Bolivarianismo e o Populismo como expressões de afirmação regional. **Cadernos PROLAM/USP**. São Paulo: v. 1, 2011.

THIBAUD, Clément. De la ficción al mito: los llaneros de la independencia en Venezuela. In: CARRERA-DAMAS, Germán; CURIEL, Carole Leal; LOMNÉ, Georges; MARTÍNEZ, Frédéric (Org.). **Mitos políticos en las sociedades andinas**: orígenes, invenciones e ficciones. Caracas: Equinoccio, 2006.

UCHOA, Pablo. **Venezuela**: A encruzilhada de Hugo Chavez. São Paulo: Globo, 2000.

VELÁSQUEZ, Gaspar. Orígenes y Fundamentos Ideológicos de la Revolución Bolivariana. In: **Para comprender la Revolución Bolivariana**. Caracas Presidencia de la República, 2004.

VILLA, Rafael Duarte, Venezuela: mudanças políticas na era Chávez. In: **Estudos Avançados**. São Paulo: USP, v. 19, n. 55, 2005.

VOLVELLE, Michel. **Ideologias e Mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

XAVIER-GUERRA, François. La ruptura originaria. In: CARRERA-DAMAS, Germán; CURIEL, Carole Leal; LOMNÉ, Georges; MARTÍNEZ, Frédéric (Org.). **Mitos políticos en las sociedades andinas: orígenes, invenciones e ficciones**. Caracas: Equinoccio, 2006.

WEBER, Max. A política como vocação. In: **Ensaio sociológicos**. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

YERGUIN, Daniel. **O petróleo: uma história de ganância, dinheiro e poder**. São Paulo: Scritta, 1993.